



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE DA CRIANÇA
E DO ADOLESCENTE
CENTRO DE CIÊNCIAS MÉDICAS

JULIANE LIMA PEREIRA DA SILVA

REPERCUSSÕES DE UMA INTERVENÇÃO EDUCATIVA SOBRE AS PRÁTICAS
PARENTAIS COM MÃES EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE

RECIFE

2024

JULIANE LIMA PEREIRA DA SILVA

REPERCUSSÕES DE UMA INTERVENÇÃO EDUCATIVA SOBRE AS PRÁTICAS
PARENTAIS COM MÃES EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE

Tese apresentada ao colegiado do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutor em saúde da criança e do adolescente.

RECIFE

2024

Ficha catalográfica

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Silva, Juliane Lima Pereira da.

Repercussões de uma intervenção educativa com mães em contexto de vulnerabilidade sobre as práticas parentais / Juliane Lima Pereira da Silva. - Recife, 2024.

174 f.: il.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Médicas, Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, 2024.

Orientação: Maria Wanderleya Lavor Coriolano Marinus.

Coorientação: Francisca Márcia Pereira Linhares.

Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Desenvolvimento infantil; 2. Vulnerabilidade social; 3. Educação parental. I. Marinus, Maria Wanderleya Lavor Coriolano. II. Linhares, Francisca Márcia Pereira. III. Título.

UFPE-Biblioteca Central

JULIANE LIMA PEREIRA DA SILVA

REPERCUSSÕES DE UMA INTERVENÇÃO EDUCATIVA SOBRE AS PRÁTICAS
PARENTAIS COM MÃES EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE

Tese apresentada ao colegiado do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, do Centro de Ciências Médicas, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutor em saúde da criança e do adolescente.

Aprovada em: 23/09/2024

BANCA EXAMINADORA

Profa^a Dra^a Maria Wanderleya de Lavor Coriolano Marinus (Examinadora interna)
Universidade Federal de Pernambuco- UFPE

Prfa^a Dra^a Weslla Karla Albuquerque Silva de Paula (Examinadora interna)
Universidade Federal de Pernambuco- UFPE

Prfa^a Dra^a Nayara Gonçalves Barbosa (Examinadora Externa por Vídeo Conferência)
Universidade de São Paulo (USP)

Prfa^a Dra^a Claudia Marina Tavares de Araújo (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco- UFPE

Prfa^a Dra^a Mirela Dantas Ricarte (Examinadora Externa por Vídeo Conferência)
Universidade Federal de Pernambuco- UFPE

RESUMO

Objetivo: O presente estudo visa analisar as repercussões de uma intervenção educativa participativa sobre parentalidade positiva com mães de crianças de zero a seis anos em contexto de vulnerabilidade social. Entender o motivo de alguns indivíduos conseguirem exercer de maneira positiva a parentalidade, enquanto outros não, tem sido motivo de investigações com a finalidade de intervir neste processo fundamental para o desenvolvimento infantil. **Método:** O estudo é de intervenção, através da pesquisa participativa em saúde, de abordagem qualitativa. A pesquisa foi desenvolvida com mães de crianças de zero a seis anos em uma instituição de assistência social, localizada no bairro da Várzea, na cidade do Recife, Pernambuco. As etapas da pesquisa consistiram em: Identificação da situação inicial, planejamento/implementação da ação educativa e avaliação dos resultados da intervenção educativa. A análise dos dados qualitativos seguiu as fases de compilação dos dados, decomposição, recomposição, interpretação e conclusão. A codificação dos dados ocorreu de forma manual e as categorias foram articuladas com o referencial bioecológico do desenvolvimento humano, de Urie Bronfenbrenner. **Resultados:** O estudo possibilitou a construção coletiva de ações para o fortalecimento de competências parentais. Na fase pré-intervenção, as principais categorias emergidas pelas mães, abordaram os conhecimentos, sentimentos e vivências acerca da parentalidade. Na fase pós-intervenção, as mulheres relembram suas práticas parentais antes dos workshops realizados, relatam os conhecimentos adquiridos após a intervenção educativa participativa, reconhecem suas mudanças de comportamento e das crianças, após participação dos workshops, e discorrem sobre os fatores que permanecem dificultando a implementação de práticas parentais positivas. A redução de castigos físicos e o aumento da prática do diálogo, do brincar e da leitura como rotina foram resultados predominantes emergidos através das falas das participantes do estudo. Escores do desenvolvimento social e emocional das crianças também apresentaram melhorias. **Considerações finais:** Estudos no sentido de analisar as famílias de forma mais aproximada através de visitas domiciliares são necessárias, bem como pesquisas articuladas a outros microssistemas, como escolas, visto que o professor influencia nos escores do desenvolvimento social e emocional da criança.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil; Vulnerabilidade social; Educação parental; Intervenção Educativa

ABSTRACT

Objective: This study aims to analyze the repercussions of a participatory educational intervention on positive parenting with mothers of children aged zero to six years in a context of social vulnerability. Understanding why some individuals are able to exercise positive parenting while others are not has been the subject of research with the aim of intervening in this fundamental process for child development. **Method:** This is an intervention study, through participatory health research, with a qualitative approach. The research was developed with mothers of children aged zero to six years in a social assistance institution, located in the Várzea neighborhood, in the city of Recife, Pernambuco. The research stages consisted of: identification of the initial situation, planning/implementation of the educational action and evaluation of the results of the educational intervention. The analysis of the qualitative data followed the phases of data compilation, decomposition, recomposition, interpretation and conclusion. The data were coded manually and the categories were articulated with the bioecological framework of human development, by Urie Bronfenbrenner. **Results:** The study enabled the collective construction of actions to strengthen parenting skills. In the pre-intervention phase, the main categories that emerged from the mothers addressed knowledge, feelings, and experiences about parenting. In the post-intervention phase, the women recalled their parenting practices before the workshops, reported the knowledge acquired after the participatory educational intervention, recognized changes in their behavior and that of their children after participating in the workshops, and discussed the factors that continue to hinder the implementation of positive parenting practices. The reduction in physical punishment and the increase in the practice of dialogue, play, and reading as a routine were predominant results that emerged through the statements of the study participants. Scores for the social and emotional development of the children also showed improvements. **Final considerations:** Studies aimed at analyzing families more closely through home visits are necessary, as well as research linked to other microsystems, such as schools, since the teacher influences the scores for the social and emotional development of the child.

Keywords: Child development; Social vulnerability; Parental Education; Educational Intervention.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Workshops sobre práticas parentais.....	44
Quadro 2 - Resultado dos escores do instrumento swyc pré-intervenção	57
Quadro 3 - Análise indutiva das entrevistas individuais pré-intervenção	59
Quadro 4 - Análise indutiva das entrevistas individuais pós-intervenção	66
Quadro 5 - Resultado dos escores do instrumento swyc pós-intervenção.....	73
Quadro 6 - Resultado dos escores do instrumento swyc pré e pós- intervenção	74

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	Justificativa.....	10
1.2	Pergunta condutora.....	11
1.3	Objetivos.....	11
1.3.1	Geral	11
1.3.2	Específicos	12
1.4	Estrutura da tese.....	12
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	12
2.1	Educação parental: construção histórica e social.....	12
2.2	Família e práticas parentais no cuidado à criança na primeira infância.....	18
2.3	Desenvolvimento socioemocional infantil	26
2.4	Fatores que influenciam o desenvolvimento socioemocional infantil.....	29
2.5	Delineamentos de pesquisa em desenvolvimento socioemocional infantil	34
3	PERCURSO METODOLÓGICO.....	36
3.1	Caracterização do estudo	36
3.2	Cenário do estudo.....	36
3.3	Participantes do estudo	37
3.4	Coleta de dados.....	37
3.4.1	Etapa 1 – identificação das situações iniciais.....	38
3.4.1.1	<i>Roteiro de caracterização socioeconômica.....</i>	<i>39</i>
3.4.1.2	<i>Entrevista individual semiestruturada com as mães</i>	<i>39</i>
3.4.1.3	<i>Avaliação do desenvolvimento infantil por meio do the survey of well-being of young children (swyc)-br</i>	<i>40</i>
3.4.2	Etapa 2 – planejamento da intervenção educativa.....	42
3.4.3	Etapa 3- implementação da intervenção educativa.....	42
3.4.4	Etapa 4 – avaliação dos resultados da intervenção educativa	52
3.5	Análise dos dados.....	52
3.6	Aspectos éticos	53
4	RESULTADOS.....	54
4.1	Etapa pré-intervenção (dados sociodemográficos, desenvolvimento infantil e entrevistas individuais)	54
4.2	Etapa pós-intervenção (entrevistas individuais e reaplicação dos swyc)	66

5	DISCUSSÃO.....	76
5.1	Categorias da fase pré-intervenção segundo elementos da teoria bioecológica de bronfenbrenner	76
5.1.1	Elemento pessoa.....	76
5.1.2	Elemento processo proximal	81
5.1.3	Elemento contexto.....	84
5.2	Categorias da fase pós-intervenção segundo elementos da teoria bioecológica de bronfenbrenner	88
5.2.1	Elemento pessoa.....	88
5.2.2	Elemento processo proximal.....	92
5.2.3	Elemento contexto e tempo	95
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
	REFERÊNCIAS	100
APÊNDICE	A- ROTEIRO PARA CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA	109
APÊNDICE	B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA INDIVIDUAL PRÉ-INTERVENÇÃO	110
APÊNDICE	C - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA INDIVIDUAL PÓS-INTERVENÇÃO	112
APÊNDICE	D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	113
APÊNDICE E-	ARTIGO ORIGINAL SUBMETIDO À REVISTA PSICOLOGIA EM ESTUDO	115
APÊNDICE F -	ARTIGO 2- PUBLICADO NA REVISTA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM	136
APÊNDICE G -	ARTIGO DE REVISÃO	151
ANEXO A -	AVALIAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL POR MEIO DO THE SURVEY OF WELL-BEING OF YOUNG CHILDREN (SWYC)	171

1 INTRODUÇÃO

Parentalidade positiva é um constructo multidimensional, composto por atitudes que as figuras parentais exercem, ao disponibilizar recursos familiares que promovam segurança e o pleno desenvolvimento da criança (Coltro; Paraventi; Vieira, 2020). Essas atitudes consistem nas práticas parentais, que consistem em ferramentas que os pais utilizam com o objetivo de promover a socialização dos seus filhos. Essas práticas podem desenvolver tanto atitudes pró-sociais, quanto antissociais (Silva; Vieira, 2018).

O exercício da parentalidade, por sua vez, sofre influência de vários determinantes de maneira complexa e articulada, como por exemplo, o estado psicológico dos pais, situação socioeconômica, experiências vividas na infância e cognição. O modelo teórico de Belsky aponta para os determinantes da parentalidade, dividindo-os em três aspectos: estado psicológico dos pais, características individuais da criança e fatores ambientais (Belsky, 1984; St-Laurent *et al.*, 2019; Alharbi, 2019).

Quanto à estrutura psicológica dos pais, nota-se que, se existe a capacidade por parte desses em manter uma relação responsiva e afetiva com seus filhos, e quando estes sentem que são amados, conseguem desenvolver uma personalidade resiliente, facilitando a capacidade de enfrentar as adversidades e condições de vulnerabilidade no cotidiano. As características individuais da criança, segundo a teoria de Belsky, também são fatores que influenciam a parentalidade. Essas características são refletidas através do temperamento, que consiste em características inatas de determinada pessoa, sendo considerado como base constitucional que influencia a autorregulação comportamental. Apesar de ser de base constitucional, não é imutável, pelo contrário, é passível de evolução a partir da participação de interações pessoais, especialmente pais-filho (Belsky, 1984; St-Laurent, 2019).

Assim como a característica da criança altera a dos pais, o contrário também é verdadeiro, estabelecendo-se uma relação de reciprocidade. Condições adversas, como altos níveis de estresse nos pais, podem acarretar alterações de conduta na criança, elevando ainda mais o estresse parental e consequentemente, atitudes menos responsivas (St-Laurent, 2019). Alguns dos desafios enfrentados pelos pais de crianças em idade pré-escolar são acessos de raiva, choro, brigas, agressões físicas (mordidas, bater, beliscar) e dificuldades relacionadas ao sono e alimentação. Esses comportamentos têm sido associados a estilos parentais autoritários e ao sofrimento parental (exemplo, sintomas depressivos maternos, estresse parental e níveis de ansiedade) (Rosca; Luga; David, 2023).

Os fatores ambientais e contextuais são o terceiro pilar dentre os determinantes que influenciam a parentalidade. Situações de pobreza, baixa escolaridade, recebimento de recursos sociais, estado civil e relacionamentos conjugais conflituosos têm sido associados a maus-tratos infantis (St-Laurent, 2019), aumentando o risco de surgimento de problemas socioemocionais na criança. Nesse sentido, a vulnerabilidade social constitui fator de risco potencial nas relações parentais, pois famílias vulneráveis são mais propensas a utilizar disciplina coercitiva e inconsistente, e os problemas familiares tornam-se mais complexos mediante situação de estresse, como separação do companheiro, abuso de álcool e drogas. Essas condições diminuem a chance dos pais em serem carinhosos com seus filhos e em supervisioná-los de maneira adequada. Essas famílias têm mais chances de viverem dentro de um ambiente com os adultos desempregados, solteiros, no qual os pais são adolescentes e têm um ou mais filhos menores de cinco anos (Pérez; Rubio, 2023; Harris *et al.*, 2023).

Os programas de intervenção que objetivam melhorar as competências parentais podem fornecer resultados na melhoria da saúde psicossocial dos cuidadores, além de melhorarem o bem-estar das crianças a longo prazo (Walker *et al.*, 2022). Além disso, nos programas de prevenção, o objetivo é intervir antes que o efeito da exposição ao risco seja visível na criança. Para que esses programas sejam efetivos, é necessário que os mesmos se adequem ao contexto e características das famílias. Naquelas com alto risco para maus-tratos em crianças, por exemplo, a intervenção deve estar diretamente focada na relação pais-filho, a fim de melhorar a capacidade de regulação emocional e de resposta às necessidades da criança (St-Laurent *et al.*, 2019).

As intervenções são mais benéficas quanto maior for a intensidade, durabilidade, for voltada para os pais e se acontecem na residência das famílias, devido a imersão e proximidade com os fatores presentes no contexto delas. Também quando as famílias têm a oportunidade de praticar, dar e receber feedback sobre o relacionamento com os filhos junto a profissionais treinados para tal (Worku *et al.*, 2018).

Famílias de baixa condição socioeconômica são o público que mais recebem as intervenções, porque crianças pertencentes a elas têm menos chances de vivenciar relacionamentos positivos para seu desenvolvimento, tanto pelos fatores que envolvem o estresse dos pais e a falta de ferramentas para lidarem de forma responsiva e afetuosa com seus filhos, como pelos fatores ambientais e contextuais (falta de trabalho, moradias precárias, falta de recursos comunitários como escolas e creches, praças, dentre outros). Portanto, o efeito benéfico das intervenções torna-se mais notório nesta população, com melhores escores referentes às habilidades sociais e emocionais quando comparados a populações que possuem melhores condições econômicas e educacionais (Worku *et al.*, 2018).

A educação parental consiste, portanto, no aprimoramento de habilidades sociais e de autorregulação emocional através dos princípios de aprendizagem e mudança de comportamento. Tendo em vista que os pais são o primeiro ciclo social da criança (microsistema), acredita-se que a construção de estratégias de enfrentamento que partam da própria realidade e dos conhecimentos e vivências destes atores sociais, podem estimular essas capacidades. Esta contribuição é primordial para que os filhos tenham a chance de desenvolver habilidades que permitam a eles o alcance de seus objetivos, através da quebra de padrões de comportamentos transgeracionais que prejudicam o desenvolvimento (Abimpaye *et al.*, 2020).

A intervenção educativa participativa, quando acontece de forma dialógica, deixa de ter característica verticalizada, possibilitando os pais/ cuidadores a adquirir novos conhecimentos por meio da conscientização, favorecendo mudança social em conjunto (Andersson, 2018). Este tipo de intervenção se faz necessária em países em desenvolvimento, como no Brasil, porque estudos realizados anteriormente trazem resultados a longo prazo, inclusive no mercado de trabalho, visto que, melhores habilidades emocionais predispõem ao sucesso em carreiras trabalhistas, que exijam resolução de conflitos e cooperação coletiva (Corcoran *et al.*, 2020). Nesse contexto, a teoria bioecológica concorda em afirmar que os processos proximais podem moldar o desenvolvimento pessoal.

1.1 Justificativa

A justificativa para a escolha do tema proposto baseia-se na compreensão das consequências que as práticas parentais negativas podem acarretar no desenvolvimento social e emocional da criança, e consequentemente, para sua vida relacional, cognitiva e laboral. Colaborar para melhores ajustes socioemocionais na primeira infância através da adoção de práticas parentais positivas pode proporcionar efeitos benéficos a curto e longo prazo na vida da criança, possibilitando a quebra de padrões perpetuados em gerações.

A motivação para a realização de uma intervenção educativa sobre práticas parentais emergiu dos resultados da dissertação do mestrado (em processo de publicação em periódico científico), na qual abordei as relações familiares de crianças em situação de vulnerabilidade social, utilizando genogramas familiares. A perpetuação de práticas parentais negativas ao longo dos anos e as dificuldades das cuidadoras em exercer práticas responsivas foram questões recorrentes em suas falas. As cuidadoras reproduzem a forma como foram educadas na infância para cuidar de seus filhos. Tiveram uma infância marcada pelo abandono paterno, violência física, psíquica, sexual e gravidez não planejada, acontecendo, na maioria dos casos, na faixa

etária da adolescência. Também foi possível compreender alguns fatores que dificultam a relação dos cuidadores com a criança, como falta de apoio de uma rede social, baixa escolaridade e falta de trabalho.

Diante desses resultados, houve a necessidade de implementar ações voltadas a fortalecer a parentalidade positiva. Os profissionais que atuam na instituição onde foi realizada a pesquisa também compartilharam o desejo da realização de uma estratégia educativa. Então, o problema cotidiano foi transformado em problema científico, com realização de leituras para verificar se a proposta de uma intervenção educativa era viável do ponto de visto teórico, e após a constatação da viabilidade, a partir do Referencial Bioecológico, deu-se início à formulação da questão norteadora e planejamento dos objetivos.

A iniciativa de construir uma intervenção educativa coletiva proporcionou para essas famílias a oportunidade de refletir suas relações, trazer à consciência práticas rotineiras, perpetuadas de forma mecânica, trazendo o protagonismo para os cuidadores e tornando-os habilitados e empoderados em como proporcionar um cuidado baseado na reflexão, atenção, apoio e afeto às crianças. Cuidadores mais fortalecidos e empoderados experimentam maior chance a curto, médio e longo prazo, de obter benefícios para a saúde e bem-estar das crianças, promovendo um melhor desenvolvimento socioemocional. A intervenção, que é objeto de estudo da presente Tese de Doutorado, constitui uma ação de educação em saúde, linha de pesquisa na qual me propus a investigar, diagnosticar, analisar e implementar estratégias que abarquem a realidade e necessidade dessa população, baseada na autonomia e participação ativa dos sujeitos.

1.2 Pergunta condutora

Como uma abordagem educativa participativa sobre parentalidade positiva, com mães de crianças de zero a seis anos, em situação de vulnerabilidade social, influencia nas práticas parentais?

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

Analisar as repercussões de uma intervenção educativa participativa sobre parentalidade positiva com mães de crianças de zero a seis anos em contexto de vulnerabilidade social.

1.3.2 Específicos

- Descrever os conhecimentos de mães sobre práticas parentais no cuidado às crianças na primeira infância;
- Identificar as práticas parentais nos momentos pré e pós intervenção educativa;
- Investigar o desenvolvimento socioemocional infantil na primeira infância nos momentos pré e pós intervenção educativa.

1.4 Estrutura da tese

A tese compreende os seguintes capítulos: Revisão de literatura, referencial teórico, percurso metodológico, resultados, discussão e considerações finais. No capítulo dois, a revisão de literatura traz uma abordagem contendo evidências sobre família e práticas parentais no cuidado à criança na primeira infância como fator que influencia o desenvolvimento social e emocional da criança, educação parental (construção histórica e social) e delineamentos de pesquisa na área de desenvolvimento socioemocional infantil. O capítulo três contém o percurso metodológico, com caracterização, cenário e participantes do estudo, coleta de dados composto de quatro fases (identificação das situações iniciais, seguida do planejamento, implementação e avaliação da intervenção educativa participativa).

Após, são descritos os aspectos éticos e problemas metodológicos. O capítulo quatro contém os resultados da pesquisa, sendo dividido em seções dos resultados dos momentos de pré (caracterização sociodemográfica, entrevistas individuais e aplicação do swyc) e pós-intervenções (entrevistas individuais e reaplicação dos swycs). O capítulo seis traz as considerações finais do estudo, com a retomada dos principais resultados de acordo com os objetivos propostos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Educação parental: Construção histórica e social

A educação parental sempre existiu, mesmo que de forma informal. Desde séculos passados, os conhecimentos sobre a maneira correta de educar os filhos são passados para as gerações mais jovens. Desta maneira, os valores morais e crenças de cunho religioso eram apreendidos, sendo os comportamentos caracterizados por uma racionalidade esperada pela

sociedade. Somente a partir de 1800 a educação parental apresentou-se pela primeira vez de maneira convencional, a partir de associações maternas norte-americanas, que mais tarde progrediram para o chamado “Charity Organization Society”, em 1890. Esta organização tinha como objetivo tirar dúvidas e compartilhar preocupações no cuidado com a criança entre as mães. Essa associação tinha um cunho assistencial e voluntário, no qual se realizavam visitas domiciliares às famílias mais pobres, porque entendia-se que eram as que mais necessitavam deste tipo de assistência. Observa-se que a visita domiciliar já era uma prática utilizada nessa época e que atualmente também faz parte de intervenções de programas voltados para fortalecer as competências parentais.

Com a chegada do século XX, mudanças acontecem com a pirâmide demográfica, na qual observa-se diminuição das taxas de mortalidade e natalidade, e inclusão da criança dentro da estrutura familiar. Desta forma, a ideia de outrora de que a criança era vista como um adulto em miniatura foi dando espaço para a visão da criança sendo vista como uma fase que era caracterizada por necessidades peculiares.

Assim, a década de 20 foi marcada pelo início de estudos envolvendo a temática do desenvolvimento infantil no contexto norte-americano e os programas de educação parental eram voltados essencialmente para as famílias de classe média. Com a entrada da mulher no mercado de trabalho, o cuidado com a criança acabou sendo transferido para as instituições de ensino, desmotivando os pais dessa classe social para esse tipo de cuidado. A educação parental volta a ter foco nas populações menos abastadas, quando, tanto o homem quanto a mulher passam a batalhar pelo sustento fora de casa e têm menos tempo para se dedicar ao cuidado com os filhos. Assim, por volta da década de 50, novos programas norte-americanos foram criados com o intuito de facilitar a interação social da criança, atuando na parentalidade e também intervindo no contexto escolar.

Na década de 80, os programas de intervenção parental tinham um foco baseado no modelo biomédico, ou seja, com enfoque de “medicalização” das famílias. O profissional detinha o saber, que era passado aos pais em situação de risco como forma de treinamento. Logo, as intervenções eram pensadas no sentido de reparar algo que estava errado para garantir segurança à criança. Na década de 90, os programas evoluem dessa sistemática biomédica e, levam em consideração as necessidades e particularidades dos pais. Então, o foco dessas intervenções baseava-se na autoestima, no autoconhecimento, no conhecimento prévio dos pais, evidenciado pelas experiências de vida que carregam. Ou seja, os pais tornam-se coparticipantes do processo de entender e estabelecer estratégias que lhe permitam exercer a parentalidade. O enfoque passa a ser então a prevenção (Sampaio; Cruz; Carvalho, 2011).

A formação parental consiste, portanto, no aprimoramento das habilidades comunicativas, de resolução de problemas consistentes na parentalidade positiva, através dos princípios de aprendizagem e mudança de comportamento (Guerreiro, 2010; Martin-Quintana *et al.*, 2009). No contexto brasileiro, ainda são escassas intervenções com foco na parentalidade. Algumas podem ser observadas em contextos de pesquisa e extensão em universidades e políticas públicas regionais, trazendo efeitos positivos para as relações pais-filhos e para o desenvolvimento infantil (Garcia; Yunes; Almeida, 2016).

Uma dessas pesquisas foi realizada em Fortaleza com o objetivo de fortalecer o vínculo mãe e filho no período da primeira infância através de intervenção. A pesquisa se deu no hospital Albert Sabin por mediadores do desenvolvimento. O estudo refletiu sobre a percepção da criança como importante nesse vínculo, evitando a concepção de que a mãe é a única responsável no processo. Isso foi possível através da escuta e da assimilação das condutas da criança desde os primeiros anos de vida. A intervenção foi baseada na empatia e no diálogo, evitando o conflito de saber entre profissional-mediador e cuidador (Menescal *et al.*, 2016).

Dessa maneira, a educação parental visa diminuir a incidência de maus-tratos e negligência entre crianças e jovens, e promover bem-estar e comunicação positiva dentro do seio familiar (Garcia; Yunes; Almeida, 2016). Visto que os pais são o primeiro ciclo social da criança, estimular essas capacidades é primordial para que os filhos tenham a chance de serem felizes e capazes de realizar seus objetivos, através da quebra de padrões de comportamentos transgeracionais que prejudicam o desenvolvimento da criança (Guerreiro, 2010).

A educação parental, quando realizada de forma preventiva, diminui os efeitos deletérios do estresse durante o desenvolvimento na infância, bem como o dos pais. Dessa maneira, a oferta de uma rede de apoio aos pais ou principais cuidadores da criança propõe recursos para que os últimos administrem situações adversas presentes em seus contextos (Branco; Linhares, 2018).

Quanto mais precoce a intervenção é realizada com os pais, maiores são os efeitos positivos no decorrer do desenvolvimento da criança. Logo, a faixa etária mais oportuna para este tipo de mediação são pais ou responsáveis pelas crianças na fase de lactentes e pré-escolares (Guerreiro, 2010). É necessário que sejam levados em consideração o contexto social, político, cultural, econômico e religioso no qual a intervenção é implementada. Essas adaptações são fundamentais para o sucesso da intervenção (Sampaio; Cruz; Carvalho, 2011).

Os programas de educação parental podem ser classificados em dois subtipos: os de abrangência universal, que estão direcionados a todos os pais que desejam aprimorar seus conhecimentos em relação a suas atribuições no cuidado da criança, e os de abrangência limitada, voltado para crianças de famílias em algum tipo de vulnerabilidade, ou seja, famílias que são

caracterizadas pela instabilidade de ordens diversas em sua estrutura (Martin-Quintana *et al.*, 2009).

O primeiro tipo, universal, é considerado um tipo de intervenção de prevenção primária, pois o objetivo consiste em fornecer informações a uma quantidade abrangente de pais para garantir um desenvolvimento adequado de suas crianças, através de formas positivas de educação. Um exemplo deste tipo de intervenção são as consultas de pré-natal. Já o segundo tipo, o limitado, exige uma série de critérios de inclusão dos indivíduos, que confirmem que sejam de famílias contendo fatores de risco biopsicossocial. Um exemplo desse público são pais de baixo status socioeconômico, com risco de abuso e negligência com a criança, e com riscos para exacerbação da violência e delinquência. Os programas podem ser classificados de acordo com a geração, sendo eles de primeira, segunda e terceira geração. Os de primeira enfocam nas diretrizes educacionais dos pais, ou seja, fazem com que estes proporcionem um ambiente encorajador para seus filhos (Martin-Quintana *et al.*, 2009).

As intervenções de primeira geração são realizadas por meio de sessões de grupo e também em visitas domiciliares, porém, têm caráter unidirecional e foram muito utilizadas na década de 70. Os de segunda geração trabalham para uma boa interação pai-filho nas atividades rotineiras de casa, para a construção do apego positivo, definido como atitudes de uma pessoa para manter confinidade com outro indivíduo considerado como mais apto para lidar com o mundo (Dalbem; Dell'aglio, 2005). Os encontros acontecem junto a outros pais usando métodos como vinhetas e vídeos. Têm características bidirecionais e começaram a ser utilizados no início da década de 90 (Martin-Quintana *et al.*, 2009).

Os programas de terceira geração são utilizados nos dias atuais e tem funcionalidade na promoção de uma interação sob a perspectiva de múltiplos contextos. Os objetivos destas intervenções são favorecer as relações conjugais, a parentalidade, o desenvolvimento de capacidades mediante a situação de gravidez na adolescência e de risco socioeconômico. Em se tratando de modelos das intervenções, existem o modelo acadêmico, que se baseia na aquisição de conhecimento sobre desenvolvimento dentro de um modelo educacional teórico. A dificuldade desse modelo está na realização das práticas aprendidas, pois, apesar de se tornarem conscientes das práticas parentais necessárias para um ambiente familiar adequado, a rotina leva a uma repetição dos hábitos prejudiciais já utilizados com frequência (Martin-Quintana *et al.*, 2009).

O modelo técnico, diferente do acadêmico, não tem como objetivo fornecer informações teóricas para os pais, mas sim, treinar e habilitar estes, através de mecanismos específicos que permitam o controle comportamental dos filhos. Técnicas como reforço positivo, retirada de privilégios mediante comportamento inadequado são aprimoradas para esse controle. Por fim, o

modelo experiencial parece ser o mais efetivo, pois nele, a intervenção se faz presente junto à construção do conhecimento (Martin-Quintana *et al.*, 2009).

O modo grupal da intervenção proporciona a troca de experiência, porém, alguns pais com histórico de violência/abuso ou outras situações constrangedoras podem não se sentir à vontade com esta formação nas sessões, sendo necessária muitas vezes, uma abordagem individual pelo receio da exposição a outras pessoas. Logo, a abordagem individual precoce é fundamental nessas situações, pois prepara o indivíduo para as sessões em grupo com a finalidade de resolutividade dos problemas (Guerreiro, 2010; Garcia; Yunes; Almeida, 2016).

As intervenções grupais devem ter como características um ambiente que tenha atmosfera de aprendizagem e suporte, clareza dos objetivos e metas a serem atingidos, métodos de resolução de conflitos no grupo e reconhecimento do valor das contribuições vindas dos participantes. É necessária aptidão para aconselhamento, através do reforço do autoconhecimento dos pais, sem no entanto, emitir julgamentos de valor através da gestão da emoção por parte do facilitador. Deve-se ter em mente que a qualidade da intervenção parental depende diretamente da qualidade de abordagem do profissional bem como do projeto. O profissional que intervém na educação parental precisa ter formação em áreas de conhecimento como desenvolvimento infantil, processo de relações familiares, saúde, metodologias de aprendizagem de adultos, relações comunitárias e conhecimentos afins (Sampaio; Cruz; Carvalho, 2011).

O profissional a prestar a assistência às famílias precisa ainda ter habilidades técnicas de comunicação (escuta ativa, empatia, afeto, acessibilidade no tocante às experiências relatadas e capacidade de compartilhamento). Precisa ainda ser flexível, bem-humorado, transmitir credibilidade e ter experiência profissional com crianças ou pais, além de ser consciente de suas experiências vivenciadas durante sua infância. Este mediador precisa ser uma fonte de ideias alternativas, ou seja, ele deve fornecer novos valores e crenças no sentido de otimizar os aspectos relacionados à relação pais-filho e educação parental que não emergiu de maneira espontânea pelo grupo. Deve ainda facilitar o processo de troca comunicativa que propicie a construção do conhecimento, com consequente transformação de condutas dentro do conjunto (Sampaio; Cruz; Carvalho, 2011; Martin-Quintana *et al.*, 2009).

Em suma, a equipe precisa acreditar na mudança de conduta humana, precisa ser aberta e flexível para que tenha habilidade de promover alterações quando se fizerem necessárias. Através dessas competências necessárias poderão ser evitadas generalizações acerca das famílias estudadas, estabelecimento de relações de poder nos grupos e dificuldades de se estabelecer critérios para objetificar os resultados esperados (Sampaio; Cruz; Carvalho, 2011).

Alguns projetos de intervenção na parentalidade podem ser estudados como ponto de apoio

no sentido de conhecer potencialidades e lacunas que possam ser preenchidas no presente estudo. Um estudo realizado na Itália com o objetivo de analisar o período ideal para aplicação de intervenção com pais de bebês para melhorar a interação pais-filho. Consistiu na entrega de um vídeo na visita domiciliar contendo episódios de cuidados básicos com a criança para pais de bebês de um mês e de sete meses. O conteúdo dos vídeos foi planejado por uma equipe multidisciplinar. Esta intervenção teve como resultado uma mudança de conhecimento e atitude por parte dos pais em relação a esta interação. Porém, os pais participantes, durante a avaliação, deram sugestões que poderiam otimizar a intervenção (Roia *et al.*, 2014), evidenciando assim, que a falta de diálogo no período que antecede a intervenção pode limitar os resultados da mesma.

Outro estudo realizado em Bauru, São Paulo, teve como objetivo verificar a efetividade do programa de intervenção “Aspectos Biopsicossociais da maternidade” em mães adolescentes e adultas. Neste estudo foram ministrados encontros com abordagens gerais, dentre elas, práticas parentais. Os resultados evidenciaram uma melhora na prática “minoridade positiva” das mães adolescentes, quando comparadas em relação aos momentos pré e pós-teste. Porém, assim como na pesquisa realizada na Itália, este estudo reconhece que a aplicação de encontros com assuntos gerais pode ter sido uma limitação, deixando como recomendação estudos que trouxessem a perspectiva dos participantes, que a abordagem dos assuntos fosse mais direcionada ao objetivo da pesquisa, bem como a atenção do pesquisador em estudar a idade da criança e como ela pode influenciar o resultado, e como as relações familiares podem interferir também (Nogueira; Rodrigues; Altafim, 2013).

O programa “Raising Safe Kids” foi implementado com o objetivo de fortalecer as famílias no âmbito das práticas parentais positivas através de um estudo controlado randomizado em Ribeirão Preto, São Paulo. Nele, foram realizadas sessões semanais com assuntos referentes à temática da parentalidade. Foi observado que ocorreu uma melhora nos padrões de comunicação, regulação comportamental e emocional do período pré para o pós-intervenção, enquanto o grupo controle permaneceu inalterado. Houve também queda dos comportamentos internalizante e externalizante, bem como o aumento de comportamento pró-social das crianças no grupo de intervenção, o que não foi observado no grupo controle (Altafim; Linhares, 2019).

Entretanto, o estudo teve algumas limitações, como a utilização apenas do autorrelato quanto a essas melhorias, não tendo sido feito nenhum método de observação do fenômeno. O abandono das participantes configurou outra limitação do estudo, dificultando a implementação da proposta do programa. Torna-se fundamental a reflexão dos fatores que influenciam a adesão ou o abandono dos cuidadores na pesquisa, como a escolaridade, pois o estudo observou que mães com menos anos de estudo tiveram uma taxa de abandono maior (Altafim; Linhares, 2019). A

observação através de visitas domiciliares e a construção da intervenção junto aos pais parecem ser positivos para a eficácia da intervenção.

Dentre os objetivos de um projeto intitulado “Programa de Visitação de Jovens Mães Cuidadoras” direcionado à mães adolescentes e realizado em São Paulo, estava o de promover o desenvolvimento infantil na primeira infância e promover relações sensíveis e responsivas da mãe para com a criança. O estudo utilizou em média 60 visitas domiciliares para cada adolescente numa periodicidade quinzenal (Fracolli *et al.*, 2018). Apesar do estudo trazer potencialidades com o método da visita domiciliar para promover os resultados almejados, não trouxe uma forma de avaliação das intervenções referente a algum método de quantificação de escores sobre o desenvolvimento na primeira infância.

O cuidado com a qualidade dos mediadores e do projeto de intervenção é importante para reduzir a taxa de abandono pelos pais, que ocorre principalmente pela percepção errônea de que o programa possui características de fiscalização e intervenção na família de uma maneira impositiva. O acesso para os encontros em grupo também consistiu num desses motivos, além da dificuldade de adequação dos encontros aos horários de trabalho (Garcia; Yunes; Almeida, 2016).

Para avaliar a qualidade de projetos de educação parental, é necessário fazê-la na perspectiva de analisar as condições psicossociais da família, no sentido de verificar os resultados no cotidiano dos pais, através da visão do mediador que esteve presente durante todo o processo e também, segundo a percepção dos próprios cuidadores (Martin-Quintana *et al.*, 2009). A avaliação deve ser planejada no período de formação do projeto de intervenção, e não só deve estar presente no final do processo, mas precisa estar presente durante todo o processo de implementação, para que ajustes possam ser realizados a fim de otimizar as interações com os pais (Sampaio; Cruz; Carvalho, 2011).

No contexto da educação parental, a pesquisadora não deve ser vista pelos cuidadores como “formadora”, enquanto os últimos, meros objetos a serem preenchidos com conhecimentos trazidos “prontos”, sem reflexão crítica. Então, a pesquisadora, enquanto formadora, deve se formar também e reformar-se, enquanto os cuidadores devem formar enquanto são formados. Assim, quem ensina, aprende ao ensinar e quem aprende, ensina ao aprender (Freire, 2011).

2.2 Família e práticas parentais no cuidado à criança na primeira infância

A teoria de Bronfenbrenner defende que o elemento mais importante que compõe o desenvolvimento humano consiste nos processos proximais, que são as interações que um indivíduo tem com o ambiente imediato. As atividades desse processo devem ser periodicamente

mais complexas, necessitando de tempo estendido nas interações. Ainda, devem existir relações recíprocas entre os indivíduos, e, para que isso aconteça, os símbolos presentes no ambiente imediato precisam fomentar a criatividade, imaginação, manipulação e atenção da pessoa em desenvolvimento. Os resultados das interações nos processos proximais podem ser a competência – a obtenção de habilidades para a orientação do comportamento nos aspectos fisiológico, intelectual, sócio-emocional e artístico. Outro resultado seria a disfunção, que configura descontrole na integração do comportamento. Os dois resultados decorrem da natureza do ambiente (Martins; Szymansky, 2004; Bronfenbrenner, 2012).

Quando ocorre a disfunção, seus impactos são intensificados em ambientes desfavoráveis e de vulnerabilidade (loais caracterizados pelo tráfico de drogas, ausência de segurança, recursos financeiros limitados, baixos níveis de instrução), características que estão presentes na população deste estudo. Essas condições de estresse contribuem para a falta de responsividade dos pais frente às necessidades da criança. Da mesma maneira, as competências e seus efeitos acentuam-se em ambientes favoráveis. Resultados oriundos de disfunções familiares ou fortalecimento de competências sofrem interação e intersecção de múltiplos fatores, como influência da carga genética, ou seja, as interações ambientais induzem a transformação do genótipo em fenótipo, as relações têm um conteúdo psicológico que é resultante da herança juntamente ao ambiente. Os processos proximais consistem no centro da teoria bioecológica do desenvolvimento, e são diferentes dos processos biopsicológicos, como a percepção, cognição, emoção e motivação, que por sua vez, acontecem no interior do cérebro (Bronfenbrenner, 2012).

No presente estudo, o processo proximal da teoria de Bronfenbrenner está representado pelas práticas parentais utilizadas pelos cuidadores mais próximos às crianças. Logo, se faz necessário um entendimento de como a família está estruturalmente organizada. A família é a organização institucional responsável, de forma inicial, pela socialização, suporte emocional, orientação moral e desenvolvimento da resiliência e autoestima da criança. Tendo em vista as constantes modificações sociais, demográficas e culturais que ocorrem na sociedade, pesquisas que vislumbram o conceito de família vêm tendo um novo olhar sobre essa terminologia. Mudanças não só na quantidade de pessoas, mas também na dinâmica e nos processos familiares, são bases para novas compreensões da dinâmica familiar. Cada família tem estruturas próprias de ruptura e continuidade, que, ao serem consideradas de forma particular, são mais propícias à regulação de seus conflitos. Nessas configurações familiares, é fundamental ter atenção aos atores sociais que atuam prestando cuidado com a criança, que não são apenas as figuras do pai e da mãe, mas também tios, avós, madrastas, dentre outros. Por exemplo, quando uma família é composta por pais e seus filhos, e estes por sua vez crescem, têm sua prole e continuam morando no mesmo

local, a criança que chega é cuidada por adultos com subjetividades e contextos de vida diferentes, logo, nem sempre os pais são os responsáveis principais pelo processo de socialização da criança (Sampaio, Cruz, Carvalho, 2011).

A parentalidade representa o cuidado com a criança nos âmbitos físico, social e emocional. O cuidado físico inclui o suporte alimentar, calor, vestimentas e etc, o emocional consiste na afetividade e promoção da autonomia na criança, dando-lhe capacidade de tomada de decisão, e o social está relacionado à introdução da criança no contexto social através do desenvolvimento de habilidades comunicativas (Branco; Linhares, 2018). A nomenclatura “prática parental” é voltada para as ferramentas que os pais utilizam com o objetivo de promover a socialização dos seus filhos. Essas práticas podem desenvolver tanto atitudes pró-sociais, quanto antissociais. As práticas positivas consistem em comportamento moral e minoria positiva e as práticas negativas classificam-se em negligência, abuso físico e psicológico, disciplina relaxada, punição inconsistente e minoria estressante (Salvo; Silvaes; Toni, 2005).

Dentre as práticas positivas, a minoria positiva está relacionada com o envolvimento dos pais na vida cotidiana de seus filhos, no qual sabem onde eles se encontram e que atividades estão desenvolvendo. O comportamento moral, por sua vez está relacionado com a transmissão de papéis, valores e princípios através do próprio comportamento dos pais, como por exemplo, atitudes referentes à justiça, generosidade, empatia dentre outros. Dentre as práticas parentais negativas, a negligência consiste na falta de interesse na participação dos pais na vida dos filhos e na falta de supervisão dos mesmos. Dentre as práticas negativas, a negligência representa o principal causador de comportamento antissocial em adolescentes, resultando em comportamento delinquente. A punição inconsistente é a aplicação da punição de acordo com o humor do cuidador, levando à incoerência na forma de agir e à permanência do mau comportamento pela criança (Salvo; Silvaes; Toni, 2005).

A minoria negativa consiste no monitoramento excessivo e no estabelecimento de regras e fiscalização, gerando sentimento de ansiedade na criança. A disciplina relaxada também caracteriza a falta de cumprimento das regras estabelecidas, pois, quando os pais se confrontam com o comportamento desafiador, se omitem e não cumprem o que reforçaram anteriormente. Este último também é precursor de comportamento delinquente na criança (Salvo; Silvaes; Toni, 2005).

A nomenclatura “estilo parental” consiste num conjunto de práticas parentais utilizadas no cuidado com a criança e leva em consideração dois aspectos nos pais: a capacidade de resposta e exigência. Quatro classificações são encontradas na literatura, sendo eles: O estilo permissivo, no qual os pais são mais responsivos do que exigentes. O estilo autoritário é caracterizado pela

exigência dos pais sem responsividade. No estilo autoritativo os pais são responsivos e exigentes, e existe o estilo não envolvido, no qual nenhum desses aspectos é encontrado (Vasiou *et al.*, 2023).

No estilo autoritário, ocorre uma análise rigorosa e taxativa do comportamento de acordo com regras bem definidas. Ocorre ainda repreensão exagerada, a comunicação é mais fechada e sem apoio afetivo, com distanciamento entre a díade pai-filho. A violência física é comum nesse estilo parental, que consiste na punição que resulta em machucar a criança. Esta prática atinge o “ser” da criança e não o comportamento, gerando sentimento de medo constante, deixando-a apática, receosa em agir de forma que estimule a violência por parte dos pais. Esta atitude parece estar relacionada com o déficit cognitivo e socioemocional na criança, além de estimular comportamento delinquente e distúrbios psiquiátricos (Vasiou *et al.*, 2023).

No estilo permissivo, no entanto, existe elevado laço afetivo, no qual os pais acatam todos os desejos do filho, sem haver uma moderação, com baixos níveis de controle e estabelecimento de regras. Os pais que agem de acordo com este estilo podem fazê-lo por sentimento de culpa em não estarem disponíveis para a criança ou por medo de não serem aceitos ou amados pelos filhos (Macana, 2014).

O estilo autoritativo caracteriza-se pela comunicação aberta entre pai e filho, na qual existe o apoio emocional, ocorre uma interação entre a exigência e afetividade. Acredita-se que este estilo está relacionado ao maior rendimento escolar e ao comportamento pró-social da criança, obediência a regras e capacidade de adaptação (Alvarenga; Weber; Silva, 2016).

O estilo negligente (não envolvido) é caracterizado pela falta total de interesse e interatividade entre os pais e filhos (Frota *et al.*, 2011). Os pais neste estilo estão sobrecarregados com seus afazeres e problemas, muito comum em casa onde os dois trabalham fora. Não colocam muitas expectativas sobre a vida da criança, porém, tentam compensar esta falta atendendo os pedidos da criança de forma indiscriminada. As crianças deste estilo costumam se sentir solitárias, sem afeto. Também tendem a se tornar autossuficientes por entenderem que estão por conta própria. Por outro lado, tem altas chances de serem frios nos relacionamentos interpessoais e com dificuldade de estabelecer conexões sociais, pois se sentem inseguros e indignos pelo distanciamento inicial dentro de casa. Podem sofrer com depressão, comportamentos antissociais e alterações de humor. São mais propenso, também, a desenvolverem dependência a drogas lícitas e ilícitas (Sandeep *et al.*, 2024).

Crianças cuidadas dentro do estilo autoritário tendem a ser mais obedientes, porém, inseguras e infelizes. Por outro lado, as crianças no estilo permissivo têm déficit na autoconfiança e autocontrole, e crianças cuidadas dentro do estilo autoritativo tendem a ser mais felizes, com

melhor habilidade social e capacidade de autorrealização. Famílias que se utilizam de estilos parentais autoritários são as que menos têm apoio familiar e de amigos, e, sem esse apoio, a rotina de cuidar da criança pode se tornar pesadoso e gerar conflitos no enfrentamento das dificuldades, muito comum em famílias de baixa condição socioeconômica (Hallas; Koslap-Petraco; Fletcher, 2017).

O estilo parental deve ser entendido como diferente de prática parental, pois, pais que vivem em contextos socioculturais distintos podem se utilizar de práticas parentais semelhantes, porém, com significados diferentes de estilos parentais, resultando em comportamentos diferenciados na criança. Logo o contexto cultural e familiar interfere na utilização dessas práticas e estilos (Yaffe, 2023).

Bronfenbrenner aborda estudos que investigam como acontece a educação com a criança em diferentes países. Em estudos na União Soviética e nos Estados Unidos, foi verificada a importância da obediência da criança com os adultos, mas não apenas foi concluído que a autodisciplina também deve ser estimulada nelas, ou seja, as crianças devem desenvolver a consciência para entender a importância da obediência e atitudes positivas, praticando-as não só porque foram treinadas, mas porque desejam (Bronfenbrenner, 2012).

Skinner, Johnson e Snider (2005) trazem ainda um conjunto de características divergentes, que compõem o estilo parental, sendo eles calor versus rejeição, estrutura versus caos e apoio à autonomia versus coerção. Calor refere-se a demonstrações de afeto, amor, consideração, empatia enquanto a rejeição está relacionada com atitudes que desestruturam a criança, como hostilidade, explosão, verbalização de negatividade, racismo e ironia. A estrutura abarca o estabelecimento de limites de maneira eficaz e oportuna, que contribui para um comportamento maduro, ou seja, existe um controle firme, através de regras rígidas e rotina. Seu opositor seria o caos, caracterizado por comportamento dos pais inconsistentes, erráticos, arbitrários, não confiáveis e imprevisíveis. O apoio à autonomia é uma atitude que fortalece na criança a capacidade de autopercepção e tomada de decisão enquanto a coerção está ligada ao controle psicológico excessivo, pelo qual é cobrada obediência rigorosa (Skinner; Jhonson; Snyder, 2005).

Entender o motivo de alguns indivíduos conseguirem exercer de maneira positiva a parentalidade, enquanto outros não tem sido motivo de investigações com o objetivo de se intervir neste processo fundamental para o desenvolvimento infantil. Nesta perspectiva, é necessário entender o conceito de “fator determinante”, que corresponde a qualquer fator social e emocional que afete o comportamento parental. Belsky, em seu modelo, descreve três fatores que atuam influenciando o comportamento parental, sendo eles, os fatores individuais dos pais (presença de patologias, personalidade), características individuais da criança (temperamento) e fatores sociais

(relação marital, rede de apoio social, condições de trabalho) (Belsky, 1984; St-Laurent, 2019; Vidal, 2017).

A condição da estrutura psicológica dos pais influencia as relações maritais, sociais e com os filhos, afetando seu desenvolvimento. Pais com níveis mais elevados de extroversão e consciência, com maior amabilidade, abertos a experiências, tendem a desenvolver uma atitude mais responsiva em relação aos filhos (Belsky, 1984). Por outro lado, o estresse parental, definido como reação psicológica com efeitos negativos frente às exigências da parentalidade, confronta esses pais com novas exigências relacionadas ao cuidado, o que constitui um risco para a elevação do estresse, levando a uma deterioração da saúde e do bem-estar familiar (Guerreiro, 2010).

O prejuízo mental dos pais parece diminuir a disponibilidade destes em oferecer um cuidado responsivo frente às necessidades da criança, além de estarem vinculados a situações de negligência, que pode ser entendida como a incapacidade do cuidador em prestar assistência física básica para a criança, como vestimenta, alimentação e proteção, além de oferecer uma supervisão de maneira inadequada. Isso cria um ambiente onde a criança cresce sem acompanhamento, ou, quando existe esse acompanhamento, é através de cuidados mecânicos, com ausência de interações pessoais (Belsky, 1984; St-Laurent, 2019; Vidal, 2017).

Sintomas dissociativos podem estar presentes nesses cuidadores, com presença de desconexão de ações, pensamentos e emoções, junto à incapacidade de integrar experiência de maus-tratos durante sua infância em uma visão coerente do eu, perpetuando uma parentalidade baseada em castigos e maus tratos de forma intergeracional, aumentando o risco para atraso e subdesenvolvimento da maturação socioemocional dos filhos (Belsky, 1984; St-Laurent, 2019).

Outro fator importante relacionado aos pais consiste na idade. A mãe adolescente enfrenta uma dificuldade em estabelecer uma parentalidade adequada porque, para que elas consigam estabelecer uma relação de confiança com a criança, precisam antes, cumprir os marcos do desenvolvimento próprios da adolescência, ou seja, precisam passar pela fase de mudanças e possível turbulência para se tornarem adultas bem-sucedidas. A paternidade jovem também configura uma antecipação de papel destinado ao adulto, estando, portanto, fora de sequência das normas sociais próprias da adolescência. O estresse advindo desta faixa etária, afeta a confiança dos pais em saber prestar os cuidados à criança, resultando em prejuízo do desenvolvimento socioemocional da mesma (Hallas; Koslap-Petraco; Fletcher, 2017).

Logo, não faz sentido exigir dos pais que satisfaçam as demandas físicas e psicológicas dos filhos, se nem eles estão se sentindo satisfeitos nessas áreas. No caso das mulheres, a situação torna-se ainda mais delicada, pois muitas vezes não recebem apoio do companheiro, sendo muitas

vítimas de abuso, além da sobrecarga pelo trabalho doméstico e responsabilidade no cuidado com os filhos, muitas vezes sem uma rede de apoio que a auxilie (Stiebert; Froehlich; Voltmer, 2023).

As características individuais da criança também são influenciadoras da parentalidade segundo Belsky, no sentido de que um temperamento difícil (choro excessivo, irritabilidade extrema), pode reforçar o risco de uma atitude menos responsiva dos pais diante das necessidades dos filhos (Belsky, 1984). Logo, não é apenas a característica da criança, mas sim, a compatibilidade dessas características (Fundação Maria Cecília Vidigal, 2015). Os comportamentos desadaptativos na infância podem ser agrupados em duas modalidades: internalizantes e externalizantes. A primeira refere-se a condutas caracterizadas por emoções negativas, mal-estar emocional, medo, tristeza, ansiedade, ânimo depressivo, somatizações, comportamento de evitação e isolamento. A segunda modalidade refere-se a atitudes de hostilidade para com o outro, agressividade e dificuldade em seguir regras sociais e relacionais (Vidal, 2017).

Existem nove categorias temperamentais que são consideradas mais relevantes para avaliar o reajuste da criança. São eles, o nível de atividade, ritmo, aproximação ou retraimento, adaptabilidade, responsividade, intensidade de reação, qualidade do humor, distratibilidade e período de atenção e persistência. A partir dessas categorias, foram estabelecidos três padrões de temperamento. O primeiro é o temperamento difícil (pouca adaptabilidade, altos níveis de atividade, pouca autorregulação). O temperamento fácil (alta adaptabilidade, níveis de atividade moderados e boa regulação emocional) e o temperamento lento (adaptabilidade lenta, emocionalidade negativa e tendência a se afastar mediante novos estímulos). Para que uma criança se desenvolva adequadamente, é necessário que os pais adequem os padrões educacionais de acordo com o tipo de temperamento da criança, fenômeno que se chama “goodness of fit”. Isso porque o temperamento tem um efeito moderador na parentalidade (Pinheiro, 2015).

Assim, se os pais lançam mão do mesmo estilo parental para os filhos de temperamentos diferentes, poderão observar resultados comportamentais diferentes entre eles, porque terão percepções divergentes acerca do mesmo estilo. Por exemplo, o uso de afirmação de poder pode ser eficaz para crianças com elevados padrões de ansiedade, porém, surte pouco efeito para crianças não ansiosas. Belsky afirma que crianças com temperamento difícil são mais sensíveis à parentalidade em relação às de temperamento fácil. Por exemplo, rejeição dos pais, através de um estilo parental negligente, tem maiores chances de causar disfunções socioemocionais em crianças com emocionalidade negativa e elevados níveis de impulsividade, ou seja, crianças de

temperamento fácil não são frequentemente associadas a problemas de comportamento associados à parentalidade disfuncional (Belsky, 1984; Pinheiro, 2015).

Os fatores sociais são o terceiro pilar dos determinantes de Belsky, e também contribui para o uso ou não de uma parentalidade adequada por parte dos pais. Dentre os fatores sociais, a pobreza consiste em um dos principais, pois é atrelada ao desemprego crônico, maiores evidências de brigas e separações, lares monoparentais, cuidados precários com a saúde e acesso reduzido a serviços de educação e saúde (Belsky, 1984). Os eventos de vida estressantes (morte, desemprego, desastre, fome) também aumentam o risco familiar e dificuldade dos pais, sendo essa instabilidade um fator de risco para uso de práticas parentais agressivas. Mudanças constantes na família (recasamentos, com consequente mudança repetida de figuras de autoridade para a criança) sobrecarregam as relações pais-filhos, porque os filhos precisam se adaptar de maneira muito rápida às novas situações e às mudanças de rotina. No contexto relacional, a violência por parceiro íntimo afeta o cuidado com a criança, pois o clima familiar de violência entre os cônjuges pode alcançar a criança, mantendo o comportamento violento (Hallas; Koslap-Petraco; Fletcher, 2017).

Para Belsky, este modelo é dinâmico e moderador, e sendo assim, a parentalidade é constantemente influenciada por esses três determinantes. O modelo traz que cada determinante exerce influência na parentalidade com intensidades diferenciadas. As características parentais são o fator mais influente nesse processo, seguido das relações no contexto social. As características da criança são fatores menos influentes na condição do comportamento parental. Então, segundo o autor, é possível que a parentalidade seja exercida de maneira adequada mesmo diante de dois dos três fatores em risco, desde que o estado psicológico dos pais esteja em boas condições e suas características sejam positivas (Belsky, 1984).

Atualmente foi promulgada a lei de número 14.826, de 20 de março de 2024, que institui a parentalidade positiva e o direito de brincar como estratégias intersetoriais de prevenção à violência contra crianças. Segundo a referida, as três esferas do governo, deverão promover, através das áreas de educação, assistência social, cultura, saúde e segurança pública, ações de promoção à parentalidade positiva e ao direito de brincar.

Para os fins desta lei, a parentalidade positiva consiste no ato das famílias oferecerem uma educação com os filhos baseada no respeito, acolhimento e não-violência e é função da família, sociedade e estado. A parentalidade positiva deverá acontecer por meio da manutenção da vida (através da garantia da sobrevivência, saúde física e mental, e prevenção de violência e violação dos direitos), apoio emocional, estrutura (através de práticas de lazer, cultura, esporte e acesso à segurança), estimulação (através de campanhas que promovam o pleno desenvolvimento

cognitivo), supervisão (ações que promovam a autonomia da criança) e educação não violenta e lúdica (ações que promovam o ato de brincar).

A aplicação desta lei se daria através da garantia de promover brincadeira livre de intimidação e discriminação, relação com a natureza, vivência da criança e adolescente em seu território originário e recebimento de estímulos parentais adequados (Lei 14.826/2024).

2.3 Desenvolvimento socioemocional infantil

O presente estudo adota o referencial: teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner - Teoria dos Sistemas Ecológicos do Desenvolvimento Humano. Sob o olhar da teoria bioecológica, o desenvolvimento humano pode ser entendido como mudanças contínuas nos aspectos físicos e psicológicos dos indivíduos, no âmbito individual ou grupal. Esta teoria é composta por proposições que funcionam como alicerces para fundamentá-la.

A primeira proposição é o conceito de experiência, sendo entendida como a maneira em que um indivíduo experimenta o contexto em que vive, tanto sob os aspectos objetivos, quanto, especialmente, os subjetivos (pressentimentos, crenças pessoais, medos e outros). Esses dois aspectos são interdependentes e complementares (Bronfenbrenner, 2012).

Esta base teórica visa entender o desenvolvimento sob a inter-relação de quatro núcleos: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo. O processo é considerado o principal meio que influencia o desenvolvimento, pois a criança evolui no sentido de integrar relações cada vez mais complexas. As interações com o ambiente imediato são chamadas de processo proximal. Para que o desenvolvimento ocorra dentro desse processo, é necessário que o indivíduo esteja envolvido em alguma atividade (Bronfenbrenner, 2012).

Quando a criança interage com outras pessoas através de atividades (por exemplo, aprendizagem), elas se desenvolvem melhor quando há a presença de mais de uma pessoa, ou seja, mais de um adulto de referência (irmão mais velho, avó, tia). As relações precisam acontecer em um determinado período de tempo ampliado e de maneira regular, logo, não é possível estabelecer uma interação mais complexa com interações pontuais (Bronfenbrenner, 2012).

É sob esse olhar que o presente estudo visa estudar o desenvolvimento socioemocional infantil, que, para que ocorra, necessita da aquisição de habilidades nos âmbitos das emoções e vida social. A autorregulação emocional envolve a capacidade da criança em reconhecer e regular com sucesso as próprias emoções, pensamentos e valores. Envolve administrar com eficiência o estresse, o controle dos impulsos e a automotivação (Durlak *et al.*, 2018).

A competência social consiste na aquisição de habilidades que permitem à criança estabelecer relações recíprocas e positivas com seus pares e adultos. Cooperação, conformidade e compartilhamento são aspectos que se encontram presentes nessa habilidade. Segundo Reis e Sampaio (2018), esta competência refere-se a comportamentos, atitudes e sentimentos que colaboram com a iniciação e manutenção de relacionamentos positivos entre pares em contextos sociais, tais como demonstrar opinião, solicitar apoio, cumprimentar pessoas, fazer elogios ou críticas, dentre outros.

Civilidade, empatia, assertividade, autocontrole e envolvimento nas relações interpessoais são algumas das classes de comportamentos considerados socialmente habilidosos. A aprendizagem dos comportamentos depende do contexto social em que a criança se desenvolve. Assim, os contextos sociais reforçadores colaboram com a aquisição de repertórios comportamentais socialmente habilidosos, que, por sua vez, estão associados ao bem-estar psicológico e ao melhor desempenho acadêmico. Os comportamentos não-habilidosos, por sua vez, podem ser classificados como passivos e ativos/ agressivos: nos passivos, o indivíduo se esquia de expressar opiniões e sentimentos em situações aparentemente ameaçadoras, bem como não defende seus próprios direitos, enquanto os comportamentos ativos/agressivos são coercitivos, com ofensas verbais e/ou violência física a terceiros (Reis; Sampaio, 2018).

Bronfenbrenner traz em seu manuscrito que o conceito de desenvolvimento é implícito ao de temperamento, visto que o último consiste nas diferenças individuais nas respostas frente ao estímulo ambiental, sendo de certa maneira estável ao longo da vida. Esses dois fenômenos estão atrelados porque o temperamento funciona como o substrato para que ocorra o desenvolvimento posteriormente, através dos processos intra e interpessoais, que por sua vez vão estruturar a formação da personalidade (Bronfenbrenner 2012).

É interessante que aspectos do temperamento e da personalidade sejam analisados levando-se em consideração a cultura e subcultura do indivíduo. O princípio que fala que o temperamento é notado através da constância no comportamento ao longo do tempo e espaço, bem como da variância das características deste comportamento a depender do contexto em que o indivíduo se encontra, traz que delineamentos que objetivam conhecer o desenvolvimento psicológico das pessoas devem trazer comparações e observações sistemáticas, além de precisar de algum tipo de vínculo com a pessoa observada. A maioria dos estudos envolvendo desenvolvimento socioemocional avalia os dados como variáveis dependentes, ou seja, o desfecho, sendo encontradas poucas pesquisas que procuram entender esses aspectos como sendo influenciadores do fenômeno (Bronfenbrenner, 2012).

No que se refere ao desenvolvimento social, Bronfenbrenner afirma que ele não acontece

somente à pessoa, mas a um grupo, e, para entender esse fenômeno, se faz necessária à compreensão da complexidade dos fatores relacionados, caso contrário, qualquer pesquisa que não tiver esse olhar estará fadada a vieses. Um problema relacionado a este fato se observa com a dificuldade de publicação de estudos que tratem de analisar o desenvolvimento social por uma panorâmica mais integral. Pelo contrário, muitas vezes se dá prioridade a estudos que tenham análise pontual de variáveis. Existem três ângulos da socialização importantes para o desenvolvimento saudável da criança: a conexão com outras pessoas importantes em seu cotidiano, o ajuste do comportamento e a autonomia psicológica. A conexão está associada a relacionamentos “amorosos”, de carinho e apoio entre a criança e seus pais. O ajuste tem a ver com a supervisão, monitoramento e estabelecimento de controle comportamental e a autonomia pode ser constatada através do entendimento de independência e do valor do “ser” (Casel, 2017).

Bronfenbrenner traz propostas para promover habilidades socioemocionais na criança, e consequentemente, melhoras da sociedade, chamando-as de “absurdas”, porém relatadas. A primeira diz respeito à formação dos seres humanos no cuidado com a outra pessoa, através do “currículo do cuidar” nas bases escolares. Isso porque é possível que jovens com ensino médio, ou superior nunca tenha se deparado com alguma situação de ter que ajudar e apoiar outras pessoas. Essas atividades não ficariam restritas ao ambiente da escola, mas também teriam que acontecer fora dela (Bronfenbrenner, 2012).

A segunda proposta tem relação com a carga de trabalho dos pais, que neste modelo, o ideal seria que estes trabalhassem três quartos do dia, para que no quarto momento, os pais tivessem tempo livre para brincar, cuidar, passar mais tempo livre com suas crianças. Esse modelo traria solução ainda, no combate ao desemprego, pois as empresas necessitariam de mais contingente para abarcar a carga horária (Bronfenbrenner, 2012). Mas, o que levaria uma sociedade essencialmente capitalista permitir uma mudança dessas?

Isto pode ser explicado na terceira proposição, que expressa que, por mais que as mulheres tenham alcançado padrões mais elevados de posição trabalhista, ainda são os homens que ocupam a maioria desses cargos. Isto acontece porque desde a infância, a criança do sexo masculino é pouco estimulada para a área do cuidado, para ter sensibilização pelas emoções e sentimentos alheios. Esta situação exigiria mais posições de mulheres em cargos de gestão, tanto em instituições públicas, quanto em privadas (Bronfenbrenner, 2012).

A quarta proposta fala sobre os programas que disponibilizam recursos para as famílias, que sejam baseadas em um modelo de eficiência, capaz de estimular o empoderamento, a iniciativa e o autorrespeito. Essa proposta acontece porque Bronfenbrenner reflete, a partir da análise de estudos longitudinais, as consequências no desenvolvimento de crianças e adolescentes

na época da grande Depressão, caracterizada pelo declínio econômico americano. Foi observado que este declínio não colaborou para disfunções em adolescentes, pelo contrário, ativou neles o senso de responsabilidade em colaborar com o aumento de renda da família. Procuraram ajudar, se esforçar e trabalhar para esse objetivo. O mesmo não aconteceu quando se falava de famílias com crianças mais novas, as quais foram identificadas dificuldades nas relações parentais, com aumento do risco de abuso, violência, e consequentemente, no desenvolvimento infantil (Bronfenbrenner, 2012).

O marco nurturing care (Cuidado Integral para o Desenvolvimento da Primeira Infância) se refere a ações e programas que permitam aos cuidadores garantir saúde às crianças, bem como oportunidades de aprendizagem precoce, por meio de relações responsivas e que as apoiem emocionalmente. Este cuidado integral é apoiado em 5 eixos estratégicos para apoio à esfera municipal na formação de programas relacionados à primeira infância, que são eles: Liderança e investimento, foco nas famílias, fortalecimento dos serviços, monitoramento do progresso e uso de dados e inovação. Através desses eixos, o gestor pode analisar a cobertura e a necessidade de serviços de saúde, dados sobre mortalidade, vulnerabilidade pela pobreza, educação infantil, violência contra a criança, dentre outras variáveis influenciadoras do desenvolvimento infantil (Fundação Maria Cecília Vidigal, 2015).

2.4 Fatores que influenciam o desenvolvimento socioemocional infantil

Para o desenvolvimento humano acontecer, na visão de Bronfenbrenner, se faz necessária a complementaridade dos domínios biopsicológicos (proveniente do indivíduo), e sócio-políticos (proveniente do contexto que está inserido). Dessa maneira, os fatores que contribuem para o desenvolvimento adequado das competências sociais e emocionais da criança estão associados às características da criança, às interações pessoais que a mesma tem e às atividades que promovem estas interações. No modelo bioecológico, o componente “pessoa” é analisado segundo dois parâmetros – processo biopsicológico pertinente a cada indivíduo e processo de construção através da interação ambiental. A pessoa é influenciada e influenciadora do desenvolvimento humano, que está condicionado à estabilidade ou dinâmica deste elemento, gerando modificações.

Bronfenbrenner destaca três características da “pessoa”: disposição, recurso e demanda. A disposição possui características generativas e inibitórias. As características generativas podem ser observadas através de atitudes como curiosidade, autoeficácia e resposta frente à iniciativa de outros. Essas características generativas estão relacionadas ainda com a reatividade diante de estímulos ambientais, à realização de atividades cada vez mais complexas e à capacidade do

indivíduo em conceitualizar experiências vivenciadas durante a infância, quando se tornam adultas (Bronfenbrenner, 2012; Martins; Szymansky, 2004).

A característica inibidora da disposição representa a dificuldade pessoal em ter controle emocional e comportamental. Algumas características inibitórias compreendem a explosão, impulsividade, timidez excessiva, apatia e insegurança. A segunda classe de característica pessoal, o recurso, consiste em limitações ou dotes na relação com os processos proximais. As limitações podem incluir características que reduzem a qualidade funcional do organismo, como baixo peso ao nascer, alguma deficiência, defeito genético. Os dotes se referem às qualidades e habilidades que contribuem para uma evolução construtiva dos processos proximais. O terceiro grupo de características pessoais é a demanda, que são atributos pessoais capazes de solicitar ou obstar reações do ambiente social, importantes para o crescimento psicológico (Bronfenbrenner, 2012; Martins; Szymansky, 2004).

No tocante às medidas da personalidade infantil, existem as chamadas características pessoais estruturadas desenvolvimentalmente. Dentre elas existem a resiliência do ego, sendo entendida como a capacidade da criança em enfrentar as incertezas presentes em seu contexto. O controle do ego envolve a aptidão para administrar sentimentos expansivos. Há cerca de 30 anos atrás, esse conceito era considerado condição inata do indivíduo. Na década de 90, o significado de resiliência modificou de uma visão inata para algo possível de ser desenvolvido nas pessoas. Isso pode acontecer porque os recursos e vantagens, provenientes da resiliência, podem predispor ao desenvolvimento de atitudes de competência, reduzindo, então, sintomas psicopatológicos. Esses recursos podem incluir habilidades cognitivas, por exemplo (Pillay, 2023; Hodgson; Piliae; Rainbow, 2023).

Algumas características podem ser encontradas nas crianças resilientes, dentre elas: bom funcionamento intelectual, sociabilidade, auto eficácia, autoconfiança, autoestima, uso de talentos e questões espirituais, como a fé. Além disso, na maioria das vezes, são crianças cujos pais utilizam práticas parentais positivas, têm o apoio de outros familiares em sua educação e frequentam a escola. Crianças resilientes apresentam melhores competências sociais, ou seja, conseguem expressar os sentimentos, são flexíveis e capazes de usar o humor na resolução dos problemas (Roslan *et al.*, 2022).

A autonomia, também presente nessas crianças, é caracterizada pela questão de identidade e autocontrole. Possuem otimismo com o futuro, evidenciado pelo esforço nos estudos e dedicação. Existem as características estruturalmente instigadoras, que consistem em interações potencialmente influenciadoras do desenvolvimento da criança. Existe ainda um conjunto de características físicas que podem contribuir para disfunções na área psicológica, por exemplo,

déficits no desenvolvimento orgânico (ex. baixo peso ao nascer) e mudanças físicas referentes à fase de vida (mudanças físicas decorrentes da puberdade, menopausa) (Bronfenbrenner, 2012).

No presente estudo, o componente “pessoa”, da teoria bioecológica foi investigado, na criança e respectiva mãe, bem como as características e habilidades sociais e emocionais. Essas, por sua vez, são influenciadas positivamente pelas estratégias de interação e aprendizado com seus cuidadores, como a brincadeira, assim como o hábito em cantar canções e passear fora de casa, promovem a confiança no filho em se envolver no mundo social. Quando a brincadeira acontece junto ao cuidador mais maduro, o desenvolvimento ocorre de forma mais eficaz porque a presença dele fornece à criança um exemplo de referência e incentivo maior do que é proporcionado quando ela brinca sozinho (Bornstein; Putnick, 2012).

A música também consiste em outra estratégia para a aquisição de habilidades socioemocionais na criança e através dela a criança pode desenvolver diversas atividades como tocar instrumentos, cantar, ouvir e dançar. O canto articula processos de excitação importantes que afetam a autorregulação emocional e são essenciais no relacionamento mãe-filho, e o ato de cantar pode transmitir emoções e/ou informações, tanto através das palavras, como da melodia e ritmo, estabelecendo uma conexão emocional. Esta ação é eficaz para crianças na primeira infância porque não requer alfabetização e parece manter a atenção delas, logo, os pais conseguem estabelecer conexão emocional com o filho, importante para a regulação social (Bornstein; Putnick, 2012).

Existe uma relação entre o avanço tecnológico e o declínio na regulação das emoções, refletidas na deterioração da saúde psicológica infantil, estabelecendo que, quanto mais a criança entra em contato com o ambiente natural e relações pessoais, melhor será o desenvolvimento de sua inteligência emocional (Alharbi, 2018).

Além dos elementos “pessoa” e “processo”, existe também o “contexto”, que consiste na interação de quatro níveis ambientais: microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema. O microsistema é o contexto em que o desenvolvimento de papéis nas relações interpessoais acontece face a face, como o domicílio, a escola. O mesossistema abrange o conjunto dos vários microsistemas nos quais o indivíduo está inserido e a relação que se estabelece entre eles. É ampliado sempre que a pessoa passa a conviver em um novo cenário. Logo, o convívio da criança dentro do ambiente escolar ou da creche com seus pares e professores, por exemplo, influencia e é influenciado pelas relações estabelecidas dentro de casa com sua família nuclear. O exossistema é o contexto no qual a criança não participa de forma ativa e direta, mas, que exerce influência de maneira indireta no desenvolvimento, como o trabalho dos pais. O macrosistema abrange ideologias, valores, crenças, religião, formas de governo, cultura e subcultura, que também atuam

indiretamente no desenvolvimento (Bronfenbrenner, 2012).

No presente estudo, estudamos o elemento “contexto”, representado pela condição de vulnerabilidade social, como a exclusão social, precária assistência à saúde e desemprego, que são características da população em estudo. A pobreza pode ser classificada em absoluta e relativa. A absoluta é caracterizada pela falta de recursos financeiros para satisfazer as necessidades básicas da criança, como por exemplo, alimentação e vestimentas. A pobreza relativa está atrelada à falta de capacidade em contribuir de maneira igualitária para a sociedade, tendo em vista a falta de recursos (Katz, 2007). A pobreza está relacionada à desnutrição, falta de saneamento básico, baixa escolaridade materna e pouco estímulo ao aprendizado, levando ao aumento da depressão e estresse maternos. Todos esses fatores podem influenciar negativamente o desenvolvimento infantil e levar a criança que vive nesse contexto, a prejuízos no desenvolvimento socioemocional (Worku *et al.*, 2018; Vidal, 2017).

A cultura da pobreza predispõe o uso de disciplina coercitiva através de castigos físicos e pouca verbalização, e tende a perpetuar ao longo das gerações, o que dificulta a saída dos descendentes desse ciclo. Desse modo, garantir apenas o acesso à renda a essas famílias ainda é considerado insuficiente para quebrar esse ciclo, não trazendo resultados positivos para a criança. É necessário que a atuação aconteça ao nível de mudança de cultura, com vistas à modificação de atitudes e de estilo parental (Ward *et al.*, 2022).

Diferente da pobreza, a exclusão social é um termo que merece atenção, pois seu conceito tem uma maior abrangência quando se refere não só à falta de recurso material, mas também à posição do indivíduo em relação à sociedade. Essa é uma visão mais holística da pobreza e desigualdade. Devido a essa visão mais abrangente, pesquisas têm se voltado a pesquisar mais sobre a exclusão social do que sobre pobreza (González *et al.*, 2023; Bem, 2006; Katz, 2007).

Logo, o foco tem mudado de investigações pontuais sobre indicadores financeiros para a causalidade multidimensional da desvantagem, a análise passa a ser menos estática, e mais dinâmica, o olhar abrange não somente a família de forma individual, mas toda a vizinhança, ou seja, o enfoque é relacional, com observações da relação do indivíduo com a sociedade, como participação social escassa, falta de integração social, marginalização e preconceito. Mediante o caráter dinâmico da pobreza, sua relação com a parentalidade torna-se complexo para estudar, então, novas perguntas vêm sendo realizadas, de maneira mais sutil, com questionamentos de como a duração da pobreza afeta as práticas parentais? Como os diferentes padrões de renda diferem no uso dessas práticas parentais? Existe diferença se a pobreza afeta pais de bebês ou de adolescentes? Quais são as particularidades da pobreza que afetam diversos parâmetros da parentalidade? (Katz, 2007).

Vê-se a necessidade de políticas públicas voltadas para o cuidado da criança. O modelo da deficiência discute sobre a necessidade da família em provar algum tipo de “crise” para obter apoio institucional. Um exemplo deste apoio está na licença paternidade, que vem ganhando um aumento para que os pais tenham mais tempo de interação e cuidado com os filhos, além de planos de saúde para toda a família, flexibilidade do horário de trabalho, creches no emprego, dentre outros. Entretanto o que se observa é que os pais que obtêm esses benefícios trabalham em grandes empresas, logo, ocupam cargos melhores, são mais abastados. Do contrário, trabalhadores de empresas menores muitas vezes não desfrutam desses benefícios, sendo notável a discrepância entre ricos e pobres (Bronfenbrenner, 2012).

A pobreza e a adversidade na vida de crianças têm aumentado a chance de provocar alterações biológicas e fisiológicas. O estresse suscitado por experiências de privação podem elevar os níveis de cortisol, hormônio regulador do estresse, no organismo. O cortisol, por sua vez, está relacionado a áreas específicas do sistema nervoso central, responsável pela memória, sistema imunológico, emoções e cognição. Logo, alterações nos níveis de cortisol, podem levar a consequências em áreas correspondentes ao desenvolvimento e se alastrar para a vida adulta. As consequências estão relacionadas ao aumento do risco de doenças crônicas na vida adulta, também existindo prejuízo na saúde mental, na autorregulação emocional, aprendizado e comportamento (Branco; Linhares, 2018; Shonkoff, 2012).

Porém, não é todo o estresse que causa essa gama de efeitos deletérios na vida da criança. Existem três tipos de estresse, o positivo, tolerável e tóxico. No estresse positivo, ocorre uma ativação de curta duração e de intensidade de leve a moderada. Ela acontece em situações do cotidiano, como no primeiro dia de aula, quando a criança toma alguma vacina por exemplo, logo, são situações importantes para que a mesma consiga desenvolver autorregulação. O estresse tolerável está presente em situações atípicas e inesperadas, causando uma ativação física e psicológica, como maior efeito de ameaça, acontece em situações de morte de algum membro da família, desastres naturais. Este tipo de estresse não é necessariamente deletério para a criança, pois se a mesma vive num ambiente familiar de proteção, o impacto da situação é amenizado pelo apoio familiar (Branco; Linhares, 2018).

O estresse tóxico, no entanto, causa efeitos deletérios na criança porque age promovendo ruptura de circuitos cerebrais e em outros sistemas em fases importantes do desenvolvimento, como o sistema metabólico, porque ocorre uma reatividade exacerbada e prolongada aos eventos estressantes, além de ocorrer uma falta de suporte para a criança a partir de um cuidador. Situações como abuso infantil, uso de substâncias ilícitas, depressão materna e situação de extrema pobreza predis põem a esse tipo de estresse (Branco; Linhares, 2018).

O tempo consiste no quarto elemento do desenvolvimento segundo a teoria de Bronfenbrenner. Este componente também influencia o desenvolvimento socioemocional infantil, no sentido de permiti-lo acontecer ao longo da vida. Este elemento é analisado de acordo com três níveis: microtempo, mesotempo e macrotempo. O microtempo refere-se à continuidade e descontinuidade que ocorrem nas relações proximais. O mesotempo consiste na periodicidade dessas relações proximais em intervalos de tempo maiores, como dias ou semanas, visto que, o efeito cumulativo dessas relações surte efeito no desenvolvimento humano. O macrotempo tem um enfoque nas mudanças ocorrentes na sociedade de forma ampliada, perpassando as gerações, e como essas mudanças afetam e são afetadas pelas relações proximais no ciclo da vida (Bronfenbrenner, 2012; Martins; Szymansky, 2004).

A análise do tempo deve atentar para as mudanças que ocorrem ao longo da vida do indivíduo, desde os proximais até os mais distais, e como essas mudanças afetam seu desenvolvimento. Ainda segundo este modelo, o caos pode se fazer presente em qualquer dos sistemas ambientais. Ele é encontrado em ambientes exaltados, caracterizados pela ausência de estrutura e imprevisibilidade de rotina diária, podendo levar a processos proximais geradores de disfunção ao invés de gerar competências (Bronfenbrenner, 2012). Neste estudo, o tempo esteve representado pela durabilidade da intervenção educativa.

2.5 Delineamentos de pesquisa em desenvolvimento socioemocional infantil

Existe uma preocupação científica há décadas, que consiste em discernir como a hereditariedade e o ambiente influem no desenvolvimento humano, ou seja, como esses fatores colaboram no resultado do fenótipo a partir do genótipo. Propõe-se que a hereditariedade é influenciada por condições ambientais, hereditariedade essa que é definida como a variância total de características fenotípicas resultantes de um genótipo. Nos delineamentos científicos, ela mede a proporção das diferenças individuais a partir de um potencial genotípico, porém, esse potencial não efetivado nas características individuais, ainda se mantém desconhecido (Bronfenbrenner, 2012).

Sobre essa questão, o modelo traz hipóteses empiricamente testáveis, que são: 1) No que se refere aos resultados de competências do desenvolvimento, a variância da hereditariedade (h^2) será maior quando os processos proximais são elevados, porque o potencial genético para o desenvolvimento é efetivado com maior intensidade. 2) Os valores de h^2 , quando associado a processos proximais, terão valores mais extremos (maiores ou menores), visto que o processo proximal tem efeito mais poderoso do que o contexto ambiental que o indivíduo se encontra

(Bronfenbrenner, 2012).

A força dos processos proximais será mais eficaz em famílias de maior renda no que diz respeito às competências do desenvolvimento. A força do processo proximal para barrar potenciais disfunções no desenvolvimento é maior em famílias de contextos desfavoráveis. Portanto, estimular altos níveis de processos proximais reduzirá as diferenças em diferentes grupos de indivíduos em relação às competências e disfunções do desenvolvimento (Bronfenbrenner, 2012).

Nos modelos do processo do microssistema, Bronfenbrenner traz quatro linhas de investigação no desenvolvimento (transmissão genética das características psicológicas, efeitos subsequentes das características físicas e psicológicas no início da vida, como por exemplo, prematuridade, análise das interações interpessoais, especialmente dentro da família e efeitos do ambiente imediato no desfecho). O autor traz a perspectiva de “endereço sociais” para explicar o desenvolvimento (pesquisas que estudam a influência de áreas rurais ou urbanas no desfecho, por exemplo), a perspectiva dos “atributos pessoais” do indivíduo para justificar o desfecho e o modelo “pessoa-contexto”, que estuda como a combinação da influência ambiental versus características pessoais contribuem para o perfil desenvolvimental da pessoa (Bronfenbrenner, 2012).

Existe também o modelo “processo-pessoa-contexto”, que são delineamentos que procuram investigar o desenvolvimento a partir de variáveis oriundas das características individuais, do contexto em que se vive e do processo pelo qual o fenômeno é realizado. Um delineamento ideal para os domínios processo-pessoa-contexto deve levar em consideração três questões: deve abranger pelo menos dois contextos e dois grupos, as observações dos três domínios devem ser realizadas em, pelo menos, dois períodos de tempo e as medidas referentes ao desenvolvimento devem abranger dados comportamentais e experienciais (Bronfenbrenner, 2012).

Porém, apesar deste último parecer ser o mais completo, Bronfenbrenner ainda refere falta de outro aspecto importante nos delineamentos de pesquisa, a cronologia. Pois este delineamento permite o conhecimento do efeito da exposição do indivíduo a algum evento, influenciando o desenvolvimento humano. Neste sentido, o domínio tempo pode ser utilizado em delineamentos de pesquisa transversal, procurando conhecer o efeito do desenvolvimento após a ocorrência de algum evento, longitudinal de curta duração, nos quais existe o acompanhamento antes e após algum evento, e longitudinal de longo prazo, tendo sido denominado como ciclo vital (Bronfenbrenner, 2012). Esta pesquisa utilizará o modelo “processo-pessoa-contexto-tempo”.

Neste estudo será analisado como os “processos proximais” (práticas parentais) são desenvolvidos a partir da perspectiva dos cuidadores e da observação de situações cotidianas em visitas domiciliares, e de que forma estas ações mediam o desenvolvimento social e emocional da

“pessoa” (criança/mãe) dentro do “contexto” (situação econômica e social desfavoráveis, contexto de habitação, acesso a serviços de saúde, educação, oportunidades de geração de renda e trabalho), em curto prazo de “tempo”. A ciência, independentemente do tipo de metodologia, precisa ter a complementaridade de políticas públicas para analisar os aspectos imediatos e passados do contexto que interferem no desenvolvimento infantil, incluindo o social e emocional.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Caracterização do estudo

O estudo foi do tipo qualitativo, por meio de um estudo de intervenção, com a pesquisa participativa em saúde. O desenho selecionado possibilitou a construção coletiva de ações para o fortalecimento de competências parentais. Este tipo de pesquisa possibilitou a participação ativa de atores sociais, na construção reflexiva das vivências, experiências e percepções, a fim de construir conhecimentos em saúde. Para o alcance deste conhecimento, e consequentemente, de resultados positivos em determinada temática, são necessários o envolvimento equivalente entre pesquisador e participante (Andersson, 2018).

3.2 Cenário do estudo

A pesquisa foi desenvolvida em uma instituição de assistência social filantrópica, localizada no bairro da Várzea, na cidade do Recife, Pernambuco. A referida instituição é voltada para o trabalho com famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social. A instituição oferece atividades sócio assistenciais, visando à melhoria da qualidade das relações familiares. Possui projetos de esporte, música, horta orgânica, creche com atuação de professores e serviços de saúde, como puericultura, odontologia e psicologia. Neste ambiente as crianças fazem as refeições nos horários de funcionamento.

As crianças de 18 meses a 4 anos ficam em tempo integral porque funciona como uma creche ou em um turno apenas (maiores de 4 anos), tendo em vista a obrigatoriedade da pré-

escola para crianças a partir de 4-5 anos. O referido local foi escolhido por haver projetos vinculados à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em atividades de ensino, pesquisa e extensão. Também, nesta instituição foi realizado o trabalho de mestrado sobre a temática de desenvolvimento sócio emocional infantil e relações familiares, através do qual emergiu a iniciativa de proposta de intervenção por parte da pesquisadora a fim de proporcionar ações de educação em saúde no sentido de melhorar as práticas parentais para o alcance de melhores resultados nas habilidades socioemocionais das crianças.

3.3 Participantes do estudo

Participaram da pesquisa mães de crianças na primeira infância (0 a < 6 anos de idade). Critérios de inclusão: Cuidadores que permaneceram mais tempo com a criança durante o dia, durante a pandemia da COVID-19, visto que, em vista deste contexto, as crianças ficaram mais restritas dentro de casa, portanto, as entrevistas foram destinadas aos cuidadores que tiveram esta convivência próxima, de modo a saber responder questões referentes ao comportamento da criança e às práticas parentais. Critérios de exclusão: Cuidadores que não convivessem com a criança em mais de um turno por dia, devido a pouca convivência e conhecimento do comportamento da criança. Cuidadores de crianças neuroatípicas, para evitar viés no resultado, visto que o desenvolvimento social não tem o mesmo padrão nas crianças, logo, o benefício da intervenção educativa poderia não ser visível, além de que a intervenção teria que ser apropriada para a condição da criança, tendo que ser trabalhados outros aspectos da parentalidade.

3.4 Coleta de dados

Na coleta de dados, a inserção da pesquisadora no campo aconteceu por meio de consultas de puericultura, nas quais foi feita uma aproximação inicial e abordagem para realização do convite para participação da pesquisa. Nesta fase foram utilizados quatro instrumentos, que foram aplicados nas diferentes etapas desta pesquisa. Foram eles: *roteiro para caracterização socioeconômica* (Apêndice A), *roteiro de entrevista individual pré-intervenção* (Apêndice B), *questionário The Survey of Well-being of Young Children*

SWYC (Anexo A) e roteiro de entrevista pós intervenção (Apêndice C). O procedimento de coleta de dados foi composto de quatro etapas distintas, conforme a figura 1 e descritas em detalhes a seguir:

Figura 1 - Etapas da coleta de dados. Recife, 2022



Fonte: Elaborada pela autora.

3.4.1 Etapa 1 – Identificação das situações iniciais

Nesta etapa, a pesquisadora fez a aproximação inicial com as mulheres para levantamento das necessidades sobre a temática de práticas parentais. Os convites foram realizados inicialmente por telefone, devido o advento da Pandemia da COVID 19, e também de forma presencial, durante atendimentos de puericultura realizados após primeira reabertura das instituições. Esta etapa aconteceu no período de dezembro de 2020 até agosto de 2021.

A primeira etapa da coleta de dados do estudo ocorreu por meio de *roteiro para caracterização socioeconômica* (Apêndice A), *roteiro de entrevista individual* (Apêndice B) e aplicação do SWYC (Anexo A).

3.4.1.1 Roteiro de caracterização socioeconômica

As variáveis sociodemográficas das mães foram: idade, escolaridade, ocupação, religião, estado civil, quantidade de filhos e renda familiar. Esses dados são importantes para a caracterização das famílias e auxiliaram o entendimento de como esses dados influenciam o objeto de estudo (práticas parentais e habilidade social e emocional infantil).

3.4.1.2 Entrevista individual semiestruturada com as mães

Foi realizada a entrevista individual em profundidade, que consiste numa técnica de coleta de dados qualitativa, com a finalidade de explorar um tema a partir da busca de informações, percepções e experiências das participantes da pesquisa, para analisar e apresentar os dados de forma estruturada. Este tipo de entrevista visa obter o conhecimento de forma aprofundada (Flick, 2013).

A entrevista em profundidade procurou o compartilhamento das experiências das participantes, por meio das experiências subjetivas das fontes, que por sua vez, será resultado da interpretação da pesquisadora. O uso da entrevista permite à pesquisa, a compreensão do passado, a análise para possível identificação de problemas em determinada área, a discussão, reflexão, análises prospectivas, juízos de valor, interpretações e compreensão de fenômenos (Flick, 2013).

O tipo de entrevista utilizada na pesquisa foi a semiestruturada, a qual parte de um roteiro-base que abrange questões acerca dos aspectos que envolvem o cuidado com a criança. A partir de questões básicas, oferecem ampla possibilidade de interrogativas, na medida em que a pesquisadora recebe as informações das participantes (mães). Este tipo de instrumento alterna a flexibilidade de perguntas abertas, porém, por meio de um roteiro como controle. Cada pergunta deve ser explorada ao máximo e outras devem ir sendo elaboradas a partir da resposta dos participantes. Ela deve visar e auxiliar o entrevistado no resgate das lembranças passadas para que exista credibilidade (Flick, 2013).

As perguntas exploraram o cuidado com a saúde do cuidador, acesso aos serviços de saúde, cuidado com a criança, atividades realizadas pelo cuidador junto à criança no momento

em que estão juntos, a função parental em relação a limites e educação, se existem dificuldades, qual a forma de cuidado que proporciona uma saúde emocional adequada para a criança na percepção do cuidador, bem como os sentimentos destas na realização das funções parentais. Esta entrevista foi realizada na primeira etapa da pesquisa, de maneira on line (Santhiago; Magalhães, 2020), via plataforma Google Meet. A escolha deste formato se deu pelo advento da pandemia da COVID-19, ocasionando o fechamento dos serviços não essenciais, nos quais, as instituições de ensino estavam inseridas.

3.4.1.3 Avaliação do Desenvolvimento Infantil por meio do *The Survey of Well-being of Young Children (SWYC)-BR*

O instrumento para avaliação do Desenvolvimento Infantil “pesquisas de bem-estar de crianças pequenas”, SWYC, consiste num dispositivo de triagem de crianças até 5 anos de idade e é voltado para o cuidador responsável da criança responder (Whitesell, 2015; Perrin; Sheldrick, 2013). Caso a mulher, na presente pesquisa, possuir mais de um filho, serão respondidos mais de um instrumento swyc, de acordo com a faixa etária da criança. Lançado em 2016, este instrumento foi elaborado utilizando itens anteriormente validados e está em constante revisão e atualização. Sua sensibilidade foi calculada em 76% e sua especificidade em 77% (Serres; Chen, 2017). As seções do SWYC contemplam questões correspondentes aos marcos de desenvolvimento da criança, desenvolvimento emocional e comportamental e fatores de risco familiar. Existem 12 formulários do instrumento adequados às faixas etárias (2 a 60 meses), e, em cada formulário existem 10 perguntas sobre marcos do desenvolvimento da criança e se esta exibe comportamentos adequados para sua faixa etária (Whitesell *et al.*, 2015).

A seção referente aos marcos do desenvolvimento contempla perguntas sobre a área motora, linguística e cognitiva. Nos instrumentos de 18, 24 e 30 meses existe ainda uma seção chamada de “Observação de interações com os pais” (POSI), utilizado para rastreamento de autismo, com adição de sete questões. Este componente não foi utilizado nesta pesquisa. Na seção referente ao comportamento encontram-se: a lista de verificação de sintomas pediátricos do bebê (para crianças de 2 a 18 meses) e a lista de verificação de sintomas pediátricos em idade pré-escolar (para crianças de 24 a 60 meses) (Whitesell *et al.*, 2015).

A seção de questões sobre os fatores de risco familiar é igual para todas as faixas etárias.

Contém perguntas referentes ao consumo pelos pais ou cuidadores de álcool e outras drogas, rotina alimentar, depressão e risco de violência doméstica. O formulário contém também a avaliação dos cuidadores quanto ao desenvolvimento da criança e preocupações quanto ao comportamento das mesmas (Serres; Chen, 2017). A escolha deste instrumento na pesquisa atual se deu pela sua facilidade de aplicação, gratuidade, validação no contexto brasileiro e disponibilidade pública (Moreira, 2019).

Quanto à interpretação do instrumento, na seção [Marcos do desenvolvimento], existe uma pontuação mínima para identificação de suspeita de atraso do desenvolvimento, para cada faixa etária.

Figura 2 - Pontuação do Instrumento SWYC para identificação de atraso de desenvolvimento

Questionário MD-SWYC-BR	Idade em meses	Pontuação Mínima (amostra brasileira)
		Pontos
2 meses	1 - 3	13
4 meses	4	12
	5	14
6 meses	6 - 7	13
	8	15
9 meses	9 - 10	13
	11	14
12 meses	12 - 14	13
15 meses	15	12
	16 - 17	13
18 meses	18 - 20	12
	21 - 22	13
24 meses	23 - 25	13
	26 - 28	14
30 meses	29 - 30	12
	31 - 34	13
36 meses	35 - 39	12
	40 - 46	13
48 meses	47 - 50	11
	51 - 58	12
60 meses	59 - 62	11
	63 - 65	12

Fonte: Serres; Chen, 2017.

Na seção [Lista de sintomas pediátricos], a pontuação igual ou maior que 9 é o parâmetro para identificação de risco de alteração de comportamento (birras, dificuldade de convivência com pares e adultos, quebrar objetos de propósito, que, no quadro, as crianças foram identificadas pelo sinal de +). Na seção [Perguntas sobre a família] existem questões acerca do uso de substâncias ilícitas por algum membro da família. A triagem é considerada positiva caso haja a resposta “sim” para qualquer pergunta relacionada a esta seção. Nesta seção ainda, existem perguntas para triar depressão dos pais. Se o somatório das questões for igual ou maior

do que 3, a triagem é considerada positiva. Duas questões abordam a capacidade de resolver conflitos entre casal. Caso haja as respostas de [Muito conflito] ou [Muita dificuldade], a triagem é considerada positiva (Alves *et al.*, 2021).

3.4.2 Etapa 2 – Planejamento da intervenção educativa

A intervenção educativa foi planejada a partir de metodologias ativas realizadas durante workshops vivenciais. Essas atividades propostas tiveram como objetivo trabalhar questões levantadas nas entrevistas individuais, que emergiram das mães acerca das suas necessidades e das práticas parentais utilizadas durante o cuidado com os filhos. Os assuntos só puderam ser planejados após o conhecimento advindo da população-alvo. A fase de planejamento das intervenções educativas aconteceu a partir de outubro de 2021, e durante todo o desenvolvimento delas.

3.4.3 Etapa 3- Implementação da intervenção educativa

A principal etapa da coleta de dados se deu nesse momento, pois nele ocorreu a implementação da intervenção educativa elaborada anteriormente. Essa etapa da coleta de dados se deu por meio da realização de workshops, com metodologias ativas.

A intervenção educativa foi realizada com as mães das crianças de zero a menor que 6 anos a fim de melhorar as práticas parentais, e contribuir com as habilidades sociais e emocionais na primeira infância. A cada encontro, foi estimulada a reflexão de alguns aspectos importantes para o uso das práticas parentais positivas. Esses aspectos foram trabalhados em forma de temas iniciais e emergidos dos grupos.

Os workshops foram realizados na instituição de assistência social, em local silencioso, e foram gravados com consentimento das participantes, que se sentaram em formato de círculo e tiveram à sua frente identificação com o nome para facilitar a atuação da moderadora. Os workshops tiveram o quantitativo de dez pessoas em média, incluindo a moderador. Foi trabalhada uma temática diferente para o mesmo grupo, previamente planejada em conjunto. A fonte para planejamento de alguns encontros foi o manual de educação parental (Lott; Nelsen, 2018). As dinâmicas vivenciadas foram adaptadas a partir das necessidades e contexto das participantes, trazidos na primeira etapa da pesquisa.

O tempo de duração dos encontros foi em média uma hora e meia, seguindo as etapas: Momento 1- abertura da moderadora, na qual a moderadora se apresenta e também os objetivos

do grupo, deixa claro também que não existem opiniões corretas e nem erradas, fala da importância de falar uma pessoa de cada vez, sem interrupções e pede permissão para gravação do encontro. Esta etapa ocorreu em 20 minutos. Em seguida, as participantes foram convidadas a se apresentarem, esta etapa durou em média 10 minutos. No momento 2, iniciou-se o debate propriamente dito, de questões mais concretas para as mais abstratas (40 minutos). O momento 3 foi o encerramento do grupo, com a exposição de forma sintetizada das ideias geradas no debate (10 minutos). No momento 4, foi realizada uma avaliação do workshop.

Todas as temáticas foram exploradas através do método da problematização, nas quais, a cada intervenção realizada, as participantes da pesquisa foram estimuladas a refletir e repensar soluções para cada questão no cotidiano das famílias, a fim de colocarem em prática e possibilitar mudança social coletiva. Foram realizados ao total, oito workshops sobre parentalidade, de forma presencial, no período de fevereiro a maio de 2022. Nesta etapa houve a participação de estudantes de graduação, através do auxílio em algumas dinâmicas e na supervisão das crianças durante os encontros.

Segue abaixo, no Quadro 1, as temáticas trabalhadas, bem como a metodologia ativa utilizada e os objetivos conceituais, procedimentais e afetivos. Foram consideradas para análise, as mães que participaram de pelo menos cinco encontros.

Quadro 1 - Workshops sobre práticas parentais. Recife, 2023

(Continua)

Tema	Objetivos	Estratégias/recursos/tempo de duração	Questões Problematicadoras	Avaliação	Atividades para implementação em casa
Encontro 1: Infância do cuidador	Objetivos conceituais: Discutir acerca de como as experiências vividas na infância influenciam a parentalidade. Objetivos procedimentais: Utilizar um objeto que retrate a infância para relembra-la. Objetivos afetivos: Compartilhar experiências vividas na infância.	-Tenda do conto: compartilhamento de objetos que lembram a infância (50 min); - Contação de “o coração e a garrafa”: ilustração através da contação de uma história para posterior reflexão (15 min); -Reflexão acerca do conto e da tenda: diálogo por meio de perguntas condutoras (20 min); - Avaliação do Grupo: Dialogar sobre potenciais pontos positivos ou sugestões para aprimoramento (5 minutos).	Como nossas experiências como filha colaboram para a mãe que SOU hoje? Como podemos mudar a forma como criamos nossos filhos? Quais os principais ensinamentos que levo a partir da tarde de hoje?	Como avaliar os pontos fortes? O que pode melhorar?	As mães levaram imagens de crianças com diversas expressões de sentimentos. Será pedido para que, durante a semana, elas reflitam sobre a criação dos filhos e o desenvolvimento social e emocional infantil.

Quadro 1 - Workshops sobre práticas parentais. Recife, 2023

(Continuação)

Tema	Objetivos	Estratégias/recursos/tempo de duração	Questões Problematicadoras	Avaliação	Atividades para implementação em casa
Encontro 2: Desenvolvimento Socioemocional Infantil	Objetivos conceituais: Compreender os fatores parentais que influenciam no desenvolvimento socioemocional infantil Objetivos procedimentais: Debater acerca da importância de reconhecer as emoções da criança. Objetivos afetivos: Perceber a importância das emoções no desenvolvimento infantil.	-Debate inicial a respeito do material levado para casa encontro passado (30 min) -Abordagem acerca do desenvolvimento social e emocional da criança. Apresentação em data show (30 minutos)	Nas últimas semanas, o que vocês anotaram no folheto das imagens? O que aprenderam após a nossa conversa de hoje?	Como avaliar os pontos fortes? Como melhorar?	Imagens sugestivas de relacionamentos negativos entre cuidadores e filhos para o próximo encontro.

Quadro 1 - Workshops sobre práticas parentais. Recife, 2023

(Continuação)

Tema	Objetivos	Estratégias/recursos/tempo de duração	Questões Problematicadoras	Avaliação	Atividades para implementação em casa
Encontro 3: Práticas parentais que geram comportamento desafiador na criança	Objetivos conceituais: Reconhecer como frases desencorajadoras afetam a autoestima e estimulam comportamentos desafiadores na criança. Objetivos procedimentais: Dramatizar uma situação hipotética da dinâmica “A Selva”. Objetivos afetivos: Tornar-se consciente dos sentimentos e comportamentos que a criança tem a partir do estilo parental.	-Dramatização da dinâmica “A Selva” (dinâmica na qual uma mãe fará o papel da criança e as outras mães farão o papel das cuidadoras a proferir frases desencorajadoras para a criança). (20 min) -Debate acerca da dinâmica realizada. (50 min)	-Para quem fez o papel da criança: Qual foi a sua sensação ao buscar atenção dos “adultos” sem sucesso? -Para quem fez o papel dos cuidadores: o que vocês sentiram a proferirem as frases desencorajadoras para a “criança”? -Para todos: Compartilhem uma palavra para expressar o que sentem após essa atividade. -Qual a mensagem oculta da criança que se comporta mal?	Como avaliar os pontos fortes? Como melhorar?	As mães/Cuidadores levaram para casa uma folha em branco para escrever ou desenhar frases encorajadoras que as mesmas tentarão falar para seus filhos durante a semana, para posterior discussão.

Quadro 1 - Workshops sobre práticas parentais. Recife, 2023

(Continuação)

Tema	Objetivos	Estratégias/recursos/tempo de duração	Questões Problematicadoras	Avaliação	Atividades para implementação em casa
Encontro 4: Estilos parentais	Objetivo conceitual: Identificar os quatro tipos de estilos parentais: autoritário, permissivo, autoritativo e negligente. Objetivo procedimental: Manejar objetos para relacionar as características deles com os diferentes tipos de estilos parentais. Objetivo afetivo: Compartilhar experiências pessoais acerca dos estilos parentais.	Momento 1- Resgate do exercício para casa, através do compartilhamento de experiências com os filhos sobre “frases encorajadoras” (30 minutos) Momento 2- Dinâmica dos objetos (características dos estilos parentais) (40 minutos) -pedra -amoeba -blocos flexíveis 3- Fechamento com leve introdução sobre a diferença dos três estilos parentais (20 minutos)	-Quais as características desse objeto que vocês estão segurando? (pedra, amoeba, bloco flexível) -Somente pelo nome dos estilos parentais no quadro, qual dos objetos vocês associam no estilo parental autoritário, permissivo e autoritativo? -Qual desses três estilos parentais ajudam a criança a desenvolver habilidades emocionais mais saudáveis? Por que?	Como avaliar os pontos fortes? Como melhorar?	Identificar, durante a semana, atitudes em si mesma que refletem os estilos autoritário, permissivo e autoritativo para posterior discussão.

Quadro 1 - Workshops sobre práticas parentais. Recife, 2023

(Continuação)

Tema	Objetivos	Estratégias/recursos/tempo de duração	Questões Problematicadoras	Avaliação	Atividades para implementação em casa
Encontro 5: Práticas parentais, qual é a sua?	Objetivo conceitual: Compreender a eficácia e/ou ineficácia das diferentes práticas parentais. Objetivo procedimental: Encenar 4 situações hipotéticas, nas quais as participantes farão papéis de crianças e respectivos pais dentro do supermercado. As que farão papéis dos pais, encenarão práticas parentais rígida, permissiva, responsável e negligente. Objetivo afetivo: Reconhecer a eficácia que o uso de práticas parentais acolhedoras e baseadas no diálogo são fundamentais para um bom desenvolvimento socioemocional infantil	- Momento 1: Revisão do encontro passado para lembrar os conceitos (10 minutos) -Momento 2: As mães trazem experiências dos últimos 15 dias sobre diferentes práticas parentais utilizadas por elas e dirão suas percepções sobre o comportamento das crianças (30 minutos) -Momento 3: Encenação das participantes, de 4 situações hipotéticas, nas quais utilizaram práticas parentais representativas dos estilos rígido, negligente e responsável, num ambiente hipotético de um supermercado (30 minutos) -Momento 4: Discussão sobre a encenação. (15 minutos)	- Quais são os 4 tipos de estilos parentais e as características desses? - Durante as duas últimas semanas, quais as principais práticas parentais utilizadas por vocês e os efeitos delas no comportamento de suas crianças? -Após a encenação, o que vocês podem concluir sobre as atitudes dos pais? Como essas atitudes interferem no comportamento infantil?	Como avaliar os pontos fortes? O que pode melhorar?	Anotar outras experiências com seus filhos diante da utilização do diálogo para resolver conflitos diários.

Quadro 1 - Workshops sobre práticas parentais. Recife, 2023

(Continuação)

Tema	Objetivos	Estratégias/recursos/tempo de duração	Questões Problematicadoras	Avaliação	Atividades para implementação em casa
Encontro 6: Como o relacionamento entre o casal/adultos afeta o desenvolvimento emocional infantil	Objetivo conceitual: Relacionar o comportamento entre casal ou adulto com o desenvolvimento social e emocional infantil Objetivo procedimental: 1- Montar duas listas (uma sobre comportamentos desafiadores dos filhos e outra sobre características e habilidades importantes para vida) 2- Encenar 2 situações hipotéticas: sobre resolução de problemas com comportamento disfuncional e resolução de problemas com habilidades comportamentais positivas. Objetivo afetivo: Refletir sobre as características e habilidades que os filhos podem desenvolver para se tornarem adultos importantes na sociedade.	Momento 1: Relembrar os 4 tipos de estilos parentais e as características de cada um deles (10 minutos) Momento 2: Montagem de 2 listas (uma sobre comportamentos desafiadores dos filhos e outra sobre características e habilidades para vida) (15 minutos) Momento 3: Encenação de 2 situações hipotéticas sobre resolução de conflitos na frente da criança por um casal com comportamentos disfuncionais e resolução de problemas na frente das crianças por um casal com habilidades comportamentais positivas. (30 minutos) Discussão sobre as encenações, relacionando-as às duas listas realizadas anteriormente. (30 minutos).	-Quais os comportamentos dos filhos de vocês que mais as deixam chateadas? -Quais características e habilidades vocês gostariam que seus filhos tivessem para se tornarem adultos importantes na sociedade? -Quem fez o papel das crianças nas duas encenações: quais os sentimentos que vocês tiveram ao presenciar a primeira encenação (comportamento disfuncional do adulto?)/ qual os sentimentos que tiveram ao presenciarem a segunda encenação? (habilidades comportamentais positivas) -Alguém já passou por experiência na infância, de presenciar conflitos entre adultos de maneira disfuncional? Compartilha conosco...	Como avaliar os pontos fortes? O que pode melhorar?	Se atentar para resolverem conflitos com o cônjuge ou outro adulto através do diálogo e do respeito para compartilhamento no próximo encontro.

Quadro 1 - Workshops sobre práticas parentais. Recife, 2023

(Continuação)

Tema	Objetivos	Estratégias/recursos/tempo de duração	Questões Problematicadoras	Avaliação	Atividades para implementação em casa
Encontro 7: Tipos de Comunicação e desenvolvimento social e emocional da criança.	Objetivo conceitual: Identificar o tipo de comunicação prejudicial para o desenvolvimento social e emocional da criança na primeira infância. Objetivo procedimental: 1) Desenhar e discorrer sobre um modelo “ideal” de criança e de cuidador; 2) Explorar os 4 tipos de comunicação (não-verbal, direta, indireta e dupla) através da exemplificação de cada uma delas. Objetivo afetivo: Preocupar-se em não utilizar a comunicação dupla com a criança.	Momento 1: Revisão e compartilhamento de experiências sobre situações de relacionamento entre casal/adulto que afetam a criança (tempo: 20 minutos) Momento 2: Pedir para as mães desenharem um modelo de criança e cuidador ideal, e após, discorrer sobre o que desenharam (tempo: 30 minutos) Momento 3: Explicação dinâmica dos tipos de comunicação, com exemplificação (não-verbal, direta, indireta e dupla) (tempo: 30 minutos).	-Para vocês, qual seria o modelo de criança ideal? Porque? -Quais seriam as características de um cuidador ideal? Por que? -O que dificulta vocês para conseguirem ser igual ao modelo que vocês descreveram?	Como avaliar os pontos fortes? O que pode melhorar?	Se comunicarem de forma a não utilizarem linguagem dupla com a criança, prejudicial para o desenvolvimento social e emocional.

Quadro 1 - Workshops sobre práticas parentais. Recife, 2023

(Conclusão)

Tema	Objetivos	Estratégias/recursos/tempo de duração	Questões Problematicadoras	Avaliação	Atividades para implementação em casa
Encontro 8: Revisão dos encontros anteriores	Objetivo conceitual: Relembrar as temáticas trabalhadas nos encontros anteriores Objetivo procedimental: Responder a perguntas de encontros anteriores Objetivo afetivo: Compartilhar sentimentos, aprendizados e desejos de aprendizado para a intervenção remota.	Momento 1: Esclarecimento das dúvidas (10 minutos); Momento 2: Dança das cadeiras: a cada mãe que sair da brincadeira, estoura uma bola e responde uma pergunta referente a algum encontro passado (30 minutos); Momento 2: Dinâmica “Teia do Conhecimento”: com as mães em círculo, será passado um barbante, onde cada uma falará sentimentos, aprendizados e desejo de aprendizado. O barbante passará para quem está na frente de forma que, no final será formada uma teia (1 hora)	- Quais foram os aprendizados que você teve ao longo desses encontros? - Quais os sentimentos após esse período de encontros?	Como avaliar os pontos fortes? O que pode melhorar?	Praticar tudo o que foi trabalhado nos encontros.

Fonte: Elaborado pela autora.

3.4.4 Etapa 4 – Avaliação dos resultados da intervenção educativa

O processo avaliativo ocorreu durante toda a intervenção educativa, a cada final dos workshops e após 16 meses, através de entrevistas em profundidade, de forma individual e presencial, realizadas no local onde foram realizados os workshops. O tempo para a realização da avaliação individual ocorreu após este tempo para que a pesquisadora pudesse entender quais foram os conhecimentos e habilidades práticas que foram mantidos, a partir do processo da intervenção educativa, com o objetivo de avaliar a permanência de comportamentos e conhecimentos obtidos. Foram realizadas perguntas norteadoras com o propósito de verificar lembranças que as mulheres tinham dos encontros realizados, como elas enxergavam a maneira como foram trabalhadas as temáticas, se conseguiram colocar o que aprenderam, na prática diária com as crianças, e se ainda conseguem após o passar do tempo (Apêndice C).

O questionário SWYC foi reaplicado após o final do ciclo reflexivo para reavaliação do desenvolvimento social e emocional das crianças em estudo, sendo aplicado por pessoas diferentes da que aplicou no início do estudo (estudantes de graduação inseridas no projeto de extensão relacionada à tese), para diminuir a chance de vieses no momento do preenchimento do instrumento, caso fosse realizado pela mesma pessoa do momento pré-intervenção. Foram realizados treinamentos com as estudantes, no sentido de uniformizar a abordagem e a explicação para as mães, das perguntas contidas no instrumento.

3.5 Análise dos Dados

A análise dos dados sociodemográficos foi descritiva, com apresentação de frequências absoluta e relativa, com o objetivo de caracterizar os cuidadores para possível entendimento do status socioeconômico em relação às práticas parentais e habilidades socioemocionais da criança.

A análise dos dados da entrevista contém três objetivos: compreender os dados coletados, responder à questão do estudo e aprimorar os conhecimentos sobre o assunto abordado (Minayo, 2012).

Foi realizada a análise temática dos dados qualitativos, os quais seguiram as etapas propostas por Yin (2016), em cinco fases: 1) Compilação dos dados, no qual o pesquisador classifica as notificações de campo, ou seja, nesta fase ocorre uma organização dos dados coletados durante a entrevista e observação. Nesta fase a pesquisadora realizou uma leitura exhaustiva e repetida, para melhor compreensão dos dados.

2) Decomposição, no qual a pesquisadora decompôs os dados em fragmentos menores,

chamados de “códigos”. Durante as leituras, a pesquisadora separava palavras-chave para definir uma linha de reflexão, a medida em que encontrava respostas semelhantes de uma mesma questão.

- 3) Recomposição, no qual ocorreu a utilização desses códigos para reorganizá-los em agrupamentos em listas. À medida em que a leitura era realizada, a pesquisadora organizou os códigos encontrados que pertenciam a uma mesma linha de reflexão em categorias maiores, que transmitiam um sentido mais amplo.
- 4) Interpretação, na qual, a partir do material recomposto, foram sistematizados os resultados, os quais compõem a parte analítica do manuscrito. Nesta etapa, a pesquisadora realizou a classificação destas categorias e códigos de acordo com os elementos da Teoria Bioecológica do desenvolvimento humano, para melhor compreensão (Pessoa, Processo proximal, contexto e tempo (apenas na fase pós-intervenção)).
- 5) Conclusão: ocorreu a extração de conclusões do estudo, através das interpretações realizadas na quarta fase. O processo de codificação dos dados qualitativos aconteceu de forma manual, após a leitura e releitura exaustiva das falas emergidas das mulheres.

A análise dos escores referentes ao desenvolvimento socioemocional do SWYC foi do tipo descritiva, para posterior comparação dos escores nos momentos pré e pós intervenção educativa. Os dados obtidos foram organizados em tabelas no software Microsoft Excel 2013. Após conferência de possíveis erros ou dados faltantes pela pesquisadora, os dados da mesma criança foram aposicionados em outra tabela para comparação do somatório das questões nos dois momentos da pesquisa. Para obtenção dos dados sobre os sintomas pediátricos, alterações no comportamento e riscos familiares, foram utilizados os pontos de corte originais disponíveis no manual (SERRES, CHEN, 2017).

3.6 Aspectos éticos

Todos os procedimentos foram iniciados após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde (CCS), da Universidade Federal de Pernambuco, em consonância com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, sob o número de CAAE: 21475219.6.0000.5208, parecer de número: 4.324.274. Os procedimentos se deram mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelas participantes em formato digital na etapa das entrevistas.

4 RESULTADOS

4.1 Etapa pré-intervenção (dados sociodemográficos, desenvolvimento infantil e entrevistas individuais)

Nesta fase, 23 mulheres participaram da entrevista individual e 35 crianças compuseram a amostragem relacionada aos resultados do Desenvolvimento Infantil, por meio do SWYC.

A tabela 1 apresenta os dados sociodemográficos das mães participantes. A maioria das mães possui o ensino médio completo (8 mulheres). Quanto ao estado civil, a maioria era solteira (9) ou morava junto com o companheiro (9). A maior parte delas não estava trabalhando (13) e aquelas que trabalhavam não possuíam garantias trabalhistas, com trabalhos autônomos ou esporádicos. A renda familiar de 18 participantes era inferior a um salário-mínimo por mês e 10 participantes praticavam religião protestante.

Tabela 1 – Dados socioeconômicos das mães de crianças de zero a seis anos – Recife, 2022
(Continua)

Variáveis (N=23)	n	n (%)
Idade (anos)		
19 - 26	5	21,7
27 - 33	11	47,9
34 - 40	7	30,4
Escolaridade		
Fundamental incompleto	5	21,7
Fundamental completo	3	13,1
Médio incompleto	7	30,4
Médio completo	8	34,8
Estado Civil		
Solteira	9	39,1
Casada	4	17,4
União Estável	9	39,1
Viúva	1	4,4
Religião		
Protestante	10	43,5
Católica	4	17,4
Nenhuma	9	39,1
Ocupação		
Autônoma	10	43,5
Desempregada	13	56,5
Renda Mensal (salário-mínimo)		
< 1	20	86,9
1 - 1900,00	3	13,1

Tabela 1 – Dados socioeconômicos das mães de crianças de zero a seis anos – Recife, 2022
(Conclusão)

Variáveis (N=23)	n	n (%)
Quantidade de pessoas residentes na casa		
Até 5 pessoas	20	86,9
6 a 10 pessoas	3	13,1
Número de Cômodos		
≤ 3	6	26,1

4 - 7	17	73,9
-------	----	------

Fonte: Dados da pesquisa.

* Valor do salário-mínimo: R\$ 1.302

Os dados do quadro abaixo, mostra o resultado dos escores do instrumento Swyc no momento pré-intervenção. Esses dados descrevem que das 35 crianças participantes desta etapa, 20 (57,1%) alcançaram a pontuação mínima, a qual classifica como rastreio negativo para atraso no desenvolvimento, porém, 24 (68,5%) apresentaram risco de alteração no comportamento. A maioria (19 crianças- 54,2%) apresentaram triagem positiva para risco familiar. Em relação ao risco de depressão parental, 20 (57,1%) apresentaram triagem negativa e 34 (97,1%) apresentaram triagem negativa para o risco de violência intrafamiliar.

Quadro 2 - Resultado dos escores do Instrumento Swyc Pré-intervenção. Recife, PE

(Continua)

Mãe	Filho (s)	Idade da criança (em meses)	Rastreio para marcos do desenvolvimento	Rastreio para Sintomas pediátricos	Rastreio para risco familiar	Rastreio para depressão parental	Rastreio para violência intrafamiliar
1	C1	36	-	+	+	-	-
2	C2	36	-	-	-	-	-
3	C3	36	-	-	+	-	-
4	C4	48	+	+	+	-	-
5	C5.1 C5.2	48 18	- -	+ +	+	+	-
6	C6.1 C6.2	60 48	- -	+ +	+	-	-
7	C7	48	+	-	-	-	-
8	C8	24	-	-	+	+	-
9	C9.1 C9.2	2 48	- +	+ +	+	-	-
10	C10	48	-	+	-	+	-
11	C11	24	-	+	+	-	-
12	C12	48	-	-	+	-	-
13	C13	48	-	+	+	-	-
14	C14	36	-	+	+	-	-
15	C15	48	+	-	-	-	-
16	C16.1 C16.2 C16.3	60 36 2	+ + -	+ - -	-	-	-
17	C17.1 C17.2	36 6	+ +	+ -	-	+	+

Quadro 2 - Resultado dos escores do Instrumento Swyc Pré-intervenção. Recife, PE
(Conclusão)

Mãe	Filho (s)	Idade da criança (em meses)	Rastreio para marcos do desenvolvimento	Rastreio para Sintomas pediátricos	Rastreio para risco familiar	Rastreio para depressão parental	Rastreio para violência intrafamiliar
18	C18.1 C18.2 C18.3	48 36 6	- - -	+ + -	-	-	-
19	C19.1 C19.2	48 60	- -	+ +	+	+	-
20	C20.1 C20.2	48 60	+ -	+ +	+	+	-
21	C21	15	-	+	+	-	-
22	C22.1 C22.2	2 48	+ -	- +	-	-	-
23	C23.1 C23.2	36 48	- -	+ -	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa.

O quadro 3 apresenta os principais temas a partir da análise indutiva das entrevistas individuais. Nele, os agrupamentos das categorias e códigos foram ajustados segundo os eixos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, de Bronfenbrenner.

Quadro 3 - Análise indutiva das entrevistas individuais pré-intervenção. Recife, PE

Elemento da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento	Categoria	Subcategoria
Pessoa	Conhecimentos sobre parentalidade	Conceito de desenvolvimento infantil
		Necessidade de aprendizado acerca do cuidado com as crianças
	Sentimentos relacionados à parentalidade	Sentimentos relacionados ao papel parental
		Percepção acerca do cuidado e educação dos filhos
		Desejo para o futuro dos filhos
	Percepção das cuidadoras sobre o comportamento das crianças	Comportamentos desafiadores dos filhos
Processo Proximal	Vivências relacionadas às práticas parentais	Atividades de lazer em família
		Principais brincadeiras da criança
		Práticas Parentais Positivas
		Práticas Parentais Negativas
Contexto	Vivências relacionadas às práticas parentais	Funções nas tarefas domésticas e cuidados com a criança no dia-a-dia
		Mudanças no comportamento da criança e da mãe devido à pandemia da covid-19

Fonte: Elaborado pela autora.

1º Elemento da Teoria Bioecológica dos sistemas: Pessoa (Criança e Mãe)

Emergiram categorias a partir das falas, que retratam a pessoa (criança e mãe), que são:

Categoria: Conhecimentos acerca de temáticas sobre os filhos

Na subcategoria 1 [Conceito de desenvolvimento infantil] esteve relacionado à percepção sobre habilidades motoras, aprendizado, linguagem, com ênfase no papel da creche e o papel enquanto cuidadora em apoiar o desenvolvimento, embora reconheçam as limitações que a baixa escolaridade pode interferir na aprendizagem do filho.

Desenvolvimento são fases né? O aprender... pronto, ele não sabia falar, quando entrou na creche o desenvolvimento veio, ele já sabe falar, come de tudo, anda direito agora, reconhece as letras, que são as amiguinhas, cores... acho que isso é o desenvolvimento da criança. E2 (1 filho, 2 anos)

...porque eu não sei aprender, eu não tive esse desenvolvimento também. Eu fui criada assim muito presa, então eu não consigo passar muita coisa pros meus filhos porque coisas ainda me prendem dentro de mim, aí eu não consigo passar com um objetivo melhor para meus filhos... E5 (2 filhos, 4 anos/1 ano e 5 meses)

Na subcategoria 2 [Necessidades de aprendizado acerca do cuidado com a criança], as participantes reconheceram a necessidade de terem mais paciência com os filhos para serem mais obedientes e cooperativos.

... a fazer obedecer, porque ele é muito desobediente, dá muito trabalho com isso. Às vezes ele só obedece na ameaça, eu digo que vou pegar um cinto, que vou bater nele, aí ele para. Aí eu acho que queria aprender a ser mais paciente porque ele é muito desobediente. E7 (1 filho, 4 anos)

Eu acho que é na parte no ensinamento da paciência, que eu não tenho muito. Não sou muito paciente para ensinar, brincar, não sou muito presente. E14 (1 filha, 3 anos)

Categoria: Sentimentos relacionados à parentalidade

A categoria 2 descreve os sentimentos das mães sobre as práticas parentais. Foram encontrados três códigos, com alusão aos sentimentos relacionados ao papel parental, percepção acerca do cuidado e educação dos filhos, e desejo para o futuro das crianças.

A subcategoria 1 [Sentimentos relacionados ao papel parental] emergiu a partir das experiências das mulheres relacionadas à sensação de felicidade (brincadeiras e demonstrações de afeto), estresse (relacionado à sobrecarga das funções domésticas e cuidado com os filhos de forma integral, sem suporte do companheiro e da creche, devido ao contexto da pandemia da COVID-19, brigas entre irmãos e as dificuldades financeiras) e tristeza (falta de recursos para suprir as necessidades da casa e dos filhos pela falta de emprego):

Eu mesma me sinto muito feliz quando eu chego do trabalho, e quando eu vejo ele (filho), ele faz muita alegria, ele diz: 'mamãe, você chegou mãezinha', aí me dá um beijo, me dá abraço, aí quem não se sente feliz não é? E 3 (1 filho, 2 anos)

...quando eu saio com os meninos, que eles ficam brincando, eles vêm pra perto de mim e a gente brinca, eu me sinto alegre... E 17 (2 filhos, 6 meses/ 3 anos)

...quando meus filhos ficam na casa da tia, aí ele liga, faz chamada de vídeo e diz assim: 'mamãe, eu te amo, estou com saudade', aí chega, abraça, beija, tudinho... E 3 (1 filho, 2 anos)

Antes, quando eles estavam na escola, querendo ou não era melhor porque você se organizava tudo cedo de manhã, quando ia buscar a casa já estava arrumada... já ficava mais animada, porque ia andar um pouquinho né? Agora devido a pandemia meus filhos não saem mais né? Não vão mais para escola, aí a gente fica só dentro de casa, aí dá aquela canseira... aí acaba brigando muito e ficando muito estressada né? E5 (2 filhos, 1 ano e 5 meses/ 4 meses)

...porque é o dia a dia não é? É cansativo cuidar das crianças, e agora as crianças estão tudo dentro de casa, que não estão indo para a escola por causa desse problema aí, a pandemia. E 11 (1 filho, 3 anos)

...como os filhos estão de férias, eu me sinto muito sobrecarregada em algumas coisas assim, que as vezes a gente quer ajuda do esposo, aí não tem e a gente fica sobrecarregada, aí a gente fica meio estressada. E 14 (1 filha, 3 anos)

Assim, muito problema para resolver e eu não consigo, porque para poder resolver mais tem que ter dinheiro, e a gente não tem assim na hora que quer... Eu não saio muito porque não é sempre que tá com um trocadinho para levar eles, eles pedem um lanche, um salgadinho, alguma coisa... E 19 (2 filhos, 4/5 anos)

... e meu gás já acabou fez uma semana entendesse? Assim, como minha pequena mama eu dou mais peito a ela, e quando é pra fazer mingau eu pego a garrafa de café e vou esquentar na casa da comadre que mora perto, aí sempre almoço na casa dela. E9 (2 filhas, 2 meses/4 anos)

Porque eu preciso assim, no momento estou precisando trabalhar porque quando vê alguma coisa quer comprar para os filhos... E 12 (1 filho, 4 anos)

Eu fico desanimada porque realmente a gente ama de verdade (os filhos), aí sempre falta o arroz... aí eu fico meio triste. E 19 (2 filhos, 4/5 anos)

Assim, a gente fica preocupado, as dívidas, essas coisas assim do dia-a-dia, a gente fica meio preocupada em sustentar as crianças, essas coisas. E 14 (1 filha, 3 anos)

A subcategoria 4 [Percepção acerca do cuidado e educação dos filhos] retrata a transferência do sentimento de tristeza para os filhos, a sobrecarga no cuidado, o receio em deixar as filhas sob o cuidado de outras pessoas devido o medo da violência e ao fato de serem meninas, o desejo em poder oferecer algo melhor para as crianças e o sentimento positivo de afeição e cuidado devido à maturidade em ser mãe:

Então é muito tempo que eu me sinto triste né, e eu fico pensando que meus meninos ficam tristes porque eu estou triste né, que querendo ou não a gente passa isso pros filhos também né? E5 (2 filhos, 4 anos/1 ano e 5 meses)

É porque eu me sinto às vezes sobrecarregada, aí eu fico muito estressada, fico impaciente com eles, às vezes eu quero descansar um pouquinho e eles estão ali agitados, aí eu fico 'para P, para S', assim no dia-a-dia. E 14 (1 filha, 3 anos)

Eu queria poder trabalhar entendesse? Dar coisas melhores para elas. Às vezes eu fico assim triste, meio de cabeça pra baixo em ver a situação no geral. Eu queria poder

oferecer mais a elas, e não posso, logo porque as minhas são três filhas, e filha é atenção redobrada, não é todo mundo que se deve confiar, nem todo mundo trata bem como a gente. Eu tenho medo que alguém chegue e machuque entendeu? Fica essa preocupação. E9 (2 filhas, 2 meses/4 anos)

Eu aprendi como mãe dele que eu estou muito mais madura. Já estou com quarenta anos, agora assim, eu tenho ele, que tem dois anos, eu me vejo mais carinhosa e mais compreensiva. E3 (1 filho, 2 anos)

A subcategoria 5 [Desejo para o futuro dos filhos], emergiu a partir de expectativas em vê-los estudando para alcançar uma profissão e melhor qualidade de vida, e que tenham uma boa relação com as outras pessoas:

Uma qualidade de vida melhor... estudarem, tentar crescer... ter um trabalho melhor... Eles poderem se enturmar mais, ser umas crianças que goste mais de pessoas né? Porque eu não sou muito assim não, então eu queria que eles fossem um pouco melhor. E5 (2 filhos, 4 anos/1 ano e 5 meses)

Acho que ele estudasse mais, seguisse nos estudos, o que eu não fiz... entrasse numa faculdade, tivesse uma profissão. E7 (1 filho, 4 anos)

O futuro delas... eu quero vê-las estudando. Tenho fé em Deus de vê-las terminando os estudos, porque hoje em dia é difícil você ver uma criança terminar os estudos, fazer faculdade. E9 (2 filhas, 2 meses/ 4 anos)

Um futuro próspero, estudar, ter tudo aquilo que a mãe não teve... Hoje em dia tem muitas oportunidades, tem muitas coisas que não precisa pagar pra poder fazer, pra ela estudar, trabalhar, o que eu quero pra ela é isso, prosperidade... E se um dia ela se desviar e for pro lado oposto, que elas tenham certeza que o que eu ensinei foi o certo, foi o correto. E10 (1 filha, 4 anos)

Eu quero que eles cresçam, que eles estudem, se Deus quiser eles vão crescer, vão terminar os estudos, fazer uma faculdade. Assim, eu podendo confiar neles, que eles não mintam pra mim, sempre se comunicando, conversando para eu poder saber como a vida tá andando. E19 (2 filhos, 4/5 anos)

Categoria: Percepção das cuidadoras sobre o comportamento das crianças

Na subcategoria [Comportamentos desafiadores dos filhos], encontram-se as percepções das mães sobre comportamentos desafiadores das crianças, os quais geram preocupação e reações por parte dos cuidadores, como as questões emocionais e relacionais:

As malcriações dela, as manhas, ela é muito manhosa... Ela quer tudo, só quer conseguir as coisas chorando, aí a pessoa dá aí ela para... Eu acho que se ela não fosse tão manhosa ela desenvolveria mais muitas coisas. Normalmente ela tá fazendo isso, se jogar no chão, querer as coisas. E1 (1 filha, 3 anos)

Ela é muito mandona, o irmão vai fazer qualquer coisa, brincar de alguma coisa, ela pisa, ela não quer, quer os brinquedos só pra ela e não divide as coisas. E13 (1 filha, 4 anos)

Tem hora que ela (filha) é teimosa, não obedece, tem hora que ela é muito agitada. E16 (3 filhas, 2 meses/3 anos/ 5 anos)

Os dois se arengam muito sabe? Eles se estressam porque a brincadeira não foi do jeito que eles querem, reclamam. E19 (2 filhos, 4/5 anos)

Se mudar a menina já começa a chorar, não abre mão, aí já começa a gritar, dá no irmão, aí começa a gritar, então também é quase sempre. E5 (2 filhos, 4 anos/1 ano e 5 meses)

...dela achar que tudo gira em torno dela, 'é meu, é isso, eu quero', eu tento mostrar a ela que não é assim. E10 (1 filha, 4 anos)

2º Elemento da Teoria Bioecológica dos sistemas: Processo Proximal (Relação mãe e criança)

Categoria: Vivências relacionadas às práticas parentais

A categoria vivências das mulheres sobre práticas parentais subcategorias, com alusões às atividades de lazer em família, principais brincadeiras das crianças, práticas parentais positivas e práticas parentais negativas.

A subcategoria [Atividades de lazer da criança], traz que os principais locais que as famílias frequentam são praças perto de casa e praia, no entanto, relataram diminuição devido às restrições da pandemia da COVID-19. Emergiram também, falas que retratam nenhuma atividade de lazer em família pela falta de recursos financeiros:

A gente saia muito, levava eles (filhos) para a praia, a gente assim, a família se divertia, mas com a pandemia, a gente não tá saindo. E6 (2 filhos, 4/5 anos)

Aqui é a praça da Várzea, mas só dá pra ir fim de semana, porque pra ir com ele tem que ter dinheiro, aí não dá muito não. E7 (1 filho, 4 anos)

Geralmente a gente ia pra praça toda semana. Agora, depois dessa pandemia, minha filha, ninguém foi pra canto nenhum mais. E8 (1 filho, 2 anos)

Assim, antes a gente chegava ainda tipo, a ir numa lanchonete à noite. Ou senão eu mesma levava os meninos para a praça, pra brincar, mas agora, ultimamente a gente assim, a gente não tem diversão, é só em casa mesmo... porque tem a questão do dinheiro. E5 (2 filhos, 4 anos/1 ano e 5 meses)

A gente não tá saindo muito não, por questão financeira e também por causa dessa pandemia, essas coisas. E14 (1 filha, 3 anos)

Eu não saio muito porque não é sempre que tá com um trocadinho para levar ele., eles pedem um lanche, um salgadinho, alguma coisa... E19 (2 filhos, 4/5 anos)

A subcategoria [Principais brincadeiras das crianças] revelou que a maioria delas se diverte com telas (televisão e celular), seguido do uso de brinquedos e bonecas, e poucos relatos sobre o hábito de brincar com desenhos e pinturas:

Ele gosta muito de assistir televisão, ele ama, ele gosta muito da Peppa, ele assiste muito desenho... E3 (1 filho, 2 anos)

Se for deixar, ele prefere mais o celular, aí eu deixo. Aí eu dou mais um joguinho... tem um celular que a gente guarda e dá a ela para ela ficar assistindo. E4 (1 filha, 4 anos)

Ela brinca também com os brinquedinhos dela, mas ela gosta muito de assistir televisão. E14 (1 filha, 3 anos)

Eu deixo a televisão ligada e eles ficam lá brincando. E17 (2 filhos, 6 meses/ 3 anos)

Gostam de brincar com os brinquedos, de brincar de carro, pintando no caderno. E18 (3 filhos, 6 meses/ 3 anos/ 4 anos)

É, se ela (filha) ver um lápis na frente dela, ela já pega, já pega um caderno e já começa a escrever, já começa a desenhar. E11 (1 filho, 3 anos)

A subcategoria [Práticas parentais positivas] abarca práticas das cuidadoras que estão voltadas para o estímulo à autonomia, encorajamento, brincadeiras com a criança, demonstrações de afeto e o ensino da boa convivência com outras pessoas, contribuindo para relações sociais:

Ele é elogiado sempre, é um acerto que ele faz, um obrigado que ele pede... tudo que ele faz desse tipo, eu dou os parabéns a ele. Também estimo a fazer as coisas sozinho... a tarefinha dele, a guardar brinquedo, essas coisas. E2 (1 filho, 2 anos)

Eu vou numa venda, eu digo 'dê obrigada', se uma pessoa passar na sua frente não seja ignorante, sempre eu tento explicar, quando for pedir alguma coisa dizer 'por favor. E5 (2 filhos, 4 anos/1 ano e 5 meses)

Meu papel é de cuidar deles, de fazer as coisas da casa, de brincar com eles, ensinar as coisas a eles, fazer as tarefas... eu sento com eles, assisto, a gente coloca um filmezinho, a gente brinca um pouquinho da brincadeira de um, depois um pouquinho da brincadeira do outro, aí todo mundo brinca junto. E6 (2 filhos, 4/5 anos)

...aprendi como mãe o carinho, a compreensão, a conversa, depois que se torna mãe é bem importante. E10 (1 filha, 4 anos)

...na maioria das vezes ela gosta de comer sozinha, ela gosta de fazer tudo só. Eu dou o melhor aos meus filhos, ensinar a eles o que é certo, o que é errado, na hora de dizer sim, na hora de dizer não. E11 (1 filho, 3 anos)

Quando eu saio com os meninos, eles vêm pra perto de mim e a gente brinca, me sinto alegre... Ela como só, e fala 'quero comer só mamãe'... então eu cerco eles dos cuidados do que eu posso, e sempre informando ele das coisas que está acontecendo. E14 (1 filha, 3 anos)

Ele quer ser independente, até pra tomar banho não quer que eu dê banho mais não e eu deixo. E15 (1 filho, 4 anos)

Na subcategoria [Práticas parentais negativas], por sua vez, as mães compartilharam atitudes caracterizadas pela disciplina relaxada, falta de estímulo à autonomia, ameaças, tratamento ríspido, ameaças e punição física, incluindo o castigo e a violência física. Também percebem a inefetividade de tais ações na resolução dos problemas do dia-a-dia:

Eu gostaria de saber colocar ele na rédea, porque eu não consigo, eu sou muito abestalhada, sou muito boba, ele comigo é mais manhoso... ele faz tudo o que os outros querem, mas comigo não. E3 (1 filho, 2 anos)

Eu acho melhor dar a comida na boca dele, mas ele sabe muito bem comer só, pra terminar rápido aí eu sempre dou a ele, ele fica derramando as comidas no chão. E3 (1 filho, 2 anos)

Às vezes eu falo ignorante com ela, aí às vezes ela fica com medo, pensa que eu tô reclamando com ela... pelo jeito que às vezes eu trato ela, elas às vezes tem medo de fazer as coisas. E4 (1 filha, 4 anos)

Eu reclamo, falo assim com ele, às vezes tenho que ameaçar pegar o cinto para ele obedecer. E7 (1 filho, 4 anos)

...aí eu ameaço bater e eles param, de vez em quando eu dou umas lapadinhas, porque eles às vezes desobedecem. E19 (2 filhos, 4/5 anos)

Eu reclamo com ela, eu digo que se fizer de novo vai apanhar, eu digo a ela. E14 (1 filha, 3 anos)

Dependendo da trela, ou eu dou uma tapinha, ou eu brigo feio, mas sempre dou uma tapinha, pra não voltar a fazer, principalmente quando ele começa a chorar sem motivo. E15 (1 filho, 4 anos)

...aí eu fui lá e dei um tapa em cada um, coloquei os dois para dentro do quarto e ficou os dois dentro do quarto lá sentada. E5 (2 filhos, 4 anos/1 ano e 5 meses)

Eu bato nela, assim, não bato com força, primeiro eu tento colocar ele de castigo. E12 (1 filho, 4 anos)

...às vezes eu dou umas palmadas, mas com ela não resolve não, ao invés de ela deixar da manha, não, piora a situação, ela fica mais manhosa ainda... E13 (1 filha, 4 anos)

3º Elemento da Teoria Bioecológica dos sistemas: Contexto

Categoria: Vivências relacionadas às práticas parentais

A subcategoria [Funções nas tarefas domésticas e cuidados com a criança no dia-a-dia] faz menção à sobrecarga da mulher enquanto mãe e dona de casa, a necessidade de mostrar competência ao cônjuge nessas tarefas e a falta de tempo para brincar com os filhos:

O que fica mais difícil para mim é que eu sinto que sou eu só, aí o que é difícil pra mim é que quanta está os três, ao invés da gente brincar, conversar, eu fico tão focada em fazer logo as coisas em casa para quando o pai chegar não estar sempre aquela mesma bagunça. Mostrar assim que eu posso tomar conta de tudo e tomar conta dos meninos, arrumar a casa... eu tento dar prioridade às coisas para fazer do que sentar com meus filhos, a gente brincar, a gente conversar, então é isso que eu não sinto que tem nada de bom em mim, porque eu não priorizo meus filhos. E5 (2 filhos, 4 anos/1 ano e 5 meses)

Eu não me vejo muito mãe, eu me vejo mais uma empregada sei lá, porque é o dia todinho a mesma coisa, dar banho, comer, fazer as coisas... eu me sinto praticamente uma empregada aqui dentro. E5 (2 filhos, 4 anos/1 ano e 5 meses)

É difícil né, porque assim, tem coisas que às vezes tem que ser divididas e eu não tenho com quem dividir, só é eu e eles, eles e eu. E8 (1 filho, 2 anos)

Ela tem as bonecas, aí me chama pra fazer outra coisa e eu acabo indo pouco, mas é muito difícil eu sentar para realmente brincar... eu não vou mentir, eu não tenho isso... E13 (1 filha, 4 anos)

... aí eu não tenho o tempo assim, o tempo que ela quer pra brincar com ela. Também tem o outro menino de onze anos, também tenho que cuidar dele, tem o meu esposo que trabalha à noite, aí é cansativo pra mim, eu faço uma coisa, faço outra, aí termino nem dando o auxílio que ela tanto precisa. E11 (1 filho, 3 anos)

A subcategoria [Mudança no comportamento da criança e das mães] devido à pandemia da COVID-19], a maioria dos relatos apresentaram piora no comportamento das crianças e aumento do estresse da mãe, porém, também houve relatos de melhorias na relação mãe-filho e no desenvolvimento da criança:

Eles ficaram mais agitados dentro de casa sabe? Aí eles querem ir pra rua, eu abro a grade, boto a bicicleta deles aqui na frente de casa um pouquinho... E19 (2 filhos, 4/5 anos)

Teve momento mesmo de eu sair daqui e botar a mão na cabeça, de não tá aguentando saber o que tá acontecendo, sem ter explicação porque eu estava passando por aquilo, mas eu estava me sentindo muito estressada, chega sentia o coração muito acelerado, porque presa em casa, minha mudança de comportamento foi mais essa, de ficar muito estressada porque eu não era tão estressada assim, eu não tinha isso. E5 (2 filhos, 4 anos/1 ano e 5 meses)

Eu percebi que esse período que a gente ficou mais em casa, ela (filha) ficou mais caseira de não querer sair. E10 (1 filha, 4 anos)

...nesse tempo de pandemia a gente, a gente em casa conviveu mais, que antigamente a gente convivia a parte da tarde pra noite, passava o dia fora, aí agora nesse período de pandemia assim, a gente teve mais atenção, prestou mais atenção neles. E6 (2 filhos, 4/5 anos)

É, acho que é isso, com a pandemia a gente acabou ficando mais próximo aí ele melhorou mais, cresceu mais. E7 (1 filho, 4 anos)

4.2 Etapa pós-intervenção (entrevistas individuais e reaplicação dos SWYC)

Após a realização dos workshops, foram realizadas novas entrevistas individuais com as mulheres, com o objetivo de avaliar as práticas parentais, rotina do relacionamento com as crianças e possíveis mudanças de comportamento. Participaram desta etapa oito mães e dez crianças, porque participaram de, no mínimo, 5 workshops. A partir da análise dos dados, emergiram as categorias apresentadas a seguir:

Quadro 4 - Análise indutiva das entrevistas individuais pós-intervenção. Recife, PE

Elemento da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento	Categoria	Subcategoria

Pessoa	Comportamento familiar anterior aos workshops	Violência entre casal
	Conhecimentos e percepções a partir dos workshops	Comportamento adequado com a criança
		Constância do aprendizado
		Reconhecimento da vivência através dos encontros
		Metodologias ativas
		Sensação de bem estar
	Mudança no comportamento das crianças após a intervenção educativa	Resolutividade de problemas, obediência e atividade doméstica
Processo Proximal	Mudança de comportamento das mães após as intervenções educativas	Recordações da infância
		Redução de castigos físicos
		Brincar e ler para os filhos
		Estabelecimento de rotina com a criança
Contexto	Contexto que dificulta a implementação das práticas parentais positivas	Falta de recursos financeiros e rede de apoio
		Sobrecarga materna
Tempo	Contexto que dificulta a implementação das práticas parentais positivas	Retorno dos estressores após fim dos workshops

Fonte: Elaborada pela autora.

1º Elemento da Teoria Bioecológica dos sistemas: Pessoa (Criança e Mãe)

Categoria: Comportamento familiar anterior aos Workshops:

A subcategoria [Violência entre casal] demonstra a falta de habilidade percebida, em resolver conflitos cotidianos na família, acarretando discussões na frente da criança.

Aí ele vinha com ignorância para o meu lado, falava mais alto do que eu e eu falava também do mesmo jeito... Minha menina era mais ou menos assim um ano ela chegou a ver, eu grávida também ele deu um chute na minha barriga e mesmo assim eu com bucho grande e fui para cima dele, quem separou nós dois foi a irmã dele. E3 (1 filho, 5 anos)

Categoria: Conhecimentos e percepções a partir dos Workshops

A categoria 2 traz relatos das participantes sobre os aprendizados adquiridos durante os encontros. A subcategoria [Comportamento adequado com a criança], traz memórias do que as mães aprenderam, sobre como se relacionar melhor com as crianças.

O que ficou marcado pra mim foi a situação de como a gente se dá com os filhos da gente em casa, de como a gente cuidar, o jeito da gente conversar, a maneira que a gente deve educar, por no castigo, não bater, que bater não vai resolver. E2 (2 filhos, 5/6 anos)

Sobre como manter uma família, como saber lidar com as crianças, tem coisas que as crianças não podem escutar. E3 (1 filho, 5 anos)

Eu acho que aquela parte do que é permissível e o que não, que a gente não pode permitir tudo, tem que ter limite na criança, isso aí sempre fica na mente, nunca sai. E5 (1 filho, 6 anos)

Eu aprendi a como saber lidar com a criança, no meu caso são três que eu tenho casa. Aí eu aprendi a como lidar com elas, como separar o tempo pra cada uma. E1 (1 filho, 1 ano e 11 meses)

Ele incentiva a gente a fazer o que no caso eu como mãe já fazia, ele incentivou mais ainda para que eu continuasse e estava no ritmo certo. E5 (1 filho, 6 anos)

Na subcategoria [Constância do aprendizado] as mães destacam a necessidade de estarem continuamente aprendendo e refletindo sobre suas vivências parentais, para que possam se sentir mais confiantes e com ferramentas adequadas para lidarem com os desafios que envolvem a criação dos filhos. Os dados apontados revelam o reconhecimento por parte das mulheres, de que o aprendizado sobre práticas parentais é constante, bem como as tentativas de melhorar o relacionamento mãe-filhos. Nesta subcategoria também emergem falas sobre a importância de os encontros acontecerem de maneira permanente, levando a melhorias, inclusive, na violência urbana.

Todo dia é um constante aprendizado. Eu fico tentando melhorar mais e levar o que eu aprendi. Vou todo dia procurando melhorar e saber como me comunicar com ela, porque ela é muito pequena. Ela não sabe se expressar direito. E1 (1 filho, 1 ano e 11 meses)

Se pelo menos uma ou duas vezes na semana tivesse um encontro desse na escola, na creche, seria maravilhoso, as crianças não seriam tão desatentas, abandonadas. Então assim, se hoje esse encontro que a gente teve tivesse pelo menos uma vez por semana nas escolas com os pais e os filhos trabalhando juntos, eu acredito que seria diferente, eu acredito que até o hábito dentro de casa seria totalmente diferente de hoje. Então eu acho que tiraria mais as crianças da rua, a violência também seria menos, porque tem tanta criança sofrendo na rua com violência, porque os pais estão em casas e não querem dar atenção. E7 (1 filha, 4 anos)

Na subcategoria [Reconhecimento da vivência através dos encontros], houve relato da mãe em reconhecer a maneira como lidava com o filho dentro de casa, a partir da implementação dos grupos.

A forma que foi abordado o teatro, eu lembrei das vezes que meu filho mais velho dizia muito isso, que se sentia rejeitado pela irmã ser a menor, ele sentia como se uma carga tivesse em cima dele, pelas coisas que eu falava, porque eu dizia muito: “Você é o mais velho, você tem que ensinar”. Então assim, o teatro foi um ponto chave, porque a abordagem que a mãe rejeita, eu me lembrei de um dia que ele falou, ele disse assim: “É tudo culpa minha”. Aí isso me deu uma quebrada, porque eu fiquei pensando que era assim que ele se sente, rejeitado, eu acho que isso me marcou muito, esse dia do teatro. E depois dos encontros, principalmente o da peça que foi a chave, que foi o que me marcou bastante, cheguei em casa e até dei uma chorada, e disse: “Meu Deus, o que é que eu tô fazendo?”. E7 (1 filha, 4 anos)

Na subcategoria [Metodologias ativas], as mães lembram que os assuntos eram trabalhados de maneira que estimulavam a participação de forma ativa, gerando a motivação para participação ao longo do processo. Um ponto destacado foram as vivências em forma de teatro, nas quais tinham a oportunidade de representação de papéis como mães ou como seus filhos, além das reflexões advindas do processo. As mulheres evidenciavam que a conversa com pares melhorava a compreensão dos temas abordados e facilitava o entrosamento em grupo.

As atividades que a gente fazia também ajudou muito, era uma brincadeira, mas era uma brincadeira que ensinava muita coisa. Eu achei que seriam palestras só, entediantes. Eu disse ‘vou porque tenho que ir’, mas depois que eu vi que tinha formas de a gente se expressar, que não era só você falando, a gente podia se comunicar também, tinha as atividades. E1 (1 filho, 1 ano e 11 meses)

As brincadeiras da gente em sala com o grupo, que distraiu a gente um pouco, a gente saiu daquele convívio de casa, do dia a dia e veio para a gente se distrair. Porque a gente podia conversar com outras mães. A gente está ali botando em prática, conversando, dialogando, tudinho. A gente fez o teatro, tem que ter assim, tipo um teatro para as mães, não ficar só ali conversando. E2 (2 filhos, 5/6 anos)

Você não fica só naquela mesmice e variar assim, uma coisa mais diferente chama mais atenção, tipo o teatro. Quer dizer, eu acho assim, que do jeito que foi comigo, com teatro, com perguntas, com devolutivas que a gente escrevia como um menino se saía, como teve uma vez, eu achei bom. E5 (1 filho, 6 anos)

Como vocês abordaram os assuntos, a forma, teatro, dinâmica, foi muito bom. É bom porque até une mais as pessoas. E7 (1 filha, 4 anos)

Cada um tem uma cabeça, um modo de pensar, aí cada um vai falar o que acha. Um exemplo: você tá ali explicando, contando uma história, aí pode ser que as pessoas lembrem do que já passou ou já viu alguém passando, é bem estratégico. E3 (1 filho, 5 anos)

Quando eu vim para cá eu já vim dizendo: ‘eu espero que não seja nada para se apresentar’, aí eu ficava quietinha na minha, depois eu comecei a me enturmar com as outras mães porque eu já conhecia daqui, e comecei a me enturmar. E7 (1 filha, 4 anos)

Na subcategoria [Sensação de bem estar], houve relato de melhora do estado emocional ao participar dos encontros, importante para melhoria do bem estar da criança também.

Quando eu comecei a vir para essas reuniões eu estava muito conturbada, revoltada com a minha filha mais velha que aperreava bastante. A reunião acaba sendo engraçada, descontrai a pessoa, a pessoa está triste e de repente já não está mais, é muito bom, gostei. E4 (2 filhos, 4/5 anos)

Categoria: Mudança no comportamento da criança após as intervenções educativas

A categoria traz relatos das mães sobre percepções de mudanças no comportamento dos filhos, com relatos de melhoria no comportamento das crianças no dia-a-dia. Nota-se a demonstração de atitude positiva das crianças na resolutividade de problemas frente às situações de precariedade de recursos, melhora na obediência e nas atividades domésticas.

Hoje eles falam: ‘Bora economizar, que não tem, papai não recebeu’. O pai pegou um trocadinho, comprou biscoito, eles fazem: ‘Olha, papai só vai receber para semana, bora economizar’. Aí um reclama porque o outro estraga: ‘Tu pediu e não tomou, olha aí, tá estragando’. E2 (2 filhos, 5/6 anos)

Eles obedecem mais um pouco, às vezes eles não obedecem, mas eles estão obedecendo mais um pouco, escutam mais, principalmente em alimentação, estão comendo bem melhor. E3 (1 filho, 5 anos)

Arrumar o quarto, a cama, porque ela não fazia, hoje ela arruma a cama dela no quarto, junta os brinquedos. E7 (1 filha, 4 anos)

2º Elemento da Teoria Bioecológica dos sistemas: Processo Proximal (Relação mãe e criança)

Categoria: Mudança de comportamento das mães após as intervenções educativas

A categoria traz relatos de mudanças no comportamento diário com os filhos, que as mulheres julgaram capazes de realizar, apesar dos estressores cotidianos. Na subcategoria [recordações de infância], as mulheres utilizaram memórias, nas quais sofriam violência e falta de atenção, e associaram-nas como referência para entender seu comportamento atual para lidar com os filhos.

Eu sempre fui assim um pouco braba, como eu tinha os meus 16 anos... ele agrediu minha mãe, ele ia dar um murro na minha mãe, pegou no pescoço dela e ia dar um murro nela e eu peguei e dei um chute nele, aí ele achou ruim, aí expulsou eu e minha mãe no caso... aí foi quando minha mãe já não aguentava mais, ele deixava minha mãe com fome e minhas irmãs. E3 (1 filho, 5 anos)

Na minha adolescência tudo que eu queria fazer eu perguntava antes, e se eu chegasse tarde da escola, era eu chegando tarde e o meu pai ia lá e batia em mim, se eu fosse pra igreja com a minha avó ele ia lá para me arrastar pelos cabelos. E4 (2 filhos, 4/5 anos)

Eu digo porque quando eu era criança a minha mãe não podia participar das reuniões e apresentações da escola, porque era minha mãe para trabalhar e dar comida aos oito filhos. E7 (1 filha, 4 anos)

A subcategoria [Redução de castigos físicos] demonstra a redução de práticas parentais negativas como gritos, e aumento da capacidade das mães em conversarem com as crianças, para resolver conflitos de maneira positiva. E, quando ocorre o castigo físico, existe o reconhecimento da ineficácia junto ao sentimento de tristeza.

Eu comecei a conversar mais com ela. Batia bastante, mas parei mais de bater, até hoje mesmo eu não estou batendo muito. E4 (2 filhos, 4/5 anos)

A entender muita coisa, porque era muita birra e eu não vou mentir que eu bati mais do que hoje. Hoje eu consigo ter uma conversa, chamar, conversar, falar com ela, mostrar onde ela errou, é uma coisa que eu aprendi muito. E7 (1 filha, 4 anos)

Antes eu não tinha muita paciência, já gritava logo, falava uma vez e já gritava. Agora eu falo umas 10 vezes e depois se realmente não obedecer eu boto de castigo. E6 (2 filhas, 2 anos e 6 meses/ 5 anos)

Tava ficando muito estressada já com essa situação, tive que dar um acocho de goela nela. Mas assim, eu não fiquei feliz com o que eu fiz, eu fico bastante triste e choro. E4 (2 filhos, 4/5 anos)

Antes eu ia buscar meus filhos na escola e não tinha hábito de perguntar: “Como foi a aula hoje? Como foi o dia? Hoje em dia não, hoje em dia eu saio do portão da escola e já vou perguntando: “Como foi a aula de vocês? Como foi o dia de vocês? O que foi que aconteceu? O que foi que vocês aprenderam?” Aí em casa ele vai e passa para a gente. E2 (2 filhos, 5/6 anos)

A subcategoria [Brincar e ler para os filhos], traz relatos de práticas parentais positivas como a conscientização da importância da brincadeira e leitura para o melhor desenvolvimento da criança e relação pais e filhos.

Antes ela fazia umas birras de criança pequeninha mesmo e às vezes eu ficava mais estressada, não sabia como lidar, agora eu sento com ela e procuro brincar pra acalmar ela, pergunto o que ela quer, da forma que ela pode falar, ela mostra o que quer. E1 (1 filho, 1 ano e 11 meses)

Eu não brincava muito, eu dou atenção a eles, mas eu não brincava muito, ‘Mamãe, vem brincar’, e eu: ‘Pera aí que eu tô ocupada’ aí isso aí me incentivou a participar mais com ele, ser mais participativa, eu era, mas nem tanto, aí isso aí me incentivou muito, muito mais. Ali ele está sentindo que tem pai e mãe que brinca com ele, que ‘eles me amam’ então ele vai se sentir amado ali. E5 (1 filho, 6 anos)

Eu acho que toda criança deveria ter esse momento ... Ela pega o livrinho que eu já li e ela mesmo vai contando a história, ela lembra do que eu falei na historinha e ela mesmo vai lendo do jeitinho dela, porque ela ainda não sabe ler mas ela interpreta. E7 (1 filha, 4 anos)

Na subcategoria [Estabelecimento de rotina com a criança], são verbalizados relatos em relação à organização dos horários da criança em suas atividades diárias, de forma responsável.

Tem que ter hora para tudo, hora para brincar, hora para fazer o que tem que ser feito, as obrigações, tarefa da escola, tudo isso. E assim, foi muito bom, não vou negar, aprendi bastante coisa. E7 (1 filha, 4 anos)

Eu consegui até ter uma disciplina melhor com os meus filhos. E3 (1 filho, 5 anos)

3º Elemento da Teoria Bioecológica dos sistemas: Contexto

Categoria: Dificuldades do contexto para a implementação das práticas parentais positivas

Nesta categoria, são descritos os estressores que dificultam a implementação de práticas parentais positivas das mães para com as crianças. A subcategoria [Falta de recursos financeiros e rede de apoio] retrata o sentimento de impotência da mãe em conseguir prover as necessidades básicas para ela e as crianças, além da falta de ajuda para conseguir realizar atividades diárias.

Eu tô desempregada, aí hoje tem para comer e amanhã não tem, fica naquela correria, às vezes eu tenho que deixar de comer para dar aos meus filhos. Eu estava até sem roupa para estar trazendo eles ... E eu não tenho ninguém, não tenho família para chegar e me ajudar, é complicado. É, aí às vezes eu devo na barraca do lado, porque eu tenho que comprar, porque paga água, luz, internet, eu pago o que devo na barraca, aí quando vou fazer uma feirinha, faço pouca, não chega nem uns 15 dias, aí fica comendo assim de tico, até eu conseguir um emprego. E3 (1 filho, 5 anos)

A subcategoria [Sobrecarga materna] demonstra que o excesso de atividades que a mulher precisa exercer em casa e fora dela, impede a realização de atividades junto às crianças.

Agora mesmo, como eu estava atrasada, o ônibus demorando e eu já estava ficando estressada e também eles (filhos) me agarrando, aí eu: 'Ô menino pelo amor de Deus, não fica me agarrando não', porque estava tipo me sufocando, estava ficando bem estressada." E4 (2 filhos, 4/5 anos)

Eu acho que não é nem tanto a criança em si, é porque a gente já tem muita coisa para fazer, a casa para arrumar, almoço para fazer, às vezes trabalho, aí a criança chega às vezes sem fazer nada, faz só um negocinho de nada e pronto você já fica sem paciência, às vezes nem é culpa da criança mesmo. E6 (2 filhas, 2 anos e 6 meses/ 5 anos)

Lá em casa tudo sou eu, eu tenho um esposo, mas ele trabalha, então tudo de casa é comigo, se uma criança fica doente, sou eu, então é casa, criança, tudo em geral. Eu tive uma crise de ansiedade e descontava muito nos meninos, e me sentia com tanta coisa para fazer que eu acabava, não dava conta e acabo me culpando e culpava os meninos por estar ocupada com eles, tinha que dar atenção, tinha que dar comida. E7 (1 filha, 4 anos)

4º Elemento da Teoria Bioecológica dos sistemas: Tempo

Categoria: Dificuldades do contexto para a implementação das práticas parentais positivas

A subcategoria [Retorno dos estressores após fim dos workshops], mostra o retorno dos estressores após o fim dos encontros com as mães.

Porque no tempo que eu estava vindo eu achava a maneira de me distrair aqui, aí quando parou, já veio tudo de novo, já comecei a ficar estressada de novo, também não tinha com quem conversar nem nada. Aqui eu aprendi tanto com você como com as outras mães tudinho, já era um desabafo. E4 (2 filhos, 4/5 anos)

Abaixo, segue o Quadro 5, com os resultados dos escores do instrumento SWYC aplicados nas crianças após a intervenção educativa participativa. O uso do SWYC foi utilizado como marcador do desenvolvimento infantil, para avaliação dos resultados no comportamento dos filhos, a partir do exercício das práticas parentais positivas utilizadas pelas mães, após a intervenção educativa participativa.

Quadro 5 - Resultado dos escores do Instrumento Swyc Pós-intervenção. Recife, PE. 2023

Mãe	Filho (s)	Idade da criança (em meses)	Rastreio para marcos do desenvolvimento	Rastreio para Sintomas pediátricos	Rastreio para risco familiar	Rastreio para depressão parental	Rastreio para violência intrafamiliar
1	C1	23	-	-	+	-	-
2	C1	65	-	-	+	-	-
3	C1	65	-	+	+	-	-
4	C1	65	-	+	-	+	-
5	C1	65	-	-	-	+	-
6	C1	32	-	+	-	+	-
	C2	65	-	-	-	+	-
7	C1	60	-	-	-	+	-
8	C1	27	+	+	+	+	+
	C2	58	+	-	+	+	+

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 6 - Resultado dos escores do Instrumento SWYC Pré e Pós- intervenção

Mãe	Filho(s)	Rastreio para Marcos do Desenvolvimento (Pré-intervenção)	Rastreio para Marcos do Desenvolvimento (Pós-intervenção)	Rastreio para Sintomas Pediátricos (Pré-intervenção)	Rastreio para Sintomas Pediátricos (Pós-intervenção)	Rastreio para Risco Familiar (Pré-intervenção)	Rastreio para Risco Familiar (Pós-intervenção)	Rastreio para Depressão Parental (Pré-intervenção)	Rastreio para Depressão Parental (Pós-intervenção)	Rastreio para Violência Intrafamiliar (Pré-intervenção)	Rastreio para Violência Intrafamiliar (Pós-intervenção)
1	C1	-	-	+	-	+	+	-	-	-	-
2	C1	-	-	+	-	+	+	-	-	-	-
3	C1	-	-	+	+	+	+	+	-	-	-
4	C1	+	-	+	+	+	-	+	+	-	-
5	C1	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-
6	C1	+	-	-	+	-	-	-	+	-	-
	C2	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-
7	C1	-	-	+	-	+	-	-	+	-	-
8	C1	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+
	C2	+	+	-	-	-	+	+	+	+	+

Fonte: Dados da pesquisa.

O Quadro 7 mostra a comparação pré e pós intervenção dos escores do SWYC das crianças das mães que permaneceram no estudo.

A seção [Rastreio para Marcos do Desenvolvimento] traz questões para triar suspeita de atraso do desenvolvimento. Das dez crianças que permaneceram no estudo, três passaram de triagem positiva, para triagem negativa após a intervenção. Na seção [Rastreio para Sintomas Pediátricos], as questões abordam sobre presença de problemas externalizantes e internalizantes, problemas de atenção e dificuldade com a rotina. Nesta seção, quatro crianças, que tinham rastreio positivo no momento pré-intervenção, obtiveram rastreio negativo para estes problemas no momento pós-intervenção.

A seção [Rastreio para risco familiar], traz questões sobre o contexto familiar (uso de substâncias ilícitas e uso de álcool próximo à criança). Nela, o resultado de duas famílias passou de triagem positiva para risco familiar para triagem negativa, e uma família passou de triagem negativa para triagem positiva. Na seção [Risco para Depressão Parental], existem duas questões que triam risco de depressão dos pais. Nela, uma mãe que tinha triagem positiva para risco de depressão, passou a ter triagem negativa, porém, duas mulheres que tinham triagem negativa passaram a ter triagem positiva para risco de depressão. Na seção [Rastreio para violência intrafamiliar] não houve mudanças no comparativo pré e pós intervenção.

5 DISCUSSÃO

A partir do objetivo de analisar as práticas parentais de mães de crianças de zero a seis anos em contexto de vulnerabilidade social a partir de uma intervenção educativa participativa, os dados encontrados foram codificados e interpretados em categorias relacionadas ao conhecimento, sentimentos e vivências das mães sobre a temática. Os dados empíricos foram relacionados à Teoria Bioecológica do Desenvolvimento de Bronfenbrenner. As práticas parentais neste estudo foram compreendidas a partir de um contexto amplo, abrangendo desde o olhar sobre a infância dessas mulheres, relacionamentos familiares, conjugais, contexto de vida, incluindo aspectos econômicos, desemprego, suporte social, como o papel dos serviços de saúde e educacionais.

5.1 Categorias da fase pré-intervenção segundo elementos da teoria Bioecológica de Bronfenbrenner

5.1.1 Elemento Pessoa

As participantes, quando indagadas sobre o conceito de desenvolvimento infantil, dão ênfase aos avanços motor e cognitivo da criança, não havendo citações sobre os aspectos sociais e emocionais. Também falam a respeito da importância da introdução escolar no avanço do desenvolvimento desses aspectos. Os dados empíricos apontam uma percepção de que o desenvolvimento da criança é incentivado principalmente no ambiente escolar, enquanto a papel das cuidadoras parece ser mais secundário. Bronfenbrenner reflete acerca da escassez ou falta de disciplinas voltadas às questões socioemocionais nas escolas, havendo o interesse em ministração de disciplinas em outras áreas. Tal escassez ou falta de reflexão sobre questões emocionais nas instituições colaboram para a formação de indivíduos meramente individualistas, e conseqüentemente, não exercitam o pensar no outro, a empatia, a renúncia ao próprio bem-estar em prol do outro (Bronfenbrenner, 2012).

Um estudo longitudinal, com o objetivo de explorar a trajetória do desenvolvimento da empatia afetiva, cognitiva e comportamental entre 69 crianças pré-escolares ao longo de um ano,

observou o aumento das competências empáticas conforme o aumento da idade da criança. No nosso estudo, apesar das mães relacionarem desenvolvimento infantil apenas às questões cognitivas e motoras, e associarem esta melhora com a entrada da criança na escola, o estudo mencionado identificou que a empatia afetiva foi mais perceptível nas mães estudadas, em crianças mais velhas, o que pode estar relacionado à inserção da criança em outros ambientes relacionais, como, escola, por exemplo, caracterizada por imposição de mais regras sociais (Simão; Grosbois, 2023).

As mães relataram os sentimentos que permeiam a parentalidade. Discorrem sobre como elas significam a experiência de cuidar e educar os filhos em meio a um contexto de privação econômica e social. Algumas delas conseguem experienciar sentimento de felicidade e prazer no cotidiano do cuidado. Bronfenbrenner diz que, quando o resultado do processo proximal, que consiste na interação com o ambiente imediato (práticas parentais), é positivo, ocorre a competência, que consiste na obtenção de habilidades para a orientação do comportamento em diversos aspectos, inclusive, o social e emocional. Conseguimos identificar a “competência” nessas mulheres, através da obtenção de mecanismos de enfrentamento que conseguem driblar as dificuldades do dia-a-dia, como por exemplo, a presença de rede de apoio, que permitem a essas mulheres desfrutarem de atividades de lazer e trabalhar fora de casa.

Uma revisão sistemática com o objetivo de examinar questões relacionadas ao bem-estar de pais e mães na América Latina, abordou estudos que demonstravam sentimento de satisfação, orgulho e prazer ao cuidar dos filhos, porém, também demonstrou que para as mães, o nível de satisfação com o cuidado da criança foi afetado pelas horas voltadas ao serviço doméstico, mais presente no gênero feminino, independente se a mulher trabalhasse fora de casa ou não. Esse contexto é semelhante ao do nosso estudo, pois as mulheres que trabalham fora, mesmo que casadas, são as que mais se responsabilizam pela manutenção e limpeza da casa (Castro; Huenteo; Solar, 2022).

O sentimento de estresse foi relatado com frequência no estudo, especialmente pela questão da sobrecarga da mulher nos diversos aspectos do cuidado (da criança, da casa, do trabalho fora, quando tinham), e este pode ser um dos fatores que restringe as práticas parentais positivas. Para Bronfenbrenner, a chamada “disfunção dos processos proximais” ocorre quando os impactos negativos da experiência da parentalidade se intensificam em meio a um contexto de

vulnerabilidade, muito comum na população estudada (Bronfenbrenner, 2012). O modelo teórico de Belsky discorre a respeito do estresse parental, como sendo um potencializador para a parentalidade dura, rígida, caracterizada pela falta de capacidade desses pais em ofertar um cuidado responsável com a criança. Existe o risco desses cuidadores, em meio ao estresse, de negligenciarem o cuidado com a criança, através da oferta de um cuidado mecanizado, sem interações (Belsky, 1984).

Segundo a teoria bioecológica, o processo proximal (representado pelas práticas parentais) se torna mais complexo, e depende da interação dos indivíduos (mães e crianças). Portanto, no ambiente imediato (dentro de casa), essas interações precisam ser caracterizadas pela criatividade e atenção, para o adequado desenvolvimento da pessoa (criança) (Bronfenbrenner, 2012). A maioria das mulheres do presente estudo mora apenas com os filhos, sem rede de apoio, são desempregadas e trabalham de maneira autônoma, sendo sozinhas para realizar também, as atividades domésticas. Logo, a interação necessária do processo proximal se torna prejudicada pela sobrecarga materna, e conseqüentemente, pela falta de paciência para lidar com comportamentos desafiadores das crianças. O contexto favorece a utilização de práticas parentais negativas, como o uso de ameaças, castigo físico e escassos momentos de brincadeiras com os filhos.

Em uma revisão sistemática, com 15 estudos transversais e 11 longitudinais sobre saúde mental dos pais e desenvolvimento socioemocional de seus filhos, os dados encontrados associam o estresse materno com piores escores de desenvolvimento social e emocional de seus filhos. Dentre os problemas estão inclusos comportamento internalizantes e externalizantes, e menos condutas pró-sociais. No entanto, esses resultados não são lineares, mas, multifatoriais. Fatores marcados pela violência por parceiro íntimo, pobreza e infância marcada por disciplinas coercitivas alteram o curso do desenvolvimento social e emocional das crianças em anos pré-escolares (Honda *et al.*, 2023).

No estudo de Castro, Huenteo e Solar (2022), o sentimento de estresse esteve mais presente em lares monoparentais, com baixo nível socioeconômico e de escolaridade, e em mulheres com maior quantidade de filhos. Nosso estudo corrobora com o citado, no sentido de que todos estes aspectos estiveram presentes nas falas das participantes. Muitas possuíam companheiros reclusos no sistema prisional, outras sofreram abandono dos companheiros,

assumindo integralmente os cuidados e o provimento das crianças. O baixo nível de escolaridade foi citado como uma barreira para que a mulher conseguisse cargos com salários mais elevados, e a falta de rede de apoio para conseguirem estudar, elevavam o estresse e tristeza dessas mulheres. A quantidade de filhos também demonstrou nas mulheres do estudo que não tinham esclarecimento de como se relacionar com as crianças, com diferentes tipos de temperamento, o que fazia com que tratassem os filhos de maneira diferente, causando discussões e conflitos entre as crianças.

O sentimento de tristeza esteve presente nas mulheres entrevistadas, além do estresse e sobrecarga. Sentimento derivado das necessidades de obter recursos básicos para prover as necessidades dos filhos e o sentimento de frustração por não os conseguir. Bronfenbrenner (2012) aborda sobre a complementariedade do desenvolvimento, entre fatores biopsicológicos (proveniente do indivíduo) e sociopolíticos (proveniente do contexto). O autor reitera a falibilidade de pesquisas que tentam separar esses fatores. No presente estudo, torna-se notável a interdependência dos dois domínios. A situação de pobreza, de escassez de recursos básicos, como alimentação e vestimentas, leva as mulheres a um quadro de tristeza, que, na perspectiva delas, esse sentimento é notado e vivenciado pela criança também.

Um estudo realizado numa comunidade chilena com 55 tríades (mãe, pai e filho), com o objetivo de explorar as características de personalidade adaptativa e patológica, dificuldades de regulação no pré-natal e desenvolvimento emocional de bebês de dois meses, traz a reflexão sobre a preocupação evolutiva da mulher com subsistência da sua prole, estando associada com a satisfação pessoal (Muzard *et al.*, 2023). No presente estudo, observa-se a preocupação das mulheres em poder oferecer mais recursos de lazer, educação e saúde aos filhos, no entanto, a frustração em não os conseguir, leva a uma vivência de tristeza, perceptível à criança. A tristeza das mães em não conseguir esses recursos, assim como em tentar driblar as dificuldades e perigos do contexto de onde moram, afetam a qualidade do cuidado dos filhos (Bornstein; Putnick, 2016).

Outro fato que causa frustração, verbalizado por uma das participantes, é a escolha de não trabalhar devido ao fato de sua criança ser do sexo feminino. Nota-se a preocupação explícita quanto ao risco de violência sexual relacionado ao gênero, pois, caso a criança fosse do sexo masculino, a mulher teria coragem para deixá-lo aos cuidados de outra pessoa para trabalhar.

Segundo Bornstein e Putnick (2016), a parentalidade influencia e é influenciada pelo sexo da criança. Os pais seguem modelos do macrosistema no cuidado, de maneira divergente entre meninos e meninas.

O mesmo estudo, que avaliou seis práticas de cuidado em 39 países de baixa e média renda mostrou que em 15 países, os pais levavam mais meninos do que meninas para fora de casa. Na cultura regional onde foi realizado o presente estudo, crianças do sexo masculino também são mais “livres” para brincar na rua, na representação de que crianças do sexo feminino precisam se acostumar com o trabalho doméstico. O medo da violência sexual também é menor com crianças do sexo masculino, por acreditar que meninas atraem mais esse tipo de abuso.

Comportamentos desafiadores dos filhos também fazem parte das vivências das mulheres e favorecem uso de práticas parentais negativas, como uso da punição física, ameaças e gritos. O comportamento, segundo Bronfenbrenner (2012), está atrelado ao conceito de “temperamento”, que constitui características inatas, importantes para o processo intra e interpessoais, tendo mais destaque para crianças na primeira infância, idade característica do estudo. A “personalidade” adquirida através da interação com o meio ambiente seria mais predominante em adolescentes e adultos. A obediência, para o autor, é vista como um comportamento positivo na criança, porém, não é a obediência mecânica, fruto de um treinamento, mas a obediência consciente, geradora da autodisciplina (Bronfenbrenner, 2012).

Apesar da preocupação pelos comportamentos de birra, gritos e agressividade da criança, notam-se comportamentos semelhantes das mães, que, no momento das entrevistas e interações registradas no diário de campo, são percebidos e relatados pelas próprias mulheres. Muitos desses comportamentos e práticas de educação parental das mães estão atrelados ao estresse causado pelas privações econômicas do dia-a-dia, além da transmissão intergeracional de práticas de educação parental baseadas na punição e violência.

Um estudo longitudinal, com mais de 18.000 crianças matriculadas no jardim da infância até a quarta série, em creches dos Estados Unidos, durante os anos letivos de 2010 a 2011, cujos cuidadores responderam questões referentes ao status socioeconômico, comprovou a associação das privações econômicas familiares, com uso de práticas parentais mais rígidas e presença de problemas comportamentais internalizantes das crianças. O mesmo estudo sugere que as crianças percebem, inicialmente, as más condições advindas da pobreza familiar, depois, a regulação de

seus pais ou cuidadores próximos, com gradual alteração no seu desenvolvimento socioemocional. Logo, nesta fase da vida da criança, a interação pais-criança é fundamental para a sua regulação comportamental (Lee, 2022). Achado que corrobora com a teoria de Bronfenbrenner, onde o processo proximal (práticas parentais) atua sobre a pessoa (criança em desenvolvimento), no contexto (vulnerabilidade social) (Bronfenbrenner, 2012).

Quando indagadas sobre o que as mães desejam para seus filhos, praticamente todas referiam a vontade de verem seus filhos estudando, alcançando o nível superior de ensino, e relacionaram a esta condição, o sucesso na vida. A teoria de Bronfenbrenner, o exossistema é o contexto que também influencia o desenvolvimento do indivíduo, porém, de maneira indireta. Logo, conseguimos perceber que a vivência dos estudos, especialmente quando nos referimos ao ensino superior, não foi algo vivido por nenhuma mãe do estudo, porém, mesmo sem a vivência, as mesmas entendem a importância desse recurso para o filho obter qualidade de vida mais satisfatória.

Percebemos esta associação dos estudos como um fator de proteção desde a fase pré-escolar da criança. Um estudo realizado na cidade do Cabo, na África do Sul, com 15 mulheres, com o objetivo de explorar as percepções acerca dos fatores que influenciavam o desenvolvimento na primeira infância em ambientes urbanos de baixa renda, mostrou que as participantes do estudo referiram o aprendizado e a escola como um dos atores de proteção para o melhoramento do desenvolvimento das crianças. O contexto do local do estudo tem semelhanças com o nosso no que diz respeito ao fato das políticas de educação serem mal implementadas. Porém, a conscientização da importância do aprendizado e dos estudos estão presentes nas mulheres dos estudos (Draper *et al.*, 2023).

5.1.2 Elemento Processo Proximal

Brincadeiras e atividades de lazer são bases para a interação da mãe com as crianças, e por meio das quais, pode-se observar quais práticas parentais são utilizadas pelas mulheres. Os principais locais para atividades de lazer relatados pelas mulheres foram as praças e praias. Bronfenbrenner traz a denominação de “endereço sociais” para explicar pesquisas que explicam

a influência das áreas rurais e urbanas no desenvolvimento pessoal. Estuda a combinação dos atributos pessoais com a interação social, resultando no perfil desenvolvimental da pessoa.

Um estudo foi realizado com o objetivo de correlacionar práticas de lazer com crianças e jovens, e a coesão social do território (termo de definição ainda complexa, mas que passa a ideia de pertencimento social). Uma das dimensões da coesão social refere-se ao lazer e ao sociocultural. O estudo mostra que a participação social, inclusive na área do lazer, é importante para a melhoria e desenvolvimento, maior bem-estar pessoal e maior identificação comunitária, que existe influência da participação de atividades educativas de lazer (especialmente as atividades livres) sobre a coesão social territorial, a nível de bairro. Essas atividades são identificadas como apoio social, como exemplo o estreitamento da relação entre vizinhança, favorecendo o compartilhamento de experiências e diminuindo o isolamento social. Elas predispoem geração de laços e relacionamento afetivos na fase da infância, favorecendo a inserção das crianças na vida comunitária (Martinez; Esteban; Oraisón, 2023).

A população do nosso estudo tem esta característica, de frequentar ambientes de praças, comum no bairro, sendo estas, espaço de apoio social, porque lá as mães conseguem conversar sobre as vivências diárias e encontrarem apoio e identificação nos relatos dos vizinhos, diminuindo a sensação de isolamento. Esta inserção da criança e do adulto na comunidade, através de atividades de lazer, é importante também para o combate das desigualdades sociais, através do acesso aos bens públicos e geração de valores compartilhados, atuando contra a exclusão social. A construção da cidadania e a socialização da criança perpassa, também, pela participação dela nos espaços de lazer comunitários (Martinez; Esteban; Oraisón, 2023). Conseguimos detectar a necessidade da implantação de mais espaços de lazer nas áreas urbanas de Recife, já que, para muitas famílias residentes, são as únicas opções de lazer para suas crianças, já que não precisam despende de muitos recursos financeiros para desfrutá-los.

As brincadeiras são importantes para o desenvolvimento cognitivo e motor da criança, bem como para a socialização satisfatória. Um estudo realizado na Alemanha com 49 crianças de três a cinco anos, saudáveis, com o objetivo de associar desenvolvimento da linguagem, habilidades motoras e comportamento no lazer, demonstraram o aumento da inatividade relacionada ao uso de mídia por essas crianças. Mostrou também a relação entre maior tempo de atividade não estruturada a melhores escores em testes de linguagem. Também relacionou

melhor status socioeconômico com elevados escores de desenvolvimento da criança, sendo este, então um fator de proteção para o aprendizado das habilidades motora, cognitiva e de linguagem para as crianças.

Um achado interessante deste mesmo estudo foi a correlação entre tempo de uso do computador com melhores resultados em testes de memória fonológica e compreensão de sentenças, porém, ressalta a importância de programas educacionais, através de jogos educativos, para o desenvolvimento infantil. Estes programas consistiram num bom recurso para as mães, em tempo de pandemia, por ofertar este tipo de atividade educativa, mesmo que através de telas, para as crianças, ao invés de deixá-las em frente à televisão ou celular, consumindo vídeos sem propósito educativo (Mulé *et al.*, 2022).

Um estudo transversal realizado no nordeste brasileiro, com mais de três mil pares cuidador- criança em situação de pobreza, mostrou que o ato de brincar consistiu em uma prática que traz benefícios no processo de desenvolvimento da criança e facilita o entrosamento mães-filho (Rocha *et al.*, 2022).

Algumas mães referiram comportamentos que correspondem às práticas parentais positivas, como estímulo à autonomia, elogios, demonstração de carinho e atitudes afetuosas. Estas falas foram advindas de algumas mães que, apesar da situação de pandemia, ainda conseguiam manter uma relação de trabalho com remuneração. Um estudo realizado nos Estados Unidos, revelou que mulheres que tinham maior flexibilidade no emprego, obtenção de reconhecimento laboral, o ato de poder trabalhar de casa e quando tinha relações de apoio, apresentavam uma parentalidade estimulante e sensível (Sattler; Prickett; Crosnoe, 2023).

As práticas parentais baseadas na comunicação aberta e interação dentro da família (através de brincadeiras, por exemplo), ajuda a construir a identidade da criança e a estimula a desenvolver empatia, tolerância e disciplina (Mu *et al.*, 2024). Um estudo realizado no Atlântico médio demonstra que a parentalidade sensível esteve diretamente relacionada a níveis de escolaridade materna mais altos (Kelly; Slicker; Hustedt, 2024).

Observamos que as mulheres do presente estudo apresentam autorrelatos que utilizam práticas parentais positivas e negativas, não há um só padrão de exercer a parentalidade. Por esta causa, focamos em realizar a intervenção educativa no sentido de aprimorar e melhorar as práticas parentais positivas já realizadas e fornecer mais possibilidades de comportamento

baseado no diálogo, e reduzir práticas parentais que atuam no contra-fluxo do desenvolvimento social e emocional da criança na primeira infância. As práticas parentais negativas presentes no estudo podem estar atreladas à sobrecarga da mulher e às más condições econômicas, como relatadas.

5.1.3 Elemento Contexto

O contexto traz categorias acerca de fatores da cultura local e sistêmica que influenciaram, de maneira intensa, a relação entre mães e filhos. O estudo foi marcado por falas de preocupação das mulheres em mostrar competência ao cônjuge em relação aos cuidados com a criança e com a casa, levando-as à fadiga por ter que dar conta das tarefas domésticas e cuidados parentais sozinhas. Essa preocupação pode refletir a cultura local de que a mulher precisa ser a responsável pelo cuidado da prole e da casa, enquanto o homem tem uma participação menor e mais fria nesses aspectos, sendo responsável pelo prover e sustento da casa. Apesar da sutil mudança para uma equalização dos papéis, as mulheres ainda gastam mais tempo nos afazeres domésticos, especialmente as que vivem em contexto de vulnerabilidade social (Bornstein; Putnick, 2016). Apesar dessa diferença nos papéis causar estresse para a mulher, a possível “falha” em realizar esses cuidados torna-se motivo de vergonha e incompetência, gerando sentimento de impotência e frustração.

Mudança de comportamento da mãe e criança advinda do contexto da pandemia da COVID-19 foi a última subcategoria emergida da fase que antecedeu a intervenção, evidenciando relatos das mães sobre a piora do sentimento de estresse delas e de mau comportamento das crianças. Porém, também houveram relatos de melhoria na relação mãe e filho. Segundo a teoria Bioecológica, a experiência significa a maneira como um indivíduo sente o contexto em que vive, tanto sob aspectos objetivos, quanto, principalmente, subjetivos (crenças pessoais, medo) (Bronfenbrenner, 2012).

A pandemia chegada em 2020 trouxe consigo muitos sentimentos de medo, incertezas, preocupações sobre o futuro próximo e longínquo. Época marcada por muitas demissões e piora da situação econômica das famílias, que já vivenciavam precárias condições de salário, pois viviam de trabalhos autônomos, sem nenhuma garantia trabalhista. O distanciamento social e

perda de redes de apoio, com crianças na faixa etária marcada por desbravar novos conhecimentos, que é a primeira infância, também contribuiu para o aumento do estresse das mulheres, em não saber como lidar com sobrecargas adicionais nesse novo contexto.

Uma revisão de escopo com o objetivo de abordar os efeitos da pandemia da COVID-19 na saúde mental materna, desenvolvimento infantil na primeira infância e nas práticas parentais, mostrou que, quanto às crianças, houve o aumento de casos de crises de ansiedade e depressão, bem como, piora no comportamento e de marcadores de desenvolvimento infantil. Mostrou também queda na habilidade de leitura das crianças, tendo em vista o fechamento das escolas no modo presencial. O estudo aborda que esta queda poderia ter sido menor, caso os pais tivessem o hábito de leitura com os filhos em casa. Estudos também mostraram aumento da exposição da criança às telas e diminuição de brincadeiras ao ar livre, com aumento do sedentarismo. Quanto aos pais, fatores como falta de apoio, elevaram consideravelmente o estado de doença materna. Padrões de dieta e sono desregulados também foram cruciais para o adoecimento das mulheres, junto às barreiras de acesso aos serviços de saúde. Quanto às práticas parentais, foi vista associação entre práticas parentais marcadas por inconsistência e inflexibilidade ao sofrimento mental infantil (Penna *et al.*, 2023).

Um estudo, que teve como objetivo documentar o estado psicológico da família no período do confinamento, mostrou aumento de problemas de saúde mental nas crianças e com dificuldades de adaptação à nova situação (Li; Tang; Wang, 2023). O contexto das famílias estudadas é caracterizado pela criação dos filhos na rua, em contato com outras crianças, logo, a manutenção delas dentro de casa também acarretou aumento de situações conflituosas, que intensificaram o sofrimento e estresse para as mães, pois muitas aproveitavam o período em que elas iam para a creche ou escola, para procurar algum trabalho ou desenvolver alguma atividade rentável, ou até mesmo, cuidar de si mesma e da casa.

Quando tiveram que conviver com a criança sem este tempo livre, passaram a enxergar mais de perto, maus comportamentos que precisavam intervir, e não conseguiam manter as atividades rotineiras como antes, e isso gerava sentimento de impotência nelas. Vale ressaltar que, em algumas das famílias do estudo, o estresse parental já era presente antes do contexto pandêmico, tendo este potencializado a falta de estrutura familiar. A criança, ao se ver numa situação de pouca ou falta de atenção da mãe, apresentava problemas para chamar a atenção, o

que era visto pela mãe como comportamento de birra, e, sem o conhecimento do funcionamento da cabeça da criança, utilizavam de disciplina rígida, como castigos físicos, e poucas atitudes de conversa e compreensão.

Outro estudo realizado na Índia, com o objetivo de compreender o estresse e uso de práticas parentais, evidenciou um nível moderado de estresse parental durante a pandemia da COVID-19, também pelas consequências que o confinamento trouxe nas relações familiares, com crianças impacientes e mais agressivas, e por outro lado, pais usando práticas parentais rígidas, com castigos físicos e agressão verbal (Ganie; Jayanthi; Jangan, 2023). Porém, no mesmo estudo, foram identificados níveis semelhantes de estresse parental entre mulheres e homens, pelo fato dos dois estarem presentes em casa durante o tempo do confinamento, o que não aconteceu no nosso estudo, provavelmente pela diferença de cultura. Pois as mulheres do nosso estudo dirigem lares monoparentais, ou, quando possuem companheiro, ainda foram as que ficaram mais tempo com as crianças em casa, sem conseguir trabalhar fora.

Perold, Knott e Jovem (2023) também identificaram que a pandemia da COVID-19 trouxe alterações na rotina diária dos pais residentes na África do Sul: Perda de rendimentos, sentimento de exaustão, e junto, sintomas depressivos e de ansiedade, e, portanto, menos disponibilidade de vivenciar atividades de lazer em família. Mães de nossa pesquisa até expressaram o desejo de brincar mais com as crianças, porém, a quantidade de afazeres em casa se tornava um obstáculo para elas, gerando sentimento de culpa e de tristeza, por não conseguirem dar atenção aos filhos, que recorriam às telas, especialmente à televisão e celular.

Um estudo realizado com crianças e adolescentes na Alemanha, com o objetivo de investigar as atividades de lazer típicas de crianças e adolescentes em relação à construção psicológica e autoeficácia, mostrou que o hábito de ouvir música e o ato da leitura estão positivamente associados à autoeficácia nas crianças e adolescentes e ao desenvolvimento individual saudável, não estando associado, este efeito, a crianças que fazem uso de jogos de computadores diariamente. Logo, o bem-estar psicológico foi ligado à participação de atividades de lazer estruturadas. Este ponto torna-se preocupante devido ao fato de que, durante a pandemia, o principal recurso que as mães utilizavam para distrair as crianças era, o uso de jogos e telas. Houve um aumento do uso dos eletroeletrônicos porque, através deles, as crianças ficavam mais quietas, e desta forma, as mães conseguiam realizar as tarefas de casa de forma

mais sossegada. No entanto, estes jogos oferecem menos oportunidades de interação, desenvolvimento da fala, e consequentemente, a socialização das crianças, em relação às atividades mencionadas anteriormente. Por exemplo, a leitura proporciona à criança, a possibilidade do uso da imaginação, através das narrativas de alguma estória (Kreutz; Feldhaus; Saarikallio, 2023).

Outro estudo realizado na Paraíba, Brasil, com o objetivo de analisar o impacto da pandemia no uso de telas, em crianças na primeira infância, demonstrou, através das falas das participantes, que houve um aumento considerável da exposição de tela pelas crianças na primeiríssima infância, inclusive, para fins educacionais, pois o ensino infantil também se utilizou de recursos eletrônicos durante o fechamento das creches e escolas. Porém, a utilização do recurso de telas foi marcada por dificuldades, como a pouca capacidade de concentração das crianças menores, isso porque, na modalidade presencial, os professores conseguem utilizar estratégias lúdicas, com maior possibilidade de estimular o desenvolvimento cognitivo, social e emocional (Brito *et al.*, 2023).

Outro estudo realizado em Salvador, Brasil demonstrou através de seus resultados que 62% das crianças utilizavam telas todos os dias durante o período de afastamento social na Pandemia da COVID-19, sendo que 71% assistiam desenho todos os dias. Através das falas das próprias crianças, observou-se que as mesmas recorriam às telas para superar o tédio de ter que ficar dentro de casa, porém, o uso delas, sem nenhum tipo de interação social, produzia ainda mais esse tédio. Quanto ao ato da leitura, 81% das crianças referiram não ler nenhum dia, levando os autores à reflexão desta falta de prática entre criança-cuidador como sendo cultural, pelo aumento da disponibilidade de aparelhos eletroeletrônicos dentre as famílias (santana; lordelo; fériz, 2022).

No nosso estudo, apesar do baixo nível econômico das famílias estudadas, todas disponibilizavam de celular e televisão em casa, e, quando indagadas sobre a rotina de leitura, sete, das oito mães que permaneceram no estudo referiram não ler nenhum dia para as crianças. Logo, concluímos que o hábito de leitura, como qualquer outro hábito, é imitado pela criança, ao presenciar o adulto fazendo. E, como esta prática não é comum a essas mães, as crianças também não a desenvolvem. O espaço que poderia estimular um pouco mais este hábito, a escola e creche, estando fechadas, colabora ainda mais para a ausência desta prática.

Outra problemática da falta de utilização dos espaços de lazer para essas crianças foi a falta de organização e percepção do tempo pela criança, pois referiram não haver diferença entre os dias da semana e os finais de semana, já que não saíam de casa, e a rotina permanecia a mesma. Ainda, as crianças deste estudo não consideraram o ato de assistir, jogar e brincar sozinhas, como brincadeira no instrumento utilizado pelo estudo. Logo, observamos que, para elas, a denominação “brincadeira” só fazia sentido, quando socializada com os irmãos ou outras crianças, ou até mesmo, com os pais (Santana; Lordelo; Ferriz, 2022).

5.2 Categorias da fase pós-intervenção segundo elementos da teoria Bioecológica de Bronfenbrenner

5.2.1 Elemento Pessoa

Após a nossa intervenção educativa, foram realizadas entrevistas para avaliação das mudanças comportamentais das mães, em relação às práticas parentais, e modificações nos escores do desenvolvimento social e emocional das crianças do estudo.

A violência contra a mulher foi relatada, em consequência a discussões entre casal, demonstrando a falta de habilidade das famílias do estudo em resolver conflitos intrafamiliares. Um estudo de coorte retrospectivo explicou como a violência por parceiro íntimo pode interferir na heterogeneidade na trajetória do desenvolvimento de habilidade pró-sociais em crianças, e em que grau os fatores de proteção nas ecologias infantis promoveram este aspecto do desenvolvimento. Este estudo mostrou que, embora crianças de três anos tivessem padrão de alto funcionamento das habilidades pró-sociais, quando expostas a situações de violência por parceiro íntimo dentro de casa, 34% delas começaram a diminuir essas habilidades entre as idades de quatro a sete anos. Logo, foi comprovado que a violência intrafamiliar, especificamente, a pelo parceiro íntimo, influencia negativamente na aquisição e manutenção das competências pró-sociais na primeira infância.

Visto que os dois principais indícios de boa competência pró-social são a empatia (capacidade de se colocar no lugar do outro) e simpatia (sentimento de preocupação por outra pessoa), foi um achado do estudo o fato de que crianças pequenas expostas a este tipo de

violência, apresentam menos sinais de empatia e simpatia, devido à falta de padrão comportamental adequado dos pais dentro de casa e menor capacidade de regulação emocional. Este estudo aponta, ainda, para a importância da atuação de outros ambientes, para conferir proteção a estas crianças, como o ambiente escolar, porém, destacam que, a preocupação com o desenvolvimento social e emocional está muito presente nos níveis pré-escolares, no entanto, a partir dos anos do “jardim da infância”, a preocupação escolar passar a ser mais evidente com a estimulação às competências cognitivas. Esta transição pode se tornar difícil para crianças expostas a violência entre os pais dentro de casa, devido às exigências delas se darem bem com os colegas e ao mesmo tempo, obterem bom desempenho acadêmico (Holmes *et al.*, 2024).

O estudo de Smith *et al.* concorda com Holmes e foi realizado na Austrália, com o objetivo de descrever experiências maternas relacionadas à violência por parceiro íntimo e sua relação com diversas áreas do desenvolvimento da criança nas faixas etárias de três a cinco anos de idade. Seus resultados mostraram que mais da metade (57%) das mulheres participantes do estudo tinham sofrido este tipo de violência quando seus filhos estavam na primeira infância, e essas crianças, apresentavam problemas de comportamento internalizantes e externalizantes aos cinco anos de idade. Porém, os autores declaram que uma limitação do estudo está no fato de que a população estudada se encontrava em situação de vulnerabilidade social, o que pode ter confundimento em relação aos resultados negativos no que diz respeito ao desenvolvimento infantil, deixando esta associação dificultada (Smith *et al.*, 2023).

As mães relataram o que foi aprendido sobre o comportamento adequado que elas devem ter com a criança, através do recordatório da intervenção educativa. Através dos autorrelatos das participantes, a intervenção educativa em grupo, fundamentadas nas necessidades das participantes e com metodologias participativas, demonstrou eficácia na mudança de crenças, conhecimentos e habilidades que interferem nas práticas parentais, após um ano. Esse resultado positivo na aquisição do conhecimento esteve presente também num estudo de intervenção, através de mensagens de rádio, realizado por agentes comunitários de saúde, sobre desenvolvimento na primeira infância e comportamento adequado com os filhos. Nele, os resultados foram que o nível de conhecimento dos pais melhorou significativamente, sobretudo, os que foram submetidos a intervenção combinada (rádio e sessões durante visita domiciliar), concluindo a melhor eficácia da intervenção educativa, quando esta ocorre associada à

assistência de saúde, acontece em grupo e com materiais de apoio (Antelman *et al.*, 2023). No nosso estudo, só fizemos uso do método grupal, e conseguimos identificar que o ambiente em comum, com oportunidades de fala foi bastante positivo para as mulheres fixarem o conhecimento sobre práticas parentais.

As mulheres falam sobre a importância da continuidade do aprendizado sobre práticas parentais, e como elas reconhecem as práticas exercidas por elas durante o decorrer dos encontros, através de metodologias ativas. Falam ainda sobre a possibilidade desta temática fazer do currículo nas escolas. Bronfenbrenner já havia referido essa possibilidade, chamando-a de “absurdas”, nas quais ele traz propostas para o melhoramento das habilidades sociais e emocionais da criança, preparando-as melhor para viver em sociedade. Essa proposta diz respeito à formação curricular do cuidado com a outra pessoa. O autor fala da preocupação na realidade de jovens, que chegam até ensino médio ou superior, e nunca se depararam com uma situação de ter que ajudar outra pessoa. Esse aprendizado não ficaria restrito dentro do ambiente escolar, mas também fora dele (Bronfenbrenner, 2012). Percebemos, que, pelas características sociodemográficas da população estudada, a cultura de apoio e ajuda, especialmente entre vizinhos, existe, no entanto, quando nos referimos ao cuidado com a criança, as mães desenvolvem este papel com o suporte das vivências que elas tiveram enquanto filhas, muitas vezes, marcadas pela violência de diversas ordens. Portanto, a necessidade emergida pelas mulheres concordam com o modelo de Bronfenbrenner, visto que o cuidado com a criança não deve acontecer de maneira automática, mas baseada em práticas que permitam o desenvolvimento dela. Nas falas, uma mãe referiu a importância desta formação, inclusive na redução da violência urbana. Pois reconhecem que a falta de atenção e carinho com os filhos pode gerar sentimento de revolta e comportamento delinquente por parte da criança, aumentando chance de agressões no ambiente escolar e em outros locais comunitários.

Um estudo qualitativo, realizado com o objetivo de identificar a percepção das mães sobre um programa de apoio aos pais no cuidado com bebês no puerpério, trouxe falas acerca das melhorias do bem-estar, levando-as a exercer a parentalidade mais sensível, caracterizada pelo aumento do envolvimento delas com seus bebês. A intervenção referida aconteceu por meio da tecnologia, modalidade, que para as participantes, foi positiva, porque as deixava destemida para fazer perguntas e compartilhar situações diárias (Shorey; Ng, 2019). No nosso estudo, também

tivemos falas de satisfação com a intervenção, porém, enfatizando o lado positivo em ser na modalidade presencial, pois, o contato de perto com outras mulheres, as deixavam à vontade para discorrer sobre o tema de práticas parentais.

A diferença pode ter ocorrido pelo fato de, no estudo mencionado, as mulheres terem sido abordadas no pós-parto de um hospital terciário, logo, provavelmente não se conheciam, diferente da nossa intervenção da pesquisa, que aconteceu com mulheres que viviam na mesma comunidade, tinham seus filhos matriculados na mesma creche e viviam em situações econômicas semelhantes entre si. No estudo referido, as mães também relataram a necessidade de uma continuidade desse apoio no cuidado com o bebê, ofertado por algum serviço de saúde, mais de perto. Nota-se que a necessidade de estar sempre se atualizando e compartilhando experiências é um anseio presente nas mulheres. Por isso que o modelo biomédico não consegue contemplar essas necessidades, pois oferta de apoio de forma pontual, focado na transmissão de conhecimento não tem uma boa eficácia quando se trata de apoio para os pais. As relações familiares e o cuidado com a criança na primeira infância precisam de intervenções de foco preventivo e continuado.

No presente estudo, as mães relataram uma percepção de melhora no comportamento da criança, através de falas que transmitiam resolutividade de problemas frente a problemas financeiros. Bronfenbrenner traz a preocupação dos delineamentos de estudos trazerem o desenvolvimento social e emocional apenas como desfecho nos resultados- como é o caso do presente estudo- e não em forma de variáveis dependentes, pois aspectos como o temperamento e personalidade devem ser analisados levando-se em consideração a cultura e subcultura da criança. Porém, é possível perceber que apesar do contexto desfavorável, o temperamento nas crianças pequenas – definido como a constância do comportamento no tempo e espaço- pode ser moldado através de uma relação baseada no diálogo e na clareza de informações quanto à realidade em que a família está inserida.

Nesse contexto, conseguimos perceber a presença da resiliência do ego, definida por Bronfenbrenner como sendo a capacidade da criança em enfrentar incertezas e dificuldades presentes em seu contexto. Um estudo que visou explorar a eficácia de abordagens para a promoção do bem-estar financeiro entre a geração Z (os que alcançaram a maioria na era das mídias digitais), com enfoque no papel parental no comportamento financeiro no Paquistão,

concluiu que a socialização financeira dos pais promove comportamento positivo na gestão dos recursos financeiros, do consumo e na ajuda aos pais nos momentos de crise (Ghafoor; Akhtar, 2024). Apesar da faixa etária do estudo citado ter sido diferente do nosso, concordamos na questão de que, a conscientização financeira dos filhos, mesmo que na primeira infância, gera resultados positivos para o enfrentamento de situações desfavoráveis, através do adequado gerenciamento, não só do dinheiro, mas dos insumos que as crianças estão acostumadas a conviver, como alimentos e brinquedos, fazendo-as ter um pensamento de não desperdiçar e ter maior cuidado com esses itens, para evitar momentos de escassez.

5.2.2 Elemento Processo Proximal

Diz Bronfenbrenner, que o processo proximal tem mais influência na aquisição de competências desenvolvimentais, do que o próprio contexto da adversidade. Após a intervenção educativa realizada, as mulheres permaneceram em contexto de vulnerabilidade social, porém, através da conscientização da importância de utilizar práticas parentais positivas, conseguiram driblar as adversidades diárias e implantar o conhecimento adquirido nos workshops. Bronfenbrenner afirma ainda que, o potencial do processo proximal (utilização de práticas parentais positivas) para superar problemas no desenvolvimento, são ainda mais evidentes em famílias que se encontram em contextos vulneráveis. O autor reforça e estimula o incentivo a altos níveis de processos proximais, para diminuir a discrepância nas competências sociais e emocionais das crianças de diferentes grupos, sendo então, as intervenções educativas para estimulação de uma boa relação entre cuidadores e filhos de extrema importância, e completamente possível, para conseguirmos alcançar resultados positivos no desenvolvimento de crianças pequenas (Bronfenbrenner, 2012).

Dentre as reflexões acerca da parentalidade, as mulheres relembram suas infâncias, e associam as vivências marcadas pela violência e falta de atenção ao modo como tratam seus filhos atualmente. Percebemos a falta de qualidade nos processos proximais das famílias estudadas, desde gerações anteriores, que, junto ao contexto de vulnerabilidade social, só prejudicaram ainda mais o pleno desenvolvimento social e emocional dessas mulheres. Isso fica evidente nos relatos de falta de manejo em como exercer a parentalidade sensível.

Um estudo longitudinal acompanhou 118 jovens, que discorreram sobre a percepção acerca da parentalidade com 17, 26 e 32 anos de estudo. Evidenciaram que a parentalidade percebida molda a identidade narrativa dos filhos, e que esta encontra-se enraizada na família e moldada pelas experiências com os pais (Camia *et al.*, 2021). Em outro estudo longitudinal, realizado nos Estados Unidos, com dois grupos de participantes de meia-idade, nos quais, o primeiro grupo foi acompanhado durante 18 anos, e o outro, durante 6 anos, foram associadas as memórias de parentalidade na infância desses adultos, com sintomas depressivos ao longo da vida deles. Obtiveram também como resultados que, memórias de experiências afetivas com os cuidadores estiveram relacionadas com melhores autoavaliações em saúde e menores sintomas depressivos ao longo de 6 e 18 anos de estudo (Chopick; Edelstein, 2019).

O modelo teórico de Belsky entra em concordância com Bronfenbrenner, quando ele afirma, que, dos três determinantes da parentalidade (estado psicológico dos pais, temperamento da criança e contexto), o estado psicológico dos pais é o que mais influencia a prática do cuidar, confirmando a importância de intervenções no sentido de trabalhar a saúde mental dos pais, visto que, mesmo em situações adversas, o aprendizado da parentalidade responsiva e compartilhamento de mecanismos de estratégias de enfrentamento tem efeito satisfatório nas relações familiares (Belsky, 1984).

Um estudo realizado com 25 pais de crianças em idade escolar, em Ribeirão Preto, São Paulo, com o objetivo de implementar em programa de educação parental, para promoção de práticas parentais positivas e melhorias nas interações pais-filhos, obteve como resultado a redução do uso de castigos físicos pelos pais. Neste estudo, foram realizadas seis sessões estruturadas de encontros com os pais. Nele, observou-se que aspectos do relacionamento conjugal permaneceram inalterados, porém, a consistência na aplicação de regras, redução dos castigos físicos e melhora no relacionamento pais-filhos foi evidenciado. O carinho e a comunicação positiva dos pais para com a criança foram relatados por todos os participantes no momento do pós-teste do estudo mencionado, importantes na formação da auto-estima e empatia nas crianças (Russo; Rebessi; Neufeld, 2021).

O ato de brincar e ler para as crianças também consiste em práticas parentais positivas, caracterizando os processos proximais, através dos quais, a criança adquire lembranças dessas vivências, bem como da emoção gerada por elas. Todos esses sentimentos são gerados a partir de

estímulos externos (o ato de brincar e ler), porém, existe um sentido bidirecional de estímulos, ou seja, as brincadeiras e leituras compartilhadas entre pais e filhos geram sentimentos positivos em ambos indivíduos, gerando maior desejo em realizar estas ações novamente. Ainda, Bronfenbrenner concorda que a força dos processos proximais para barrar potenciais disfunções do desenvolvimento é maior em famílias com contexto desfavorável.

A intervenção do presente estudo gerou resultados positivos nos relatos das mães, sobre mais ações de brincadeira e leitura com as crianças. Resultados como este puderam ser encontrados em um estudo com 183 díades (pais e filhos), no qual, através de uma única visita de uma intervenção que fornecia feedback em tempo real de brincadeiras entre pais e filhos e interações de leitura com crianças de zero a 36 meses. Neste estudo, esses comportamentos parentais aumentaram significativamente após a primeira visita (Piccolo *et al.*, 2024). Conseguimos comprovar o aumento de comportamentos pró-sociais dos pais para com suas crianças com estudos de intervenções curtos. No nosso estudo, quatro meses foram eficazes para o aumento desses comportamentos. Entendemos que, se a educação parental fosse constante, pertencente a uma política pública, ou fizesse parte de um curso de maior duração, conseguiríamos resultados ainda mais satisfatórios de relações entre pais e crianças, apesar do contexto desfavorável.

Outro estudo de intervenção envolvia os pais e crianças pré-escolares em discussões durante a leitura compartilhada de livros, nas quais eram ensinados a interagirem com a criança, fazendo perguntas abertas e dando devolutivas. Esse tipo de avaliação proporcionava à criança a participação em conversas sobre o passado, fatos que dão a possibilidade a elas de compreenderem experiências subjetivas de eventos socioemocionais. Em seus resultados, as crianças avaliadas um ano após as intervenções tinham melhor narrativa oral, habilidades iniciais de leitura mais fortes e melhoras no desenvolvimento socioemocional (relatado por professoras-maior participação durante as aulas) (Clifford *et al.*, 2024). Em nosso estudo não tivemos um workshop específico para abordar a leitura, porém, esta temática esteve presente em forma de subtema em diversos encontros com as mães participantes, gerando resultados positivos neste aspecto, segundo relatados por elas. Percebemos que a leitura para a criança, a deixa mais preparada para a introdução da alfabetização, pois, mesmo sem idade para realizar a leitura de maneira correta, já existe o hábito de contar uma história, através de sua própria interpretação ou

pela lembrança de uma contação de história realizada pela mãe ou responsável. Isso facilita o processo de socialização parental, e, em seguida, com pares e professores na escola.

Um estudo clínico randomizado de treinamento remoto para os pais de baixa renda em Colômbia, também obteve resultados promissores em relação ao hábito de leitura dos pais com suas crianças pertencentes ao grupo caso. Diferente dos estudos anteriores, a duração da intervenção foi mais intensa, acontecendo seis vezes na semana, com duração de uma hora em cada encontro. Também baseado na teoria bioecológica dos sistemas, de Bronfenbrenner, a intervenção foi elaborada para atuar nos microssistemas- nas atividades diárias habituais. Entendemos que, por ter sido uma intervenção remota, possibilitou uma maior intensidade de encontros com os pais (Giraldo-Huertas, 2023). No presente estudo, como as mães precisavam se deslocar para um local específico, isso gera dificuldades na assiduidade e na permanência na intervenção educativa. Fatores como distância (apesar de ter sido feito com famílias residentes da mesma localidade da instituição onde foi realizada a intervenção, o bairro em estudo é grande, e demandou meio de transporte para deslocamento de algumas mulheres), falta de recursos financeiros e ocupações diversas no momento dos encontros, foram dificultadores para a implementação de mais workshops.

5.2.3 Elemento Contexto e Tempo

As mulheres relataram que, apesar das mudanças positivas em seus cotidianos, fatores contextuais ainda se tornavam obstáculos para uma implementação efetiva de práticas parentais positivas, especialmente após o fim dos workshops. A falta de recursos financeiros para prover as necessidades básicas da família é um destes obstáculos. O estresse gerado por não conseguir suprir as necessidades da criança e a constante busca por alguma atividade que tenha retorno financeiro imediato, são consequências que deixam pouco tempo e disponibilidade emocional para as mães passarem tempo com seus filhos.

De acordo com a quarta proposta de Bronfenbrenner, considerada por ele mesmo como absurda, os programas de transferência de recursos deveriam ser baseados no modelo de “deficiência”, através do qual, as famílias seriam estimuladas quanto ao empoderamento, autorrespeito e iniciativa. Neste modelo, a família demonstraria algum tipo de crise para obter

algum apoio institucional. Algumas famílias da nossa pesquisa recebem algum tipo de auxílio financeiro, porém, ainda insuficientes para suprir a escassez crônica.

Uma pesquisa chinesa com 485 pais, corrobora com a nossa pesquisa quando encontra achados sobre a influência negativa da pobreza sobre as práticas parentais utilizadas em famílias de baixa renda, com crianças em idade pré-escolar. A maternidade solteira e o desemprego contribuem para esta relação inversa. Por outro lado, quando os pais do referido estudo trabalhavam, a carga horária era extensa, característica de posições inferiores de trabalho. Logo, a exaustão pelo trabalho excessivo prejudicava o tempo de interação entre pais e filhos (Ho *et al.*, 2022).

A segunda proposta “absurda” de Bronfenbrenner para promover habilidades socioemocionais nas crianças é a redução da carga horária dos pais. Trabalhar três quartos do dia seria ideal para que os pais pudessem brincar, ler e passar mais tempo de qualidade com a criança. Isso sanaria a questão do desemprego porque as empresas precisariam de mais contingente para dar conta do trabalho. A terceira proposta explica a segunda, no sentido de a mulher ocupar mais cargos de supervisão e gerência, visto que, apesar da ascensão destas, os homens ainda permanecem nessas posições, pelo fato de serem criados para não se importarem muito com as questões de cuidado e como lidar com as emoções (Bronfenbrenner, 2012).

Outro achado interessante da pesquisa de Ho *et al.* (2022), foi que, por ser um estudo realizado na China, a cultura do país agrava a situação de pobreza, pois, existe a cultura da família de não expor sua situação de vulnerabilidade, por vergonha, portanto, não têm o hábito de solicitar ajuda e apoio social. Apesar de, a cultura brasileira ser diferente, pois a população possui características de ser mais calorosa e conviver em comunidade, conseguimos detectar, durante as entrevistas e realização dos workshops, esta mesma atitude de vergonha por parte das mulheres, em estarem passando por situações de escassez dentro de casa. Comportamentos como solicitar um tempo a sós com a pesquisadora para pedir algo que estava em falta dentro de casa, em segredo, era bastante comum ao final dos encontros, mesmo que, o tema sobre a falta de suprimentos tenha sido debatido em grupo.

Nas seções do instrumento SWYC, obtivemos resultado positivo, através da mudança de três crianças, de rastreio positivo para atraso no desenvolvimento, para o negativo. Quatro crianças passaram de rastreio positivo para problemas comportamentais, para o negativo. Isso

demonstra o quanto a intervenção educativa sobre práticas parentais é promissora, apesar da pouca durabilidade. Nas seções relacionadas aos fatores ambientais (poucos recursos financeiros, risco para depressão, uso de substâncias ilícitas e risco para violência intrafamiliar), os resultados não foram expressivos, visto que a intervenção não tem meios para alcançar problemas estruturais da sociedade.

Tivemos como limitação do estudo, as entrevistas do período pré-intervenção terem sido realizadas no formato on line, devido ao contexto de pandemia da COVID 19, não possibilitando à pesquisadora um contato mais próximo com as mães, podendo ter acarretado menos liberdade para as mães discorrerem sobre sua realidade e as práticas parentais vivenciadas. Encontramos dificuldade também na adesão das mães nos encontros, fato comum aos estudos que trabalham esta temática, os quais refletem e tentam minimizar este problema através de ideias como, oferta de lanches nos encontros, uso de metodologias ativas e local da intervenção ser perto das residências. Utilizamos todos estes recursos, sendo ainda comum a falta de assiduidade de algumas mulheres, pelo fato de conseguirem trabalhos informais nos horários dos encontros, e, aceitando essas oportunidades, pela situação do próprio contexto de vulnerabilidade social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção educativa participativa se mostrou eficaz para a implantação de práticas parentais positivas, em mães de crianças na primeira infância, em situação de vulnerabilidade social. A redução de castigos físicos e o aumento da prática do diálogo, do brincar e da leitura como rotina, foram resultados predominantes emergidos através das falas das participantes do estudo. Escores do desenvolvimento das crianças também apresentaram melhorias, porém, a finalização dos workshops trouxe à tona estressores que dificultam a parentalidade responsiva. Nessa perspectiva, a implantação de políticas públicas que visem o apoio e estimulação de relações parentais responsáveis, de maneira contínua, é importante para relações familiares saudáveis, melhor desenvolvimento social e emocional infantil e até, redução de violência intrafamiliar e melhores perspectivas de trabalho para essas crianças no futuro.

Na fase pré-intervenção, as mães discorreram sobre os conhecimentos acerca da parentalidade, no sentido de que, apesar de aprenderam a serem mães com a própria maternidade, necessitavam de aprendizados a respeito de serem mais tolerante com as crianças e como agir diante de birras e comportamentos desafiadores, pois, sentiam que as dificuldades financeiras e contexto da Pandemia da COVID 19 prejudicavam-nas no estabelecimento de relações positivas com as crianças, especialmente em atividades como o ato de brincar com elas. No momento pré-intervenção, as práticas parentais eram exercidas baseadas em castigos físicos e ameaças. Após a intervenção educativa participativa, as práticas parentais mais prevalentes passaram a ser o diálogo, apesar de permanecerem algumas práticas parentais negativas, especialmente em momentos de estresse que o contexto de vulnerabilidade gera.

A sanção da lei nº14.826/2024 é promissora, e concorda com a conclusão do nosso estudo, pois o pleno desenvolvimento infantil não pode ser estimulado do ponto de vista, apenas de um delineamento do Estado, mas sim, através da ação intersetorial, de maneira articulada, de forma a permitir que os pais encontrem recursos para conseguirem estabelecer práticas parentais positivas e para que as crianças alcancem os marcos do desenvolvimento em tempo oportuno, em especial, o social e emocional.

O estudo contribuiu, também, para a educação em saúde, a partir da melhora da perspectiva crítica e problematizadora entre as participantes do estudo, evidenciada pela

evolução das mesmas durante as participações, através do sentimento de liberdade em poder falar, expor suas ideias e reconhecer suas histórias através de relatos dos pares. A intervenção educativa participativa se mostrou positiva para a temática de desenvolvimento social e emocional, pois a participação ativa das mulheres as deixavam mais à vontade para discorrer sobre as temáticas e reconhecerem suas relações através dos exemplos dos pares. Recomenda-se que novos estudos sejam realizados no sentido de se aproximar ainda mais da realidade das famílias, através de visitas domiciliares, pois esta aproximação é positiva para o reconhecimento das mulheres e melhor aceitação destas para a mudança de realidade. Estudos que tragam outros microssistemas também são essenciais, como escolas e creches, pois muitas vezes o professor convive mais tempo com a criança do que os pais. Logo, esses profissionais também devem ser estimulados a exercer práticas parentais positivas com a criança, para que ela não vivencie modelos de parentalidades diferentes em casa e na escola.

REFERÊNCIAS

ABIMPAYE, M.; DUSABE, C.; NZABONIMPA, J. P.; ASHFORD, R.; PISANI, L. Improving parenting practices and development for young children in Rwanda: Results from a randomized control trial. **International Journal of Behavioral Development**, EUA, v. 44, n. 3, p. 205-215, 2020. DOI: 10.1177/0165025419861173.

ALHARBI, M.F. Emotional intelligence of Saudi children in the basic education program. **Saudi. Med. J.**, EUA, v. 39, n.6, p. 615-21, 2019. DOI: 10.15537 / smj.2018.6.22141.

ALTAFIM, E.R.P.; LINHARES, M.B.M. Preventive intervention for strengthening effective parenting practices: A randomized controlled trial. **Journal of Applied Developmental Psychology**, EUA, v. 62, p. 160-172. 2019. DOI: 10.1016/j.appdev.2019.03.003.

ALVARENGA, P.A.; WEBER, L.N.D.; SILVA, A.T.B. Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência: uma perspectiva analítico- comportamental. **Rev. Bras. Ter. Comport. Cog.**, EUA, v. 18, n.1, 2016.

ALVES, C. R. L.; GUIMARÃES, M. A. P.; PIRES, M. A.; MOREIRA, R. S. **Survey of Well-being of Young Children (SWYC-BR):** manual de aplicação e interpretação. Araranguá: Edição UFSC, 2022.

ANDERSSON, N. Participatory research-A modernizing science for primary health care. **Journal Of General And Family Medicine**, EUA, v. 19, n. 5, p. 154-159, 2018.

ANTELMAN, G. *et al.* Effectiveness of an integrated multilevel early child development intervention on caregiver knowledge and behavior: a quasi-experimental evaluation of the Malezi program in Tanzania. **BMC Public Health**, EUA, v. 23, n.19. 2023. DOI: 10.1186/s12889-022-14956-2

BELSKY, J. The determinants of parenting: a process model. **Child Development**, EUA, v. 55, p. 83-98, 1984.

BEM, L. A.; WAGNER, A. Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico. **Psicol Estud.**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 63-71, 2006. DOI: 10.1590/S1413-73722006000100008.

BORNSTEIN, M.H.; PUTNICK, D.L. Cognitive and Socioemotional Caregiving in Developing Countries. **Child Dev.**, EUA, v. 83, n. 1, p. 46-61, 2012. DOI:10.1111/j.1467-8624.2011.01673.x.

BORSNTEIN, M. H.; PUTNICK, D. L. Mothers' and fathers' parenting practices with their daughters and sons in low- and middle-income countries. **Monogr Soc Res Child Dev.**, EUA, v. 81, n.1, p. 60-77, 2016. DOI:10.1111/mono.12226.

BRANCO, M. S. S.; LINHARES, M. B. The toxic stress and its impact on development in the Shonkoff's Ecobiodevelopmental Theoretical approach. **Estud Psicol.**, Campinas, v. 35, n. 1, p. 89-98, 2018. DOI: 10.1590/1982-02752018000100009.

BRASIL. Lei nº 14.826, de 20 de março de 2024. Dispõe sobre a parentalidade positiva e o direito ao brincar como estratégias intersetoriais de prevenção à violência contra crianças e altera a Lei nº 14.344, de 24 de maio de 2022. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 21 mar. 2024.

BRITO, P.K.H. *et al.* Repercussão da Pandemia da COVID-19 no uso de telas na primeiríssima infância. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v.44, p. e20230012, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2023.20230012.pt>

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: Saraiva, 2012.

CAMIA, C.; SENGSAVANG, S.; ROHRMANN, S.; PRATT, M.W. A influência longitudinal da parentalidade e dos traços dos pais na identidade narrativa na idade adulta jovem. **Psicologia do Desenvolvimento**, São Paulo, v.57, n.11, p. 1991, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1037/dev0001242>

CASTRO, V.D.C.B.; HUENTEO, C.A.P.; SOLAR, M.C. Parental Well-being of Mothers and Fathers in Latin America: A Systematic Review of the Literature. **Child Care in Practice**, EUA, v. 28, n.3, p. 411-437, 2020. DOI: 10.1080/13575279.2020.1723064.

CHOPIK, W. J.; EDELSTEIN, R.S. Retrospective Memories of Parental Care and Health from Mid- to Late Life. **Health Psychology**, EUA, v. 38, n.1, p. 84-93, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/hea0000694>

CLLIFORD, A.E.; SCHAUGHENCY, E.; DAS, S.; RIORDAN, J.; CARROLL, J.L.D.; REESE, E. Tender Shoots: Effects of a Preeschool shared Reading and reminiscing initiative on parent-child interactions and for sócio-emotional and self-regulation outcomes after school entry. **Learning and Individual Differences**, EUA, v.112, p. 102443, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.lindif.2024.102443>

COLLABORATIVE FOR ACADEMIC, SOCIAL, AND EMOTIONAL LEARNING - CASEL. **Framework for systemic social and emotional learning**. 2017. Disponível em: <http://www.casel.org/what-is-sel>. Acesso em: 20 jan. 2024.

COLTRO, B. P.; PARAVENTI, L.; VIEIRA, M. L. Relationships between Parenting and Social Support: An Integrative Literature Review. **Contextos Clínicos**, Santa Catarina, v. 13, n.1, 2020. DOI: 10.4013/ctc.2020.131.12.

CORCORAN, R. P.; O'FLAHERT, J.; XIE, C.; CHEUNG, A, C. K. Conceptualizing and measuring social and emotional learning: A systematic review and meta-analysis of moral reasoning and academic achievement, religiosity, political orientation, personality. **Educational Research Review**, EUA, v. 30, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.edurev.2019.100285>

DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arq Bras Psicol.**, São Paulo, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005.

DRAPER, C.E. *et al.* Caregiver perspectives of risk and protective factors influencing early childhood development in low-income, urban settings: A social ecological perspective. **Inf. Child Dev.**, EUA, v. 32, p. e2417, 2023. DOI: 10.1002/icd.2417

DURLAK, J. *et al.* **Collaborative for Academic, Social and Emotional Learning**. EUA: CASEL, 2018.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Saraiva, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FRICOLLI, L.A.; RETICENA, K.O.; ABREU, F.C.P.; CHIESA, A.M. A implementação de um programa de visitas domiciliares com foco na parentalidade: um relato de experiência. **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo, v. 52, p. 1-8, 2018.

FROTA, M. A. *et al.* Percepção materna em relação ao cuidado e desenvolvimento infantil. **RBPS**, Fortaleza, v. 24, n.3, p. 245-50, 2011. DOI: 10.5020/18061230.2011.

FUNDAÇÃO MARIA CECÍLIA SOUTO VIDIGAL. **Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil, parentalidade em foco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

GANIE, A.U.R.; P.M., K.J.; NAMBIAR, P.P.; JANGAM, K.V. Parental Mental Health and Challenges in Parenting of Pre-schoolers During the COVID-19 Pandemic. **Journal of Indian Association for Child and Adolescent Mental Health**, Índia, v. 19, n.2, p. 161-169, 2023. DOI: 10.1177/09731342231187234

GARCIA, N.; YUNES, M.; ALMEIDA, A. Educação parental e pedagogia social: avaliação de uma proposta de intervenção. **Educação**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 94-104, 2016. DOI: 10.15448/1981-2582.2016.1.21396

GHAFOOR, A. K.; AKHTAR, M. Parents' financial socialization or socioeconomic characteristics: which has more influence on Gen-Z's financial wellbeing? **Humanit Soc Sci Commun.**, EUA, v. 11, n. 522, 2024.

GIRALDO-HUERTAS, J. Parental developmental screening with CARE: A pilot hybrid assessment and intervention with vulnerable families in Colombia. **Plos One**, EUA, v. 18, n.6, p. e-0287186, 2023. DOI: 10.1371/journal.pone.0287186

GONZÁLEZ, L. *et al.* Poverty, social exclusion, and mental health: the role of the family context in children aged 7–11 years INMA mother-and-child cohort study. **European Child & Adolescent Psychiatry**, EUA, v. 32, p. 235-248, 2023. DOI: 10.1007/s00787-021-01848-w

GUERREIRO, A.C. **Avaliação de um programa de Formação Parental: “Trampolim”**. 2010. 11f. Tese (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto Universitári, ISPA, 2010.

HALLAS, D.; KOSLAP-PETRACO, M; FLETCHER, J. Social-Emotional Development of Toddlers: Randomized Controlled Trial of an Office-Based Intervention. **Journal of Pediatric Nursing**, EUA, v. 33, p. 33-40. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.pedn.2016.11.004>.

HARRIS, M. *et al.* Maternal Childhood Maltreatment History and Child Behavior Problems: Developmental Patterns and Mediation via Maternal Depressive Symptoms and Parenting Behavior. **Child Maltreatment.**, EUA, v. 28, n.2, p. 254-264, 2023. DOI: 10.1177/10775595221074364.

HODGSON, C.; PILIAE, R. T.; RAINBOW, J. Understanding the resilience of children living on an American Indian reservation: A mixed methods participatory study. **J Adv Nurs.**, EUA, v. 79, p. 4411-4424, 2023. DOI: 10.1111/jan.15734.

HO, L.L.K. *et al.* Impact of Poverty on Parent-Child Relationships, Parental Stress, and Parents practices. **Front. Public Health**, v. 10, p. 849408, 2022. DOI: 10.3389/fpubh.2022.849408.

HOLMES, M.R. *et al.* Examination of protective factors that promote prosocial skill development among children exposed to intimate partner violence. **Development and Psychopathology**, EUA, p. 1-14, 2024. DOI: 10.1017/S0954579424000087

HONDA, T. *et al.* Parents’ mental health and the social-emotional development of their children aged between 24 and 59 months in low-and middle-income countries: A systematic review and meta-analyses. **SSM - Mental Health**, EUA, v. 3, p. 100197, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ssmmh.2023.100197>.

KATZ, I.; CORLYON, J.; PLACA, V. L.; HUNTER, S. **The relationship between parenting and poverty**. Londres: s/e, 2007.

KELLY, C.L.; SLICKER, G.; HUSTEDT, J.T. Family Experiences, Parenting Behaviors, and Infant’s and Toddlers’ Social-Emotional Skills. **Early Childhood Education Journal**, EUA, v. 52, p. 603-615, 2024. DOI: 10.1007/s10643-022-01425-z

KREUTZ, G.; FELDHAUS, M.; SAARIKALLIO, S. Leisure Activities are Associated with Self-Efficacy in Childhood and Adolescence. **Leisure Sciences**, EUA, p. 1-18, 2023. DOI: 10.1080/01490400.2023.2289147

LEE, H. Family economic hardship and children's behavioral and socio-emotional outcomes in middle childhood: Direct and indirect pathways. **Children and Youth Services Review**, EUA, v. 138, p.106527, 2022. DOI: 10.1016/j.chilyouth.2022.106527.

LI, G.; TAN, T.X.; WANG, P. Parenting Stress During COVID-19 Lockdown: Correlates with Family and Child Factors. **Journal of Family Issues**, EUA, v. 44, n. 10, p. 2567-2588, 2023. DOI: 10.1177/0192513X221106719.

LOTT, L.; NELSEN, J. **Educação Parental**. Petrópolis: Vozes, 2018.

MACANA, E.C. **O papel da família no desenvolvimento humano: cuidado da primeira infância e a formação de habilidades cognitivas e socioemocionais**. 2014. Tese (Doutorado em Enfermagem) – UFRGS, Porto, 2014.

MARTÍNEZ, M.; TORTAJADA, E. M. B.; ORAISON, M. Educación, esferas de participación y ciudadanía. Bordón. **Revista de Pedagogía**, [S.l.], v. 75, n. 2, p. 11-25, 2023.

MARTIN-QUINTANA, J. C. *et al.* Programas de Educación Parental. **Psychosocial Intervention**, EUA, v. 18, n. 2, p. 121-133, 2009.

MARTINS, E.; SZYMANSKY, H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, São Paulo, v. 2004, n.1. p. 63-77, 2004.

MENESCAL, J.V. *et al.* Acolhendo e enriquecendo vínculos entre mãe e filho. **Extensão em ação**, [S.l.], v. 2, n.11, p. 64-77, 2006. DOI: 10.32356/exta.v2.n11.11831.

MINAYO, M. C.S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

MOREIRA, R. S.; MAGALHÃES, L.C.; SIQUEIRA, C.M.; ALVES, C.R.L. Cross-cultural adaptation of the child development surveillance instrument “Survey of Wellbeing of Young Children (SWYC)” in the Brazilian context. **Journal of Human Growth and Development**, EUA, v. 1, n. 1, p. 268-278, 2019.

MULÉ, D. *et al.* Correlation between Language Development and Motor Skills, Physical Activity, and Leisure Time Behavior in Preschool-Aged. **Children**, EUA, v. 9, n.3, p. 431, 2022. DOI: 10.3390/children9030431.

MUZARD, A. *et al.* Parental personality traits and emotion regulation: Its relationship with infants' socioemotional development during the perinatal period. **General Hospital Psychiatry**, EUA, v. 83, p. 20-26, 2023. DOI: 10.1016/j.genhosppsy.2023.04.004.

NOGUEIRA, S.C.; RODRIGUES, O.M.P.R.; ALTAFIM, E.R.P. Práticas educativas de mães de bebês: efeitos de um programa de intervenção. **Psicologia em Estudo**, São Paulo, v.18, n. 4, p. 599-609, 2013. DOI: 10.1590/S1413-73722013000400003.

PENNA, A. L. *et al.* Impact of the COVID-19 pandemic on maternal mental health, early childhood development, and parental practices: a global scoping review. **BMC Public Health**, EUA, v. 23, p. 388, 2023. DOI: 10.1186/s12889-023-15003-4.

PERÉZ, E. H.; RUBIO, J. A. R. Parental Stress in Families with Children with Early Intervention Needs linked to Socio-Environmental Vulnerability. **Ansiedad y Estrés**, Londres, v. 29, n. 2, p. 71-77, 2023. DOI: 10.5093/anyes2023a8.

PEROLD, I.; KNOTT, B.; YOUNG, C. The COVID-19 pandemic's effect on family leisure activities of working parents with pre-school aged children. **World Leisure Journal**, EUA, v. 66, n.2, p 267-290, 2023. DOI: 10.1080/16078055.2023.2261422

PERRIN, E.C.; SHELDRIK, RC. **The Survey of Well-Being of Young Children (SWYC)**. 2013. Disponível em: www.theswyc.org. Acesso em: 30 jan 2020.

PICCOLO, L.R.; ROBY, E.; CANFIELD, C.F. Supporting responsive parenting in real-world implementation: minimal effective dose of the Video Interaction Project. **Pediatr Res.**, EUA, v. 95, p. 1295-1300, 2024.

PILLAY, J. Psychological, social, and physical ecologies for child resilience: a South African perspective. **Frontiers in Psychology**, EUA, 2023. DOI: 10.3389/fpsyg.2023.1190297.

PINHEIRO, M.A.F.M. **Parentalidade, Adaptação e Temperamento da Criança**: estudo com uma amostra clínica de crianças em idade escolar. 2015. 83f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015.

REIS, R.M.A.; SAMPAIO, L.R. Funções executivas, habilidades sociais e comportamento distributivo na infância. **Avances en Psicología Latinoamericana**, Espanha, v. 36, n.3, p.511-25, 2018. DOI: 10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5983.

ROCHA, H. A. L. *et al.* Positive Parenting Behaviors and Child Development in Ceará, Brazil: A Population-Based Study. **Children**, EUA, v.9, p.1246, 2022.

ROIA, A. *et al.* Promoting effective child development practices in the first year of life: does timing make a difference? **BMC Pediatrics**, EUA, v. 14, n. 222, 2014. DOI: 10.1186 / 1471-2431-14-222.

ROSCA, G. M.; LUGA, I. A.; DAVID, O. A. “Inside-out mechanisms of parental practices and children’s externalizing problems: the role of authoritarian parenting style, parental irrational beliefs, emotion regulation, and distress”. **Current Psychology**, 2023. DOI: 10.1007/s12144-023-04539-8.

ROSLAN, N. S. *et al.* Evolution of Resilience Construct, Its Distinction with Hardiness, Mental Toughness, Work Engagement and Grit, and Implications to Future Healthcare Research. **Special communication**, EUA, v. 14, 2022. DOI: 10.21315/eimj2022.14.1.9.

RUSSO, M.C.; REBESSI, I.P.; NEUFELD, C.B. Parental training in groups: a brief health promotion program. **Trends Psychiatry Psychother**, EUA, v.43, n.1, p. 72-80, 2021. DOI: 10.47626/2237-6089-2019-0055

SALVO, C. G. D.; SILVARES, E. F. M.; TONI, P. M. Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. **Estud psicol.**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 187-195, 2005.

SAMPAIO, D.; CRUZ, H.; CARVALHO, M. J. L. **Crianças e jovens em risco. A família no centro da intervenção**. Portugal: Parede, 2011.

SANDEEP, R. S. *et al.* Substance use disorder, Parenting styles and interpersonal Competency: A Review. **Journal of Educational and Social Research**, EUA, v. 14, n.1, p. 183-89, 2024. DOI: 10.36941/jesr-2024-0015

SANTANA, J.P.; LORDELO, L.R.; FÉRRIZ, A.F.P. Quanto tempo o tempo tem? O cotidiano das crianças durante a pandemia da COVID-19. **Desenvolvimento humano e temporalidade**, [S.l.], v. 42, n.118, p. 335-346, 2022. DOI: 10.1590/CC252948

SANTHIAGO, R., Magalhães, B. V. Rompendo o isolamento: Reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90**, [S.l.], v. 27, p. 1-18, 2020. DOI: 10.22456/1983-201X.102266

SATTLER, K.M.P.; PRICKETT, K.C.; CROSNOE, R. Mother’s work conditions, income, and parenting of young children. **Family Relations**, EUA, v. 73, p. 1159-1177, 2024. DOI:10.1111/fare.12917

SERRES, S.K.; CHEN, C. Utilizing trauma admissions as an opportunity to identify developmental and behavioral concerns. **The American Journal of Surgery**, EUA, v. 214, n.4, p.661-665, 2017. DOI: 10.1016/j.amjsurg.2017.07.001

SHONKOFF, J. P.; GARNER, A. S.; The lifelong effects of early childhood adversity and toxic stress. **Pediatrics**, EUA, v. 129, n.1, p.e232-46, 2012. DOI:10.1542/peds.2011-2663.

SHOREY, S.; NG, E. D. Evolution of Mother’s Perceptions of a Technology-Based Supportive Educational Parenting Program (Part 2): Qualitative Study. **Journal of Medical Internet Research**, EUA, v.21, n.2, p.e-11065. 2019. DOI: 10.2196/11065

SILVA, M.L.I.; VIEIRA, M.L. Relações entre a parentalidade e a personalidade de pais e mães: uma revisão integrativa da literatura. **Estud Pesqui Psicol.**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 361-383, 2018.

SIMON, P.; NADER-GROSBOIS, N. Empathy in Preschoolers: Exploring Profiles and Age- and Gender-Related Differences. **Children**, EUA, v. 10, n. 12, p. 1869, 2023. DOI: 10.3390/children10121869

SKINNER, E.; JOHNSON, S.; SNYDER, T. Six dimensions of parenting: a motivation model. **Parenting: Science and Practice**, EUA, v. 5, n.2, p. 175-245, 2005.

SMITH, A. et al. Mother's experiences of emotional abuse from an intimate partner and its associations with children's development outcomes at 5 years. **Child abuse e Neglect**, EUA, v.146, p. 106458, 2023. DOI: 10.1016/j.chiabu.2023.106458.

STIEBERT, N. R.; FROEHLICH, L.; VOLTMER, J. B. Gendered Mental Labor: A Systematic Literature Review on the Cognitive Dimension of Unpaid Work Within the Household and Childcare. **Sex Roles**, EUA, v. 88, p. 475-494, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11199-023-01362-0>

ST-LAURENT, D.; DUBOIS-COMTOIS, K.; MILOT, T.; CANTINOTTI, M. Intergenerational continuity/discontinuity of child maltreatment among low-income mother-child dyads: The roles of childhood maltreatment characteristics, maternal psychological functioning, and family ecology. **Development and Psychopathology**, EUA, v. 31, p. 189-202, 2019. DOI: 10.1017/S095457941800161X.

VASIOU, A. et al. Exploring Parenting Styles Patterns and Children's Socio-Emotional Skills. **Children**, EUA, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3390/children10071126>

WALKER, S. P. et al. Cognitive, psychosocial, and behaviour gains at age 31 years from the Jamaica early childhood stimulation trial. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, EUA, v. 63, n. 6, p. 626-635, 2022.

WARD, K. P.; LEE, S. J.; KAYLOR, A. C. G.; MA, J.; PACE, G. T. Patterns of caregiver aggressive and nonaggressive discipline toward young children in low- and middle-income countries: A latent class approach. **Child Abuse & Neglect**, [S.l.], v. 128, 2022. DOI: 10.1016/j.chiabu.2022.105606

WHITESELL, N. R.; SARCHE, M.; TRUCKSESS, C. The survey of well-being of young children: results of a feasibility study with american indian and alaska native communities.. **Infant Ment Health J.**, EUA, v.36, n.5, p.483-505, 2015.

WORKU, B.N. et al. Effects of home-based play-assisted stimulation on developmental performances of children living in extreme poverty: a randomized single-blind controlled trial. **BMC Pediatrics**, EUA, v.18, n.1, p. 29. 2018. DOI: 10.1186 / s12887-018-1023-0.

YAFFE, Y. Systematic review of the differences between mothers and fathers in parenting styles and practices. **Current psychology**, EUA, v. 42, n. 19, p. 16011-16024, 2023. DOI: 10.1007/s10826-014-0070-x

YIN, R.K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

VIDAL, N.U.; SOLARA, F.C.; BUSTOS, C. Nivel Socioeconómico y conductas externalizadas en preescolares: el rol del mediador parental. **Rev Chil Pediatr.**, Chile, v. 88, n. 3, p. 340-7. 2017. DOI:10.4067/S0370-41062017000300005.

APÊNDICE A- ROTEIRO PARA CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA

Dados referentes à criança				
1. Iniciais:	2. Idade:	3. Sexo: () F () M	4. Telefone para contato: ()	
5. Endereço:				
Dados referentes ao cuidador participante				
7. Iniciais:	8. Idade:	9. Sexo: () F () M	10. Escolaridade:	11. Estado civil:
12. Grau de parentesco com a criança:			13. Quanto tempo do dia dedica ao cuidado?	
14. Tem mais filhos?			15. Se sim, quantos?	
16. Tem alguma religião?			17. Se sim, qual?	
18. Trabalha? () Sim () Não			19. Se sim, que ocupação exerce?	
21. Quantas pessoas moram na casa?			21. Qual a renda mensal da família?	

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA INDIVIDUAL PRÉ-INTERVENÇÃO

Nº _____

Perguntas sobre o cuidador nas áreas funcionais:

- 1) Primeiramente gostaria de perguntar algumas coisas sobre você. Como você está cuidando da sua saúde?
- 2) A família tem acesso à Unidade de saúde? Existe alguma dificuldade para ser atendido? Como é o relacionamento com os profissionais de saúde?
- 3) Na última semana, com que frequência você se sentiu alegre? Poderia lembrar e me contar essa vivência?
- 4) Na última semana, com que frequência você se sentiu triste? Poderia lembrar e me contar essa vivência?
- 5) Na última semana, com que frequência você se sentiu estressado (a)? Poderia lembrar e me contar essa vivência?
- 6) Quais são os principais locais que a família frequenta como lazer? (igreja, praça, parque, praia, casa de familiares, outros)? Qual a frequência? Quais as principais atividades que realizam nesses locais?
- 7) Teria algo que você gostaria de aprender como pai/mãe? Como você percebe o seu papel na educação da criança? Que suporte ou orientações você considera que seriam necessárias para auxiliar no cuidado com ele(a)?

Perguntas em relação às atividades parentais/ pré-requisitos

- 1) Como é o dia-a-dia de interação com a criança? Com quais atividades você passa mais tempo com ela? Quais as atividades que te dão mais prazer? Quais as que geram dificuldades? Você dispõe de alguém que lhe ajude no cuidado com a criança? Poderia me explicar?
- 2) Quais atividades a criança mais gosta de fazer e por quê? Quem são as pessoas que ela mais interage nessas atividades?

- 3) O que você costuma fazer quando a criança apresenta algum comportamento que lhe desagrada (pedir para explicar e lembrar de forma separada situações recentes - choros, birras, brigas entre irmãos, brigas com amigos, mexe em coisas que não pode, desobediência?)?
- 4) O que você acha que tem de bom no cuidado da criança?
- 5) O que você acha mais difícil na criação dela?
- 6) O que você acha que pode ser feito para melhorar desenvolvimento da criança? Para você o que é desenvolvimento?
- 7) O que você quer para o futuro da criança?

**APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA INDIVIDUAL
PÓS-INTERVENÇÃO**

Nº _____

- 1) O que te motivou a sair de casa e participar dos nossos encontros?
- 2) Quais eram suas expectativas ao iniciar sua participação nos encontros?
- 3) Essas expectativas foram contempladas?
- 4) O que você recorda dos encontros realizados no lar Fabiano em 2022?
- 5) Você poderia descrever um desses encontros?
- 6) Para você, o que mais ficou marcado desses encontros?
- 7) O que você acha da maneira como os encontros eram realizados?
- 8) Você consegue colocar em prática o que foi aprendido nos encontros?
- 9) Se não, o que dificulta a implementação do aprendizado com as crianças?
- 10) Você percebeu mudança de comportamento em você após a intervenção? Dá um exemplo do dia-a-dia.
- 11) Você percebeu mudança de comportamento na criança após a intervenção? Como foi esta mudança?

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa Repercussões de uma intervenção educativa com mães em contexto de vulnerabilidade sobre as práticas parentais, que está sob a responsabilidade da pesquisadora **Juliane Lima Pereira da Silva**, Avenida Professor Moraes Rego, nº 780, Cidade Universitária, Recife, CEP: 50740425 - Celular: (81) 998397037, e-mail: juliane_lps@hotmail.com. Está sob a orientação de Maria Wanderley Lavor Coriolano Marinus, e-mail: wandenf@yahoo.com.br e coordenação de Francisca Márcia Pereira Linhares, e-mail: marciapl27@gmail.com.

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com a responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com a pesquisadora responsável.

Você estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

O objetivo principal do estudo é analisar mudanças nos conhecimentos e práticas parentais de cuidadores primários de crianças na primeira infância, antes e depois de uma ação educativa participativa. Para alcançar este objetivo, serão aplicados um questionário, entrevistas individuais, visitas domiciliares e grupos focais após consentimento livre e esclarecido, sendo assegurado ao entrevistado o sigilo e a privacidade das informações colhidas durante a pesquisa.

O estudo constitui risco mínimo de constrangimento, no entanto você terá direito a esclarecimento antes, durante e após a pesquisa e lhe é assegurada e garantida à liberdade de recusar a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa e sem nenhuma penalização ou prejuízo. Também são garantidos o sigilo e a privacidade quanto aos dados coletados. Se houver danos ou fatos relevantes, informe ou consulte o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço abaixo. Os benefícios do estudo estão em conhecer características das relações familiares e associá-las ao desenvolvimento socioemocional infantil, para que através deste conhecimento, possam ser planejadas estratégias de enfrentamento familiar a fim de melhorar o desenvolvimento em curso na criança. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os

responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. As informações obtidas através do estudo serão gravadas e terão caráter sigiloso, e a pesquisadora responsável pelo estudo se comprometerá em armazenar o material produzido, guardando-o em local seguro em sua residência por cinco (5) anos.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações, entrevistas e filmagens), ficarão armazenados em computador pessoal sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço: Avenida Professor Moraes Rego, nº 780, Cidade Universitária, Recife, CEP: 50740425, pelo período de mínimo 5 anos.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).**

(assinatura do pesquisador)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo: Fortalecimento de práticas parentais em famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social: uma pesquisa-ação, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data _____

Assinatura do participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Impressão
digital
(opcional)

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

**APÊNDICE E- ARTIGO ORIGINAL SUBMETIDO À REVISTA PSICOLOGIA EM
ESTUDO**

**SENTIMENTOS E VIVÊNCIAS DE MULHERES SOBRE PARENTALIDADE À LUZ
DE BRONFENBRENNER**

**FEELINGS AND EXPERIENCES OF WOMEN ABOUT PARENTING IN THE LIGHT
OF BRONFENBRENNER**

**SENTIMIENTOS Y EXPERIENCIAS DE MUJERES SOBRE LA CRIANZA A LA LUZ
DE BRONFENBRENNER**

SENTIMENTOS DE MULHERES

FEELINGS OF WOMEN

SENTIMIENTOS DE MUJERES

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi analisar os sentimentos, vivências e práticas parentais de mães de crianças na primeira infância, em contexto de vulnerabilidade social, à luz do referencial Bioecológico de Bronfenbrenner. Estudo exploratório, de abordagem qualitativa. A estratégia de coleta de dados foi a entrevista individual em profundidade e questionário para conhecimento das variáveis sociodemográficas. Os dados foram analisados e interpretados segundo etapas de codificação e análise proposto por Yin. A partir da análise, os dados subsidiaram a construção de três categorias: 1) Conhecimentos sobre parentalidade, na qual aborda-se as necessidades de aprendizado das mulheres para melhorar a relação mãe-filho; sentimentos relacionados à parentalidade, na qual explora-se as percepções das participantes no cotidiano do cuidado parental, e vivências relacionadas às práticas parentais, que aborda as questões diárias do cuidado da criança sob a visão das mulheres. Os dados indicam como os recursos financeiros

precários, a sobrecarga feminina no cuidado dos filhos e sua saúde mental interferem nesse cuidado, nas relações parentais entre mãe-criança e no comportamento da criança. Destaca também como a Pandemia da COVID 19 interferiu na parentalidade exercida por essas mulheres.

Palavras-Chave: Parentalidade; saúde infantil; pesquisa qualitativa

ABSTRACT

The objective of this work was to analyze the feelings, experiences and parenting practices of mothers of children in early childhood, in a context of social vulnerability, in the light of Bronfenbrenner's Bioecological framework. This is an exploratory study, with a qualitative approach, and the data collection strategy was the individual in-depth interview and questionnaire for knowledge of sociodemographic variables. Data were analyzed and interpreted according to the model proposed by Yin. The data revealed three categories: Knowledge about parenting, which reveals women's learning needs to improve the mother-child relationship; feelings related to parenting, which demonstrates the perceptions of participants in the daily routine of parental care, and experiences related to parenting practices, which addresses daily issues of child care from the perspective of women. The data indicate how precarious financial resources, women's overload in child care and their mental health interfere in this care and in the child's behavior. It also highlights how the COVID 19 Pandemic interfered with the parenting exercised by these women.

Keywords: Parenting; child health; qualitative research

RESUMEN

El objetivo de este trabajo fue analizar los sentimientos, experiencias y prácticas parentales de madres de niños en la primera infancia, en un contexto de vulnerabilidad social, a la luz del marco Bioecológico de Bronfenbrenner. Se trata de un estudio exploratorio, con abordaje

cualitativo, y la estrategia de recolección de datos fue la entrevista individual en profundidad y cuestionario para conocimiento de variables sociodemográficas. Los datos fueron analizados e interpretados según el modelo propuesto por Yin. Los datos revelaron tres categorías: Conocimiento sobre crianza, que revela las necesidades de aprendizaje de las mujeres para mejorar la relación madre-hijo; sentimientos relacionados con la crianza, que evidencia las percepciones de los participantes en el cotidiano del cuidado parental, y vivencias relacionadas con las prácticas parentales, que aborda cuestiones cotidianas del cuidado del niño desde la perspectiva de la mujer. Los datos indican cómo la precariedad de los recursos económicos, la sobrecarga de la mujer en el cuidado del niño y su salud mental interfieren en ese cuidado y en el comportamiento del niño. También destaca cómo la Pandemia del COVID 19 interfirió en la crianza ejercida por estas mujeres.

Palabras clave: Paternidad; salud infantil; investigación cualitativa

INTRODUÇÃO

A parentalidade representa o cuidado com a criança nos âmbitos físico, social e emocional. O cuidado físico inclui o suporte alimentar, calor, vestimentas; o emocional consiste na afetividade e promoção da autonomia na criança, dando-lhe capacidade de tomada de decisão, e o social está relacionado à introdução da criança no contexto social através do desenvolvimento de habilidades comunicativas (Branco & Linhares, 2018).

As relações parentais caracterizadas pelo respeito, gentileza, participação ativa nas atividades da criança, encorajamentos oportunos, consistência e equilíbrio na correção de comportamentos desafiadores são precursores de bons resultados no que diz respeito ao desenvolvimento infantil, especialmente, o social e emocional. No entanto, diversas vulnerabilidades, em especial, a social, podem afetar a saúde mental dos pais e sua

disponibilidade em desenvolver uma relação parental saudável (Wade et al., 2023; Santos et al., 2023). A vulnerabilidade social é entendida como resultado negativo da relação entre disponibilidade de recursos materiais e acessibilidade a estes, pela falta de perspectiva social, econômica e cultural, advindas do Estado e da sociedade (Scott, Prola, Siqueira & Pereira, 2018). Ela constitui fator de risco potencial nas relações parentais, pois famílias vulneráveis são mais propensas a utilizar disciplina coercitiva e inconsistente, e os problemas familiares tornam-se mais complexos mediante situação de estresse, como separação do companheiro, abuso de álcool e drogas. Essas condições diminuem a chance dos pais em serem carinhosos com seus filhos e em supervisioná-los de maneira adequada. Essas famílias têm mais chances de viverem dentro de um ambiente com os adultos desempregados, solteiros, no qual os pais são adolescentes e têm um ou mais filhos menores de cinco anos (Sanfelici, 2022).

A justificativa para a escolha do tema proposto baseia-se na necessidade de melhor compreensão das vivências, sentimentos e práticas parentais das mães em contexto de vulnerabilidade social, sendo este estudo, a primeira etapa de uma pesquisa maior, com o objetivo de desenvolver e implementar uma intervenção educativa sobre as práticas parentais, com o objetivo de melhorar os escores do desenvolvimento social e emocional das crianças na primeira infância. O objetivo do estudo consiste em analisar os sentimentos, vivências e práticas parentais de mães de crianças na primeira infância, em contexto de vulnerabilidade social, à luz do referencial Bioecológico de Bronfenbrenner.

Fundamentação teórica

O presente estudo adota como referencial, a teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner - Teoria dos Sistemas Ecológicos do Desenvolvimento Humano. Sob o olhar da teoria bioecológica, desenvolvimento humano pode ser entendido como mudanças contínuas nos

aspectos físicos e psicológicos dos indivíduos, no âmbito individual ou grupal. Esta teoria é composta por proposições que funcionam como alicerces para fundamentá-la (Bronfenbrenner, 2012). A primeira proposição é o conceito de experiência, sendo entendida como a maneira em que um indivíduo experimenta o contexto em que vive, tanto sob os aspectos objetivos, quanto, especialmente, os subjetivos (pressentimentos, crenças pessoais, medos e outros). Esses dois aspectos são interdependentes e complementares (Bronfenbrenner, 2012).

Esta base teórica visa entender o desenvolvimento sob a inter-relação de quatro núcleos: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo (que não está sendo representado no presente estudo, pois o contato com as mães nesta etapa ocorreu pontualmente). O processo é considerado o principal meio que influencia o desenvolvimento, pois a criança evolui no sentido de integrar relações cada vez mais complexas (Katz, Corlyon, Placa & Hunter, 2007). As interações com o ambiente imediato são chamadas de processo proximal. Para que o desenvolvimento ocorra dentro desse processo, é necessário que o indivíduo esteja envolvido em alguma atividade (Bronfenbrenner, 2012). No presente artigo, os processos proximais estão sendo representados pelas vivências, sentimentos e práticas parentais.

No modelo bioecológico, o componente “pessoa” é analisado segundo dois parâmetros – processo biopsicológico pertinente a cada indivíduo e processo de construção através da interação ambiental. A pessoa é influenciada e influenciadora do desenvolvimento humano, que está condicionado à estabilidade ou dinâmica deste elemento, gerando modificações. No presente estudo, o componente “pessoa”, da teoria bioecológica será investigado, sendo representado pela criança (Bronfenbrenner, 2012).

O elemento “contexto”, que consiste na interação de quatro níveis ambientais: microssistema, mesossistema, exossistema e macrosistema. O microssistema é o contexto onde

o desenvolvimento de papéis nas relações interpessoais acontece face a face, como o domicílio, a escola (Bronfenbrenner, 2012). No presente estudo, pretende-se estudar o elemento “contexto”, representado pela condição de vulnerabilidade social, como a exclusão social, precária assistência à saúde e desemprego, que são características da população em estudo.

MÉTODOS

Tipo de estudo

Trata-se de uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, na qual, o foco se encontra na realidade, através do universo dos significados, crenças, valores e atitudes (Minayo, 2014).

Local do estudo

O estudo foi realizado com mães cadastradas em uma instituição de assistência social filantrópica, na cidade do Recife, Pernambuco. A referida instituição é voltada para o trabalho com famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social. A instituição oferece atividades sócio-assistenciais, visando à melhoria da qualidade das relações familiares. Possui projetos de esporte, música, horta orgânica, creche com atuação de professores e serviços de saúde, como puericultura, odontologia e psicologia. Neste ambiente as crianças fazem as refeições nos horários de funcionamento. As crianças de 18 meses a 4 anos ficam em tempo integral porque funciona como uma creche ou em um turno apenas (maiores de 4 anos).

Participantes

Participaram da pesquisa mães de crianças na primeira infância (2 a 60 meses de idade). Foi estabelecido como critério de exclusão, mães que passavam menos de vinte horas semanais de cuidado com a criança.

Coleta de dados e procedimentos

Na coleta de dados, a inserção da pesquisadora (uma estudante de Doutorado) no campo aconteceu por meio de consultas de puericultura, nas quais foi feita uma aproximação inicial e abordagem para realização do convite para participação na pesquisa. Foram utilizados dois instrumentos de coleta de dados: *roteiro para caracterização socioeconômica* e *entrevista individual*. As variáveis socioeconômicas das mães foram: idade, escolaridade, ocupação, religião, estado civil, quantidade de filhos e renda familiar.

Foi realizada a entrevista individual em profundidade, que consiste numa técnica de coleta de dados qualitativa, com a finalidade de explorar um tema a partir da busca de informações, percepções e experiências dos participantes para analisar e apresentar os dados de forma estruturada. Este tipo de entrevista procura o compartilhamento das experiências dos participantes, por meio das experiências subjetivas das fontes, que por sua vez, será resultado da interpretação da pesquisadora. O uso da entrevista permite à pesquisa, a compreensão do passado, a análise para possível identificação de problemas em determinada área, a discussão, reflexão, análises prospectivas, juízos de valor, interpretações e compreensão de fenômenos (Flick, 2013).

O tipo de entrevista utilizada foi a semiestruturada, a qual parte de um roteiro-base que abrange questões acerca dos aspectos que envolvem o cuidado com a criança. A partir de questões básicas, foi oferecida possibilidade de interrogativas, na medida em que a pesquisadora recebeu as informações das participantes (mãe). Este tipo de instrumento alterna a flexibilidade de perguntas abertas, porém, por meio de um roteiro como controle. Cada pergunta foi explorada ao máximo e outras foram sendo elaboradas a partir da resposta das participantes. Este tipo de entrevista visou auxiliar a entrevistada no resgate das lembranças passadas para que exista credibilidade (Flick, 2013).

As perguntas abordaram o cuidado com a criança, atividades realizadas pelo cuidador junto à criança quando estão juntas, a função parental em relação a limites e educação, se existem dificuldades, qual a forma de cuidado que proporciona uma saúde emocional adequada para a criança na percepção do cuidador, bem como os sentimentos destas na realização das funções parentais. Foi realizado um estudo piloto com seis mães, com o objetivo de detectar previamente falhas nos instrumentos, e fazer correções deles em tempo oportuno. As entrevistas foram realizadas no período de outubro a dezembro de 2021, via remota, através da plataforma Google Meet e gravadas, sob o consentimento das participantes. O tempo de duração de cada entrevista durou em média 40 minutos. Ao final das transcrições, a entrevista foi devolvida para as participantes, para validação das informações. As entrevistas foram conduzidas pela estudante de doutorado, com capacitação teórico-prática, em pesquisas qualitativas.

Análise de dados

A análise dos dados socioeconômicos foi descritiva, com o objetivo de caracterizar as mães para possível entendimento do status socioeconômico em relação aos sentimentos, vivências e práticas parentais. A análise dos dados qualitativos seguiu as etapas propostas por (Yin, 2016), em cinco fases: 1) compilação dos dados, no qual o pesquisador classifica as notificações de campo, ou seja, nesta fase ocorre uma organização dos dados coletados durante a entrevista; 2) decomposição, na qual a pesquisadora decompôs os dados em fragmentos menores, denominados “códigos”; 3) recomposição, na qual ocorreu a utilização desses códigos para reorganizá-los em agrupamentos e interpretação, na qual, a partir do material recomposto, foi criado um quadro, sendo a parte analítica do manuscrito, utilizando-se o modelo teórico bioecológico de Bronfenbrenner para fazer as leituras e 5) conclusão, na qual ocorre a extração de conclusões do estudo, através das interpretações realizadas na quarta fase. A codificação

qualitativa e categorização se deu pela estudante de Doutorado e Orientadora, com verificação dos códigos emergentes a partir dos dados e interpretação conjunta a partir dos elementos do Referencial Teórico adotado.

Aspectos éticos

Todos os procedimentos foram iniciados após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde (CCS), da Universidade Federal de Pernambuco, em consonância com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde sob o número de CAAE: 21475219.6.0000.5208, parecer de número: 4.324.274. Os procedimentos se deram após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 23 mulheres. A maioria das mães possuía o ensino médio completo (8 mulheres). Quanto ao estado civil, a maioria era solteira (9) ou morava junto com o companheiro (9). A maior parte delas não estava trabalhando (13) e aquelas que trabalhavam não possuíam garantias trabalhistas, com trabalhos autônomos ou esporádicos. A renda familiar de 18 participantes era inferior a um salário mínimo por mês e nove participantes não eram praticantes de nenhuma religião.

A tabela 1 apresenta as características socioeconômicas das mães.

Tabela 1 – Dados socioeconômicos das mães – Recife, 2022

Variáveis (N=23)	n (%)
Idade	
19 a 26 Anos	5
27 a 33 Anos	11
34 a 40 Anos	7
Escolaridade	
Fundamental incompleto	5
Fundamental completo	3
Médio incompleto	7

Médio completo	8
Estado Civil	
Solteira	9
Casada	4
União Estável	9
Viúva	1
Religião	
Protestante	10
Católica	4
Nenhuma	9
Ocupação	
Autônoma	10
Desempregada	13
Renda Mensal	
Menos de um salário mínimo	20
Um salário mínimo até 1900,00	3
Quantidade de pessoas residentes na casa	
Até 5 pessoas	20
6 a 10 pessoas	3
Número de Cômodos	
Até 3 cômodos	6
4 a 7 cômodos	17

A partir do objetivo de analisar os sentimentos, vivências e práticas parentais de mães de crianças na primeira infância em contexto de vulnerabilidade social à luz de Bronfenbrenner, os dados encontrados foram codificados e interpretados em categorias relacionadas ao conhecimento, sentimentos e vivências das mães sobre a temática.

Categoria 1: Necessidades e conhecimentos sobre parentalidade

A categoria 1 retrata as falas das mães sobre seus conhecimentos acerca de temáticas sobre os filhos. Nela, as participantes reconheceram a necessidade de terem mais paciência com os filhos para serem mais obedientes e cooperativos: “Eu acho que é na parte no ensinamento da paciência, que eu não tenho muito. Não sou muito paciente para ensinar, brincar, não sou muito presente.” E14

... a fazer obedecer, porque ele é muito desobediente, dá muito trabalho com isso. Às vezes ele só obedece na ameaça, eu digo que vou pegar um cinto, que vou bater nele, aí ele para. Aí eu acho que queria aprender a ser mais paciente porque ele é muito desobediente. E7

Segundo a teoria bioecológica, o processo proximal (representado pelas práticas parentais) se torna mais complexo, e dependem da interação dos indivíduos (mães e crianças). Portanto, no ambiente imediato (dentro de casa), essas interações precisam ser caracterizadas pela criatividade e atenção, para o adequado desenvolvimento da pessoa (criança) (Bronfenbrenner, 2012).

A maioria das mulheres do presente estudo mora apenas com os filhos, sem rede de apoio, são desempregadas e trabalham de maneira autônoma, sendo sozinhas para realizar também, as atividades domésticas. Logo, a interação necessária do processo proximal se torna prejudicada pela sobrecarga materna, e consequentemente, pela falta de paciência para lidar com comportamentos desafiadores das crianças. O contexto favorece a utilização de práticas parentais não recomendadas, como o uso de ameaças, castigo físico e escassos momentos de brincadeiras com os filhos.

Em uma revisão sistemática, com 15 estudos transversais e 11 longitudinais sobre saúde mental dos pais e desenvolvimento socioemocional de seus filhos, os dados encontrados associam o estresse materno com piores escores de desenvolvimento social e emocional de seus filhos. Dentre os problemas estão inclusos comportamento internalizantes e externalizantes, e menos condutas pró-sociais. No entanto, esses resultados não são lineares, mas, multifatoriais. Fatores marcados pela violência por parceiro íntimo, pobreza e infância marcada por disciplinas coercitivas alteram o curso do desenvolvimento social e emocional das crianças em anos pré-escolares (Honda et al., 2023).

Categoria 2: Sentimentos relacionados à parentalidade

A categoria 2 descreve os sentimentos das mães sobre as práticas parentais. As falas retratam a transferência do sentimento de tristeza para os filhos, a sobrecarga no cuidado, o receio em deixar as filhas sob o cuidado de outras pessoas devido o medo da violência e ao fato de serem meninas e o desejo em poder oferecer algo melhor para as crianças: “Então é muito tempo que eu me sinto triste né, e eu fico pensando que meus meninos ficam tristes porque eu estou triste né, que querendo ou não a gente passa isso pros filhos também.” E5

É porque eu me sinto às vezes sobrecarregada, aí eu fico muito estressada, fico impaciente com eles, às vezes eu quero descansar um pouquinho e eles estão ali agitados, aí eu fico ‘para P, para S’, assim no dia-a-dia. E 14

Eu queria poder trabalhar entendesse? Dar coisas melhores para elas. Às vezes eu fico assim triste, meio de cabeça pra baixo em ver a situação no geral. Eu queria poder oferecer mais a elas, e não posso, logo porque as minhas são três filhas, e filha é atenção redobrada, não é todo mundo que se deve confiar, nem todo mundo trata bem como a gente. Eu tenho medo que alguém chegue e machuque entendeu? Fica essa preocupação. E9

O sentimento de tristeza esteve presente nas mulheres entrevistadas, além do estresse e sobrecarga. Sentimento derivado das necessidades de obter recursos básicos para prover as necessidades dos filhos e o sentimento de frustração por não os conseguir. Bronfenbrenner (2012) reforça a complementariedade do desenvolvimento, entre fatores biopsicológicos (proveniente do indivíduo) e sociopolítico (proveniente do contexto). O autor reitera a falibilidade de pesquisas que tentam separar esses fatores. No presente estudo, torna-se notável a interdependência dos dois domínios. A situação de pobreza, de escassez de recursos básicos, como alimentação e

vestimentas, leva as mulheres a um quadro de tristeza, que, na perspectiva delas, esse sentimento é notado e vivenciado pela criança também.

Um estudo realizado numa comunidade chilena com 55 tríades (mãe, pai e filho), com o objetivo de explorar as características de personalidade adaptativa e patológica, dificuldades de regulação no pré-natal e desenvolvimento emocional de bebês de dois meses, traz a reflexão sobre a preocupação evolutiva da mulher com subsistência da sua prole, estando associada com a satisfação pessoal (Muzard et al., 2023). No presente estudo, observa-se a preocupação das mulheres em poder oferecer mais recursos de lazer, educação e saúde aos filhos, no entanto, a frustração em não os conseguir, leva a uma vivência de estresse, perceptível à criança. O estresse das mães em conseguir esses recursos, assim como em tentar driblar as dificuldades e perigos do contexto de onde moram, afetam a qualidade do cuidado dos filhos (Bornstein & Putnick, 2016).

Outro fato que causa frustração para as mulheres é a escolha de não trabalhar devido ao fato de sua criança ser do sexo feminino. Nota-se a preocupação explícita quanto ao risco de violência sexual relacionado ao gênero, pois, caso a criança fosse do sexo masculino, a mulher teria coragem para deixá-lo aos cuidados de outra pessoa para trabalhar. Segundo Bornstein e Putnick (2016), a parentalidade influencia e é influenciada pelo sexo da criança. Os pais seguem modelos do macrosistema no cuidado, de maneira divergente entre meninos e meninas.

O mesmo estudo, que avaliou seis práticas de cuidado em 39 países de baixa e média renda mostrou que em 15 países, os pais levavam mais meninos do que meninas para fora de casa. Na cultura regional onde foi realizado o presente estudo, crianças do sexo masculino são mais “livres” para brincar na rua, na representação de que crianças do sexo feminino precisam se acostumar com o trabalho doméstico. O medo da violência sexual também é menor com crianças do sexo masculino, por acreditar que meninas atraem mais esse tipo de abuso.

Categoria 3: Vivências relacionadas às práticas parentais

A categoria vivências das mulheres sobre práticas parentais traz alusões às funções nas tarefas domésticas e cuidados com a criança no dia-a-dia, comportamentos desafiadores dos filhos, práticas parentais negativas, e mudança no comportamento da criança e da mãe devido à pandemia da COVID-19.

A subcategoria [Funções nas tarefas domésticas e cuidados com a criança no dia-a-dia] faz menção à sobrecarga da mulher enquanto mãe e dona de casa, a necessidade de mostrar competência ao cônjuge nessas tarefas e a falta de tempo para brincar com os filhos:

O que fica mais difícil para mim é que eu sinto que sou eu só, aí o que é difícil para mim é que quanta está os três, ao invés da gente brincar, conversar, eu fico tão focada em fazer logo as coisas em casa para quando o pai chegar não estar sempre aquela mesma bagunça. Mostrar assim que eu posso tomar conta de tudo e tomar conta dos meninos, arrumar a casa... eu tento dar prioridade às coisas para fazer do que sentar com meus filhos, a gente brincar, a gente conversar, então é isso que eu não sinto que tem nada de bom em mim, porque eu não priorizo meus filhos.

E5

A subcategoria [Comportamentos desafiadores dos filhos] encontram-se as atitudes das crianças que geram preocupação e reações por parte dos cuidadores, como as questões emocionais e relacionais:

As malcriações dela, as manhas, ela é muito manhosa... Ela quer tudo, só quer conseguir as coisas chorando, aí a pessoa dá aí ela para... Eu acho que se ela não fosse tão manhosa ela desenvolveria mais muitas coisas. Normalmente ela está fazendo isso, se jogar no chão, querer as coisas. E1

Na subcategoria [Práticas parentais negativas], as mães compartilham atitudes caracterizadas pela disciplina relaxada, falta de estímulo à autonomia, ameaças, tratamento ríspido, ameaças e punição física, incluindo o castigo e a violência física. Também percebem a inefetividade de tais ações na resolução dos problemas do dia-a-dia: “...às vezes eu dou umas palmadas, mas com ela não resolve não, ao invés de ela deixar da manhã, não, piora a situação, ela fica mais manhosa ainda...” E13

Na subcategoria 5 [Mudança no comportamento da criança e das mães] devido à pandemia da COVID-19], a maioria dos relatos apresenta piora no comportamento das crianças e aumento do estresse da mãe, porém, também houve relatos de melhorias na relação mãe-filho e no desenvolvimento da criança: “Eles ficaram mais agitados dentro de casa sabe? Aí eles querem ir para rua, eu abro a grade, boto a bicicleta deles aqui na frente de casa um pouquinho...” E19

Teve momento mesmo de eu sair daqui e botar a mão na cabeça, de não tá aguentando saber o que tá acontecendo, sem ter explicação porque eu estava passando por aquilo, mas eu estava me sentindo muito estressada, chega sentia o coração muito acelerado, porque presa em casa, minha mudança de comportamento foi mais essa, de ficar muito estressada porque eu não era tão estressada assim, eu não tinha isso. E5

O estudo foi marcado por falas de preocupação das mulheres em mostrar competência ao cônjuge em relação aos cuidados com a criança e com a casa, levando-as à fadiga por ter que dar conta das tarefas domésticas e cuidados parentais sozinhas. Preocupação que reflete a cultura local de que a mulher precisa ser a responsável pelo cuidado da prole e da casa, enquanto o homem tem uma participação menor e mais fria nesses aspectos, sendo responsável pelo prover e sustento da casa. Apesar da sutil mudança para uma equalização dos papéis, as mulheres ainda gastam mais tempo nos afazeres domésticos, especialmente as que vivem em contexto de

vulnerabilidade social (Bornstein & Putnick, 2016). Apesar dessa diferença nos papéis causar estresse para a mulher, a possível “falha” em realizar esses cuidados torna-se motivo de vergonha e incompetência, gerando sentimento de impotência e frustração.

Comportamentos desafiadores dos filhos também fazem parte das vivências das mulheres e favorecem uso de práticas parentais negativas, como uso da punição física, ameaças e gritos. O comportamento segundo Bronfenbrenner (2012), está atrelado ao conceito de “temperamento”, que constitui características inatas, importantes para o processo intra e interpessoais, tendo mais destaque para crianças na primeira infância, idade característica do estudo. A “personalidade” adquirida através da interação com o meio ambiente seria mais predominante em adolescentes e adultos (Bronfenbrenner, 2012).

Apesar da preocupação pelos comportamentos de birra, gritos e agressividade da criança, notam-se comportamentos semelhantes das mães, que, no momento das entrevistas e interações registradas no diário de campo, são percebidos e relatados pelas próprias mulheres. Muitos desses comportamentos e práticas de educação parental das mães estão atrelados ao estresse causado pelas privações econômicas do dia-a-dia, como ter dinheiro para prover alimentação, vestimentas e lazer para si e para a família, além da transmissão intergeracional de práticas de educação parental baseadas na punição e violência.

Um estudo longitudinal, com mais de 18.000 crianças matriculadas no jardim da infância até a quarta série, em creches dos Estados Unidos, durante os anos letivos de 2010 a 2011, cujos cuidadores responderam questões referentes ao status socioeconômico, comprovou a associação das privações econômicas familiares, com uso de práticas parentais mais rígidas e presença de problemas comportamentais internalizantes das crianças. O mesmo estudo sugere que as crianças percebem, inicialmente, as más condições advindas da pobreza familiar, depois, a regulação de

seus pais ou cuidadores próximos, com gradual alteração no seu desenvolvimento socioemocional. Logo, nesta fase da vida da criança, a interação pais-criança é fundamental para a sua regulação comportamental (Lee, 2022). Achado que corrobora com a teoria de Bronfenbrenner, onde o processo proximal (práticas parentais) atua sobre a pessoa (criança em desenvolvimento), no contexto (vulnerabilidade social) (Bronfenbrenner, 2012).

As práticas parentais negativas presentes no estudo podem estar atreladas à sobrecarga da mulher e às más condições econômicas, como relatadas. De acordo com a teoria ecológica, essas práticas parentais (processos proximais), podem resultar em competências (habilidades que orientam o comportamento, inclusive nos aspectos intelectual e socioemocional), ou em disfunções (descontrole na integração do comportamento) (Bronfenbrenner, 2012). Apesar dos relatos negativos, também encontramos em nosso estudo, falas positivas acerca de práticas parentais baseados no reforço positivo, afeto, demonstração de carinho, ensino de princípios julgados como importantes para a convivência social pelas mulheres e estímulo à autonomia.

Um estudo transversal realizado no nordeste brasileiro, com mais de três mil pares cuidador- criança em situação de pobreza mostrou que práticas parentais positivas tiveram associação com melhor desenvolvimento infantil em todos os seus domínios. O ato de brincar consistiu neste estudo, como uma prática que traz benefícios no processo de desenvolvimento da criança e facilita o entrosamento mães-filho (Rocha et al., 2022). Os relatos das mulheres do presente estudo demonstram que, apesar do contexto social ser desfavorável, é possível fazer uso de práticas positivas e promover o desenvolvimento funcional das crianças.

Mudança de comportamento foi a última subcategoria emergida do presente estudo, evidenciando relatos das mães sobre a piora do sentimento de estresse delas e de mau comportamento das crianças com a chegada da pandemia da COVID-19, assim como relatos de

melhora na relação mãe e filho. Segundo a teoria Bioecológica, a experiência significa a maneira como um indivíduo sente o contexto em que vive, tanto sob aspectos objetivos, quanto, principalmente, subjetivos (crenças pessoais, medo) (Bronfenbrenner, 2012).

A pandemia chegada em 2020 trouxe consigo muitos sentimentos de medo, incertezas, preocupações sobre o futuro próximo e longínquo. Época marcada por muitas demissões e piora da situação econômica das famílias, que já vivenciavam precárias condições de salário, pois viviam de trabalhos autônomos, sem nenhuma garantia trabalhista. O distanciamento social e perda de redes de apoio, com crianças na faixa etária marcada por desbravar novos conhecimentos, que é a primeira infância, também contribuiu para o aumento do estresse das mulheres, em não saber como lidar com sobrecargas adicionais nesse novo contexto.

Uma revisão de escopo com o objetivo de abordar os efeitos da pandemia da COVID-19 na saúde mental materna, desenvolvimento infantil na primeira infância e nas práticas parentais, mostrou que, quanto às crianças, houve o aumento de casos de crises de ansiedade e depressão, bem como, piora no comportamento e de marcadores de desenvolvimento infantil. Mostrou também queda na habilidade de leitura das crianças, tendo em vista o fechamento das escolas no modo presencial. O estudo aborda que esta queda poderia ter sido menor, caso os pais tivessem o hábito de leitura com os filhos em casa. Estudos também mostraram aumento da exposição da criança às telas e diminuição de brincadeiras ao ar livre, com aumento do sedentarismo. Quanto aos pais, fatores como falta de apoio, elevaram consideravelmente o estado de doença materna. Padrões de dieta e sono quebrados também foram cruciais para o adoecimento das mulheres, junto às barreiras de acesso aos serviços de saúde. Quanto às práticas parentais, foi vista associação entre práticas parentais marcadas por inconsistência e inflexibilidade ao sofrimento mental infantil (Penna et al., 2023).

As limitações a serem destacadas neste estudo foi a realização das entrevistas em ambiente digital, devido às restrições da pandemia da COVID-19 e possível perda de elementos que contribuem para a maior riqueza na interação face a face. Além disso, os sentimentos, vivências e práticas parentais podem ser diferentes em outros contextos de vulnerabilidade, ao se considerar diferentes culturas e redes de apoio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do objetivo de analisar os sentimentos, vivências e práticas parentais de mães de crianças na primeira infância, em contexto de vulnerabilidade social, à luz do referencial bioecológico de Bronfenbrenner, os resultados mostraram que, apesar de relatos negativos advindos do estresse parental e sobrecarga das mulheres, com sentimentos negativos e práticas parentais baseadas em punições, castigos e violência física, havia uma disposição para aprenderem a lidar com o estresse, incluindo a vontade de terem mais paciência para que seja possível que haja boa relação mãe-filho. Os dados apontam subsídios para a importância de intervenções educativas parentais para melhorar as habilidades parentais, incluindo o autoconhecimento por parte de cada mãe, o compartilhamento de suas necessidades, a autorregulação emocional e a mudança nas práticas parentais. O modelo bioecológico ratificou a complexidade dos componentes envolvidos no desenvolvimento infantil, no sentido de prevenir problemas no desenvolvimento socioemocional das crianças. Por meio dessas intervenções, as mulheres podem aprender sobre estratégias de enfrentamento, além de obter lugar de escuta e compartilhamento de experiências com pares.

REFERÊNCIAS

Borsntein, M. H., & Putnick, D. L. (2016). Mothers' and fathers' parenting practices with their daughters and sons in low- and middle-income countries. *Monogr Soc Res Child Dev.*, 81 (1), 60-77. Disponível em: doi:10.1111/mono.12226.

- Branco, M. S. S., & Linhares, M. B. (2018). The toxic stress and its impact on development in the Shonkoff's Ecobiodevelopmental Theoretical approach. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 35 (1), 89-98. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2018000100089&lng=en&nrm=iso>.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Flick, U. (2013). *Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes*. Porto Alegre: Penso.
- Honda, T., Tran T., Popplestone S., Draper, C. E., Yousafzai, A. K., Romero, L., & Fisher, J. (2023). Parents' mental health and the social-emotional development of their children aged between 24 and 59 months in low-and middle-income countries: A systematic review and meta-analyses. *SSM - Mental Health*, (3), 100197. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ssmmh.2023.100197>.
- Katz, I., Corlyon, J., Placa, V. L., Hunter, S. (2007). *The relationship between parenting and poverty*. Londres: Joseph Rowntree Foundation.
- Lee, H. (2022). Family economic hardship and children's behavioral and socio-emotional outcomes in middle childhood: Direct and indirect pathways. *Children and Youth Services Review*, 138, 106527. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2022.106527>.
- Minayo, M. C. (2014). *Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo, SP: Instituto Sírio Libanes.
- Muzard, A., Olhaberry, M., Nuñez, C., Vaccarezza, S., Franco, P., Morán, J., Sieverson, C., León, M.J., Apter, G. (2023). *General Hospital Psychiatry*, 83, 20-26. Disponível em: [10.1016/j.genhosppsy.2023.04.004](https://doi.org/10.1016/j.genhosppsy.2023.04.004).
- Rocha, H. A. L., Correia, L. L., Leite, A. J. M., Rocha, S. G. M. O., Albuquerque, L. S., Machado, M. M. T., Campos, J. S., Silva, A. C., & Sudfeld, C. R. (2022). Positive Parenting Behaviors and Child Development in Ceará, Brazil: A Population-Based Study. *Children*, 9, 1246. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/children9081246>.
- Penna, A. L., Aquino, C. M., Pinheiro, M. S. N., Nascimento, R. L. F., Antúnez, S. F., Araújo, D. A. B. S., Mita, C., Machado, M. M. T., & Castro, M. C. (2023). Impact of the COVID-19 pandemic on maternal mental health, early childhood development, and parental practices: a global scoping review. *BMC Public Health*, 23, 388. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-023-15003-4>.

- Sanfelici, D. M. (2022) Learning from the experience of parents in poverty: The power of recognition. *Child & Family Social Work*, 28, 258-267. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/cfs.12958>.
- Santos, L. M.T.D.A., Godoi, L., Guimarães, B. A., Coutinho, I. M., Pizato, N., Gonçalves, V. S. S., & Buccini, G. (2023). A qualitative analysis of the nurturing care environment of families participating in Brazil's *Criança Feliz* early childhood program. *Plos One*, 18 (7), e0288940. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0288940>.
- Scott, J. B., Prola, C. A., Siqueira, A.C., & Pereira, C. R. R. (2018). The concept of social vulnerability in the realm of psychology in brazil: a systematic review of the literature. *Psicologia em Revista*, 24 (2), 600-615. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n2p600-615>.
- Wade, C.M., Matthews, J., Forbes, F., Vertkas, L., Burn, M., & Cann, W.G. (2023). Focus on Fathers: Exploring the parenting experiences of fathers using a large population-level sample. *Child & Youth Care Forum*, 52, 801–828. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10566-022-09709-6>.
- Yin, R.K. (2016). *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Porto Alegre, RS: Penso.

APÊNDICE F - ARTIGO 2- PUBLICADO NA REVISTA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM

VIVÊNCIAS PARENTAIS DE MÃES DE CRIANÇAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: O CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

RESUMO

Objetivo: Compreender as vivências parentais de mães de crianças na primeira infância, em contexto de vulnerabilidade social durante a pandemia da COVID-19.

Métodos: Estudo exploratório, descritivo, de abordagem qualitativa baseado em dados primários obtidos mediante a realização de entrevistas semi-estruturadas na modalidade on-line, com oito mães de nove crianças na faixa etária de zero a seis anos em situação de vulnerabilidade, assistidas por uma instituição de assistência social na cidade do Recife-PE. **Resultados:** As categorias temáticas foram organizadas em códigos indutivos derivados dos dados a partir da articulação com o referencial teórico do Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner, nos itens Pessoa, Processo, Contexto e Tempo (Modelo PPCT). Na categoria pessoa destaca-se o prazer das mães em cuidar dos filhos. Na categoria processo, o interesse das mães no processo do brincar com as crianças. Na categoria contexto, as falas das mães ressaltam alteração de comportamento tanto por parte das crianças como pelas cuidadoras, com aumento da sobrecarga, exaustão física e mental por parte das cuidadoras maior agressividade e desobediência por parte das crianças. Na categoria tempo, as mães esperam um futuro mais promissor para os seus filhos. **Conclusão:** A compreensão das práticas parentais vivenciadas pelas mães do estudo permitiu enxergar que a possibilidade de acolhimento e possível formação de rede de apoio por parte dos profissionais de saúde e da comunidade mais próxima se trabalhadas na premissa da resiliência transformadora pode ser fator contributivo para ganhos no desenvolvimento infantil sobretudo na ótica bioecológica das crianças envolvidas.

Palavras-chave: Parentalidade; Vulnerabilidade social; Desenvolvimento infantil; COVID-19.

INTRODUÇÃO

A parentalidade é definida como o conjunto de ações centradas na figura dos pais ou substitutos junto a seus filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento de forma mais plena, utilizando recursos materiais, afetivos e educacionais disponíveis no contexto em que se vive através de suas práticas parentais.¹

As práticas parentais são influenciadas pela história de vida de cada pai, a cultura da sua família de origem e do ambiente em que foi criado, entre outros. O modelo bioecológico de Urie Bronfenbrenner, referencial teórico para esse estudo, explica como o desenvolvimento humano é influenciado pelo ambiente e pelo contexto em que se vive nos seus diferentes processos em um determinado tempo (modelo pessoa-processo-contexto-tempo = PPCT). Para Bronfenbrenner, essa interação se dá em diferentes sistemas progressivamente mais complexos, partindo do micro (indivíduo) para o meso (meio íntimo) ao exo (meio ambiente externo) e por fim ao macrosistema (políticas públicas).²

A pandemia da COVID-19 apresenta-se como um contexto particular em que práticas parentais peculiares podem ter influenciado nas relações entre cuidadores e crianças e podem ter impactos para o desenvolvimento integral das crianças na primeira infância.³

O impacto de todas as mudanças relacionadas à pandemia da COVID-19 pode repercutir em aumento de práticas parentais negativas, devido ao estresse e sobrecarga acentuados em famílias que vivem com privações materiais e afetivas. As medidas de quarentena e restrições nos deslocamentos, necessárias para prevenir ou diminuir a taxa de transmissão da COVID-19, perturbaram a rotina de modo geral, adicionando novos focos de tensão e estresse.⁴

As mulheres, como principais cuidadoras experimentaram sobrecarga adicional em seu papel, com redução de redes de apoio antes existentes, como creches, escolas e serviços de assistência social. Por outro lado, a maior exposição e distanciamento social, aumentaram situações de violência física, tanto para mulheres como nas relações entre adultos e crianças. Nos Estados Unidos, Lee e Ward encontraram o aumento de práticas parentais negativas durante a pandemia, com mais de 60% dos pais com relatos de terem gritado com seus filhos nas últimas duas semanas antes da coleta de dados da pesquisa e cerca de 20% relataram ter espancado seus filhos como forma de disciplina.⁵

Torna-se relevante o aprofundamento sobre questões que envolvem a subjetividade e percepção dos indivíduos para a formulação e implementação de estratégias práticas que apoiem as necessidades de crianças na primeira infância e de seus cuidadores em um cenário que postula uma agenda internacional de apoio à primeira infância e a necessidade de investimentos intersetoriais para o fortalecimento do desenvolvimento integral de crianças na primeira infância e de suas famílias.^{6,7}

O estudo teve como objetivo compreender a parentalidade e as práticas parentais implementadas pelos cuidadores no contexto da pandemia da COVID-19, visando fornecer subsídios para futuras intervenções que melhor respondam às particularidades de famílias que vivem em contexto de vulnerabilidades, para fortalecer competências voltadas para a parentalidade positiva e minimizar impactos negativos para o bem-estar das crianças que vivem nessas condições, a partir da complexidade e das mudanças suscitadas pela pandemia da COVID-19.

MÉTODOS

Tipo de estudo

O estudo é exploratório, descritivo, com abordagem qualitativa. Foram seguidas as orientações do Guia COREQ (CONSOLIDATED CRITERIA FOR REPORTING QUALITATIVE RESEARCH).

Os estudos qualitativos expressam as relações sociais em relação às diferentes dimensões da esfera da vida, incluindo os significados subjetivos que os indivíduos atribuem a suas atividades e seus ambientes.⁸

Local do estudo

O estudo foi realizado de forma on-line com famílias cadastradas em uma instituição de assistência social, localizada no bairro da Várzea, Recife- Pernambuco. Essa instituição, o Lar Fabiano de Cristo no Recife, foi escolhida por atender famílias em situação de vulnerabilidade social e já ter parcerias com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) sendo campo de prática para a disciplina de puericultura da graduação em enfermagem e de estudos da pós-graduação em saúde da criança e do adolescente. A instituição assiste 165 famílias em situação de risco e vulnerabilidade social. Durante a vigência da pandemia da COVID-19 a instituição não pôde receber as crianças para as atividades educativas, reduzindo suas ações, mas

permanecendo com assistência social na orientação on-line de famílias por meio de grupo de whatsapp, distribuição de kits de higiene e alimentos entregues em sua unidade sede.

Participantes do estudo

Os participantes do estudo foram mães de crianças na faixa etária de zero a seis anos, cadastradas na instituição, participantes do grupo de Whatsapp da instituição juntamente com sua coordenação. O recrutamento das participantes ocorreu após o aceite de um convite por meio digital. A amostragem foi do tipo não probabilística, intencional e por se tratar de estudo qualitativo, o tamanho amostral se deu a partir do critério de saturação dos dados, limitado a disponibilidade das participantes em atender ao convite e participar das entrevistas por videochamadas.

O conceito de “saturação de dados” foi considerado como aplicável ao ponto em que nenhuma informação nova surgiu durante a coleta de dados,⁹ quando a capacidade de obter novas informações foi alcançada e quando a codificação adicional não aparece.¹⁰

Coleta de dados

A anuência das participantes ocorreu de forma online através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por meio do preenchimento de formulário do Google Forms. Em seguida as entrevistas ocorreram por meio de videochamada, através do aplicativo Whatsapp. As entrevistas foram gravadas com consentimento, através da plataforma Google Meet em paralelo à videochamada, com gravação do áudio das entrevistas em computador, ficando disponíveis para transcrição posterior em pasta compartilhada no Google Drive institucional entre os autores do estudo.

Os entrevistadores, incluindo um estudante de Mestrado, uma estudante de Doutorado e a Professora responsável, possuem conhecimento teórico e prático sobre as entrevistas na pesquisa qualitativa, além de possuir um vínculo prévio com os participantes, em atividades de assistência às crianças antes da pandemia da COVID-19.

O estudo seguiu etapas semelhantes às pesquisas qualitativas presenciais. Uma dimensão adicional foi a tecnologia. As qualidades humanas importantes para as comunicações da entrevista são experimentadas de maneira diferente e a tecnologia delimita a forma de comunicação de ambas as formas. Algumas TICs, a exemplo das videoconferências, permitem

uma entrevista que se assemelha com comunicação face a face, incluindo sinais verbais e não verbais.¹¹

As premissas para as entrevistas on-line levaram em conta o alinhamento desta metodologia para abordar um fenômeno que acontece na vida real dos participantes (as relações parentais entre pais e filhos).

A entrevista foi guiada por um roteiro, contendo a caracterização da mãe, criança(s) e família, além de perguntas abertas, visando facilitar o diálogo com as participantes. Optou-se pela entrevista semi-estruturada pois trata-se de um método mais espontâneo em que o pesquisador faz algumas perguntas com flexibilidade em sua ordem, deixando o processo mais livre para abordar a temática, porém sem perder sua diretriz inicial. Esse roteiro constou de dois blocos: bloco A com 10 perguntas abertas sobre o cuidador e suas áreas funcionais e bloco B com oito perguntas abertas sobre os temas relacionados às atividades parentais, além de duas perguntas extras sobre a rotina de sono e alimentação da criança. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. O tempo de duração de cada entrevista foi variável, durando em média cerca de 40 minutos. Cada entrevistada foi identificada no trabalho com a inicial E e o número de cadastro sequencial em que foi realizado a transcrição para garantia de sua privacidade.

Análise dos dados

Os dados foram analisados de acordo com a técnica de análise de pesquisas qualitativas seguindo as cinco etapas propostas por Yin¹²: 1) compilar (transcrição e organização de todas as entrevistas); 2) decompor (criação de códigos por meio de destaques ao longo das entrevistas. Esta etapa foi conduzida de forma colaborativa pelo pesquisador e orientadora em documento compartilhado no Google Docs, no qual cada entrevista era codificada linha a linha com códigos que remetiam aos principais dados apresentados); 3) recompor (organização dos códigos por semelhanças e diferenças. Nesta etapa, além da organização, os códigos foram alcançando uma perspectiva de maior interpretação com base no referencial teórico); 4) interpretar (discussão dos dados em relação ao referencial teórico e outros estudos empíricos); 5) conclusão (etapa de consolidação dos dados empíricos, referencial teórico e outros estudos empíricos).

Aspectos éticos

A pesquisa foi elaborada respeitando-se as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde que regulamentam a pesquisa com seres humanos em território nacional e as resoluções que regulamentam a coleta de dados através de entrevista online na vigência da pandemia da COVID 19. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da UFPE com parecer CAAE número 27002019.2.0000.5208.

RESULTADOS

Das cerca de 40 responsáveis pelas crianças na faixa etária elegível para o estudo participantes do grupo de WhatsApp com a instituição, conseguiu-se 8 entrevistadas, sendo uma entrevistada com 2 filhos na faixa etária estudada, configurando 9 crianças alcançadas pelo trabalho. Todas as 8 entrevistadas foram as mães biológicas das crianças, nenhum pai participou do estudo sendo esse inclusive considerado um fator limitante para este. A média de idade das entrevistadas foi de 25 a 35 anos, com cerca de oito anos de estudo completos e renda mensal média entre 1 a 2 salários mínimos. Apenas 2 das 8 entrevistadas relataram não serem as principais responsáveis pelos cuidados da criança em período integral (Tabela 1).

Tabela 1. Perfil sociodemográfico das entrevistadas. Recife, 2021.

Entrevistada	1	2	3	4	5	6	7	8
Idade da cuidadora	20a	38a	40a	33a	37a	29a	27a	29a
Escolaridade materna	8a	EM completo	5ª. EF	1º. EM	2º. EM	3º. EM	7ª. EF	4ª. EF
Estado Civil	Casada	Solteira	Solteira	Casada	Solteira	Casada	Solteira	Casada
Trabalha fora de casa?	Não	Não	Sim (Domést)	Sim (Faxina)	Não	Não	Sim (Banca Bicho)	Sim (Vended. Auton.)
Renda familiar	1-2 sal.	1 salário	1,5 salár.	1 salário	<1 salário	1-2 salár	<1 salário	1-2 salár
Idade das crianças (0-6a)	2 anos	2 anos	2 anos	4 e 5 anos	4 anos	4 anos	1 ano	4 anos

Sexo das crianças	F	M	M	F/M	M	F	M	F
Tempo de cuidado com a criança	integral	integral	noite	integral	noite	integral	integral	integral

Fone: Os autores.

A partir da análise dos dados, foi realizada a categorização, de forma construtivista, tanto indutivamente a partir dos dados, como também embasado no referencial teórico de Urie Bronfenbrenner e seu Modelo Bioecológico de Desenvolvimento Humano Pessoa-Processo-Contexto-Tempo (PPCT).

As categorias apresentadas (Pessoa, Processo, Contexto, Tempo), serão abordadas a partir dos códigos e sub temas emergidos dos dados coletados nas entrevistas, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1: Códigos relacionados às vivências parentais de mães de crianças em situação de vulnerabilidade social no contexto da pandemia da COVID-19. Recife, 2021.

CATEGORIA	CÓDIGOS/SUBTEMAS
PESSOA	MÃE: prazer no cuidado e educação dos filhos porém com atual sentimento de cansaço e sobrecarga devido ao contexto de pandemia com desejo de ter mais paciência e oferecer mais recursos materiais quando possível CRIANÇAS: comem bem porém geralmente com uso de algum dispositivo eletrônico e dormem bem porém sem adequada higiene do sono. Relatos de déficit no aprendizado e maior uso de brincadeiras mediadas com recursos digitais.
PROCESSO	Predomínio de brincadeiras lúdicas e recreativas com interesse e prazer no brincar por parte dos pais mas ainda muita presença de tecnologia e telas; Presença de práticas punitivas, como castigos, violência moral ou física para ensinar Alguns conflitos familiares por falha de comunicação ou rispidez e por convívio na realidade de uso de drogas e violência doméstica Sentimentos dúbios de satisfação e falta de participação paterna e interferências negativas da rede de apoio pela percepção materna

CONTEXTO	Com as restrições de lazer com a pandemia crianças estão mais agressivas e agitadas e mães mais esgotadas física e mentalmente pelo aumento de convívio sem escola e novas funções; Famílias antes com adequado acesso à saúde agora dificultado pelas restrições da pandemia porém se cuidando adequadamente conforme auto-avaliação com dificuldades pontuais Mães não conseguem manter rotina de estudos e práticas pedagógicas eficientes sentindo atraso nas competências educacionais e desejando retorno das escolas.
TEMPO	Mães cuidadoras em tempo integral cansadas x mães que trabalham compensando turno ausente em outro turno Desejo que os filhos sigam nos estudos, se formem em uma profissão e se tornem adultos do bem e de boa índole.

Fone: Os autores.

De acordo com o modelo bioecológico de Urie Brofenbrenner, referencial teórico considerado para esse estudo, a categoria pessoa envolve todo seu repertório individual de características biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais em relação aos vários ambientes em que ela está inserida num determinado período.² Em relação à categoria pessoa, considerou-se a mãe, enquanto indivíduo em processo de desenvolvimento da parentalidade e a criança separadamente.

Em relação a categoria pessoa, no que se refere a pessoa - mãe, uma das entrevistadas abordou a demanda exaustiva e repetitiva de cuidado com os filhos e com a casa que representa bem o esgotamento físico e mental provavelmente agravado pela pandemia: *“Eu não me vejo muito mãe, eu me vejo mais uma empregada sei lá, porque é o dia todinho a mesma coisa, dar banho, comer, fazer as coisas... eu me sinto praticamente uma empregada aqui dentro”* (E5). Porém a maior parte das falas convergiram para o prazer em cuidar da casa e dos filhos: *“Eu gosto de cuidar dos meus filhos, de dar atenção a eles.”* (E6) com desejo de melhorar seu papel *“(...) eu gostaria de aprender a ter mais paciência (risos).”* (E1).

No que se refere a categoria pessoa - criança, as falas representam que as crianças a princípio não foram afetadas nas suas rotinas de sono *“(...) ele dorme bem, dorme a noite toda (...)”* (E7) e alimentação *“(...) graças a Deus ele come bem, come sozinho, num dá trabalho não.”* (E7) porém com maiores relatos de uso de recursos digitais para alimentação *“(...) come*

mais na televisão assistindo.”(E3) e rotina de sono sem adequada higiene “às vezes ele quer ir até tarde(...)” (E7) e até situações de cama compartilhada “ Ele dorme na mesma cama comigo” (E5).

Em relação a categoria processo, esse corresponde à dinâmica de interação entre as crianças e seus cuidadores, no ambiente imediato, particularmente no domicílio. Essas formas duradouras de interação são os chamados processos proximais, o pilar do pensamento de Bronfenbrenner e força motriz do desenvolvimento humano, o que prova que esse desenvolvimento é profundamente influenciado pelos eventos e condições do meio ambiente.²

No que se refere a essa categoria merece destaque os relatos de prazer em brincar com os filhos “(...) *o que eu mais gosto de fazer com eles? Acho que é brincar, brincar com eles.*” (E6) mesmo que com citações de maior uso de eletrônicos neste momento “(...) *ver o celular, assistir os vídeos dele(...)*”(E7) e por vezes fazer uso de práticas punitivas para educação “*Eu dou umas lapadinhas, não vou mentir.*” (E3).

Mesmo com algumas dificuldades familiares “*Meu irmão ele às vezes tá envolvido com drogas...* (E8) ouviu-se das mães relatos de união familiar “(...) *ai, alguma coisa positiva na minha família? Acho que a união, a gente é assim muito unido*” (E8) com a participação paterna relatado com ambiguidades “*Se for pra mudar era pro pai dar mais atenção, mas o quanto ele pode ele dá atenção, ele brinca, tudinho.*” (E6).

Quanto a categoria contexto, para Bronfenbrenner o contexto se refere ao sistema em que o ser humano vai vivenciar seus processos e desencadear seu desenvolvimento proximal. Esse sistema inclui as esferas do microsistema, ambiente exato em que o indivíduo está inserido em um momento de suas vidas, do mesossistema que engloba os diversos ambientes de interação em um determinado período, do exossistema que engloba os ambientes que a pessoa não está inserida diretamente e por fim o macrosistema, que engloba todos os outros níveis acrescentando as macro instituições e as políticas públicas.²

Considerando-se as falas relacionadas ao contexto da pandemia, a maioria convergiu para a questão de esgotamento físico e mental das mães “*Com que frequência me sinto estressada? É quase sempre*” (E5) e questões ligadas ao temperamento das crianças “*Antônio (nome fictício), ele tá muito respondão.*” (E6). Em relação às questões de aprendizado as falas também refletiram essa perspectiva “*Na tarefa eu digo - vem Davi (nome fictício) aí sento com ele, mas*

assim a minha paciência, o meu psicológico já não tenho mais(...)”(E5) ratificando a impressão de dificuldade de conciliação do aprendizado pedagógico para essa população em especial no contexto pandêmico.

O conceito de tempo de acordo com o referencial teórico utilizado envolve toda a dimensão de temporalidade envolvida no processo de desenvolvimento do ser humano. No estudo dividimos essa categoria com dois olhares, um com foco no tempo de cuidado que o cuidador dedica ao filho e outro no olhar da perspectiva futura de desenvolvimento desse filho.

Em relação à esse código, merece destaque a importância que as mães deram, além do desejo de continuar nos estudos e conseguirem bons empregos como praticamente todas falaram, questões pontuadas ligadas ao bem estar e à educação de uma forma geral representada pela fala da mãe entrevistada número 2: *“Eu só vejo meu filho formado, eu só vejo meu filho um homem de bom coração principalmente.”*

DISCUSSÃO

Os resultados evidenciaram os padrões parentais existentes na relação das mães com seus filhos e com sistemas de apoio familiares ao longo do ciclo de mudanças adaptativas a partir da pandemia da COVID-19. Identificou-se o agravamento de dificuldades nos desafios da parentalidade durante a pandemia.

O incentivo e apoio à resiliência transformadora das dificuldades enfrentadas em contexto de vulnerabilidade durante a pandemia podem se tornar em fatores potenciais de melhor relação parental com possível impacto positivo no desenvolvimento infantil dessas crianças. Isso pode ser percebido na fala das entrevistadas quando referiram maior estresse parental de uma forma geral durante a pandemia, porém sempre com ressalvas ao prazer em cuidar dos seus filhos e a expectativa de um futuro mais promissor para eles.

As rotinas familiares das crianças e suas famílias foram afetadas pela pandemia da COVID-19 em diferentes variáveis no ambiente micro familiar e em outras camadas do Modelo Bioecológico como o Meso e Exossistema.

A menor interação direta das crianças com redes de apoio fora da família, pode ter tido impactos não apenas no desenvolvimento somático-biológico mas também no que se refere ao desenvolvimento socioemocional das crianças e de seus cuidadores. Esses efeitos podem ter

consequências diretas não só para o desenvolvimento infantil global como para a relação de parentalidade entre cuidadores e crianças.¹³

Na categoria pessoa, identificou-se mudanças em rotinas diárias das crianças, particularmente com relação à alimentação e sono. Embora as mães relataram que as crianças comiam e dormiam bem, a rotina da alimentação com o apoio de telas e a rotina de sono em horários mais tarde, podem influenciar de forma negativa na saúde e bem-estar das crianças.

A rotina escolar foi uma das mais prejudicadas segundo relatos das mães, as quais sem o apoio das creches e escolas durante o período mais crítico da pandemia não conseguiram dar conta de atividades pedagógicas com as crianças, tanto pela sobrecarga de atividades domésticas, como pelo próprio acesso às tecnologias, sendo esse ponto considerado um dos principais agravantes no tocante ao estresse parental e o desenvolvimento infantil.^{14,15}

No que se refere aos códigos elencados na categoria processo pôde-se perceber principalmente o prazer das mães em brincar e cuidar de suas crianças com atividades lúdicas mesmo que ainda com frequente relatos de brincadeiras mediadas por telas. Nessa interação do brincar e do cuidar observou-se ainda a presença de práticas parentais punitivas, com relatos de castigo e violência física, as quais são consideradas como práticas parentais negativas que podem ter influências negativas para os cuidadores e para o desenvolvimento socioemocional das crianças.

Os relatos de experiências com aumento de estresse parental acarretando aumento nos número de agressões foram relatados por Connel.¹⁴ O aumento da tensão intrafamiliar se tornou potencial para violência incluindo disciplina severa, parentalidade negligente e maus tratos infantis.

Esse maior estresse parental desencadeado pela situação da pandemia da COVID-19 também foi avaliado do ponto de vista alimentar. Jansen, em um estudo com 318 pais, observou que houve aumento da ingestão de lanches infantis e do comer emocional durante a pandemia da COVID-19.¹⁶ Em contrapartida aos fatores negativos relacionados ao aumento da ingestão de alimentos não saudáveis com práticas muitas vezes coercitivas envolvidas em um contexto de comer emocional, o estudo observou também que houve aumento por exemplo do número de refeições realizadas em família em comparação ao período pré-pandemia.

Saitadze chamou de “investimento pai” os frutos de ambientes familiares positivos e cognitivamente estimulantes com melhores resultados de desenvolvimento de crianças que vivem em condição de pobreza.¹⁷ Para o autor, entre as variáveis estudadas, uma das mais importantes foi a presença dos pais juntos aos filhos no cuidado e no brincar com a criança. Esse ambiente positivo traz impactos para o desenvolvimento dessas crianças com efeito também para a saúde mental dos pais.

Uma das limitações do presente estudo foi a falta de participação paterna. No nosso estudo, a participação do pai foi percebida por meio principalmente do apoio às cuidadoras nos afazeres domésticos. Tendo em vista que metade das entrevistadas eram solteiras ou não conviviam com seus companheiros, a ausência de apoio afetivo dos pais na educação e interação com as crianças em contextos de pobreza merecem ser mais abordados em intervenções voltadas para a promoção do desenvolvimento infantil e da parentalidade positiva.

Em relação aos códigos elencados na categoria contexto, os relatos das mães no tocante às mudanças decorrentes da pandemia confluíram para uma situação de maior isolamento social, com restrição de espaços de lazer, convívio familiar, aumento do tempo de brincadeiras mediadas por tela por parte das crianças, além do aumento de estressores parentais com maior exposição a situações de conflitos familiares e falta de rede de apoio. Foram frequentes os relatos das genitoras no que se refere ao esgotamento físico e mental e exaustão na conciliação dos cuidados da casa e das crianças.

A realidade, que já era de dificuldades, desde financeiras (média de 1 a 1,5 salários mínimos de renda familiar na população estudada), às de acesso à saúde (unidades de saúde da família atendendo praticamente apenas casos de maior urgência ou relacionados à COVID 19), foi certamente agravada pela pandemia conforme os relatos expostos.

De acordo com os pressupostos da Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner, o espaço proximal de interação da criança com o meio e seu núcleo familiar foi modificado durante o período de vigência da pandemia da COVID-19. Bronfenbrenner eforça a importância do ambiente proximal e das fortes relações entre cuidadores e crianças para o desenvolvimento moral, intelectual e social das crianças, de forma que as crianças possam participar de atividades cada vez mais complexas, com uma base regular, em períodos estendidos de sua vida.² Esta falta

de regularidade pode ter sido mais frequente a partir dos medos, incertezas, insegurança e perda de apoios advindos a partir da pandemia da COVID19.

O aumento do estresse parental durante a pandemia da COVID-19 e suas consequências despertaram maior atenção por parte dos profissionais de saúde no tocante à saúde mental infantil e também das mães.^{3,13} Cook organizou um círculo de segurança da paternidade através de telessaúde oferecendo suporte online para intervenção com pais na Austrália e obteve retorno satisfatório quanto ao seu estudo no que se refere ao apoio à parentalidade na vivência da pandemia da COVID-19,¹⁸ o que desperta interesse em propostas de intervenção futura nessa direção.

Os depoimentos das mães no que tange a possibilidade de resiliência transformadora também chamam a atenção na perspectiva futura que as mães tem para seus filhos. Essas mães verbalizaram o desejo de que seus filhos sigam nos estudos e tenham uma boa profissão, mas principalmente que sejam pessoas citadas como “de bom coração”. Essa fala rememora também o modelo bioecológico de Urie Bronfenbrenner no contexto em que observa o desenvolvimento humano não apenas somático-biológico mas considerando um contexto socioemocional ambiental e conectado com a realidade do ambiente e do contexto em que se vive em uma perspectiva muito mais ampla.

Essa perspectiva de transmutar os fatores estressores e agravadores de problemas relacionados à parentalidade numa realidade já complexa como a de famílias que vivem com o desemprego, a privação material e ausência de suporte, caracterizado pela situação de vulnerabilidade no contexto da pandemia, é pedra fundamental no construto desse trabalho em perceber a possibilidade de transformação dessas dificuldades em possibilidades enriquecedoras para uma parentalidade mais ativa, participativa e construtiva para o desenvolvimento bioecológico dessas crianças e por conseguinte dessas famílias.

CONCLUSÃO

Os resultados do estudo apontam modificações nos elementos Pessoa, Processo, Contexto e Tempo, a partir das mudanças suscitadas pela pandemia da COVID-19. O esgotamento físico e mental por parte das mães e alterações no comportamento com tendências à maior agressividade e desobediência por parte das crianças, podem ter sido influenciados por um

contexto de estresse parental, o qual pode repercutir no desenvolvimento global destas crianças de forma negativa ao longo do tempo.

A compreensão das práticas parentais vivenciadas pelas mães do estudo permitiu enxergar que a possibilidade de acolhimento e possível formação de rede de apoio por parte dos profissionais de saúde e da comunidade mais próxima se trabalhadas na premissa da resiliência transformadora pode ser fator contributivo para modificação desse desenvolvimento na direção de ganhos imensuráveis.

Dessa forma, é necessário maior incentivo aos profissionais de saúde e a sociedade como um todo para que se possa construir intervenções de apoio à parentalidade positiva e formar uma rede de apoio à parentalidade no contexto da pandemia da COVID-19. Esta perspectiva poderá trazer melhores resultados em desenvolvimento global para essas crianças e minimizar resultados negativos decorrentes dos fatores estressores agravados pela pandemia.

REFERÊNCIAS

- [1] Coutinho IC, Santos MJ, Gaspar MF. Educação parental com famílias maltratantes: que potencialidades? *Anal Psicol.* 2012;20(4):405-20. doi: 10.14417/ap.601
- [2] Bronfenbrenner U. *Bioecologia do Desenvolvimento Humano: tornando os seres humanos mais humanos.* Porto Alegre: Artmed; 2011.
- [3] Malhi P, Bharti B, Sidhu M. Stress and Parenting During the COVID-19 Pandemic: Psychosocial Impact on Children. *Indian J Pediatr.* 2021;88(5):481. doi: 10.1007/s12098-021-03665-0.
- [4] Brasil, Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz. *Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: recomendações para gestores.* Rio de Janeiro: Fiocruz; 2020. 13 p.
- [5] Lee SJ, Ward KP, Chang OD, Downing KM. Parenting activities and the transition to home-based education during the COVID-19 pandemic. *Child Youth Serv Rev.* 2021;122:105885. doi: 10.1016/j.chilyouth.2020.105585.
- [6] Macana EC, Comim F. O papel das práticas e estilos parentais no desenvolvimento da primeira infância. In: Pluciennik G, Lazzari C, Chicaro M, editors. *Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil: parentalidade em foco.* São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal; 2015. p. 34-47.

- [7] Pluciennik G, Lazzari C, Chicaro M, editors. Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil: parentalidade em foco. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal; 2015.
- [8] Flick U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. 2nd ed. Porto Alegre: Bookman; 2004.
- [9] Coyne IT. Sampling in Qualitative Research. Purposeful and Theoretical Sampling; Merging or Clear Boundaries? *J. Adv. Nurs.* 1997;26(3):623-30. doi: 10.1046/j.1365-2648.1997.t01-25-00999.x.
- [10] Guest G, Bunce A, Johnson L. How Many Interviews Are Enough?: An Experiment with Data Saturation and Variability. *Field Methods.* 2006;18(1):59-82. doi: 10.1177/1525822X05279903.
- [11] Salmons J. Designing and conducting research with online interviews. In: Salmons J, editor. Cases in online interview research. Thousand Oaks: SAGE Publications Inc; 2011. p. 1-30.
- [12] Yin RK. Pesquisa qualitativa do início ao fim. Porto Alegre: Penso; 2016. 313p.
- [13] Basu A, Kim HH, Basaldua R, Choi KW, Charron L, Kelsall N, et al. A cross-national study of factors associated with women's perinatal mental health and wellbeing during the COVID-19 pandemic. *PLoS One.* 2021;16(4):e0249780. doi: 10.1371/journal.pone.0249780.
- [14] Connel CM, Strambler MJ. Experiences With COVID-19 Stressors and Parents' Use of Neglectful, Harsh, and Positive Parenting Practices in the Northeastern United States. *Child Maltreat.* 2021;26(3):255-66. doi: 10.1177/10775595211006465.
- [15] Weaver JL, Swank JM. Parents' Lived Experiences With the COVID-19 Pandemic. *Fam J.* 2021;29(2):136-42. doi: 10.1177/1066480720969194.
- [16] Jansen E, Thapaliya G, Aghababian A, Sadler J, Smith K, Carnell S. Parental stress, food parenting practices and child snack intake during the COVID-19 pandemic. *Appetite.* 2021;161:105119. doi: 10.1016/j.appet.2021.105119.
- [17] Saitadze I, Lalayants M. Mechanisms that mitigate the effects of child poverty and improve children's cognitive and social-emotional development: A systematic review. *Child Fam Soc Work.* 2020;26(3):289-308. doi: 10.1111/cfs.12809.
- [18] Cook A, Bragg J, Reay RE. Pivot to Telehealth: Narrative Reflections on Circle of Security Parenting Groups during COVID-19. *Aust N Z J Fam Ther.* 2021;42(1):106-14. doi: 10.1002/anzf.1443.

APÊNDICE G - ARTIGO DE REVISÃO

Intervenção sobre práticas parentais e desenvolvimento social e emocional de crianças: revisão sistemática

RESUMO

Objetivo: Avaliar a eficácia da intervenção educativa participativa sobre as práticas parentais na melhoria do desenvolvimento social e emocional de crianças na primeira infância e idade pré-escolar. **Método:** Este estudo consiste numa revisão sistemática da literatura. Foram selecionados os estudos em que os participantes consistem em crianças na primeira infância e idade pré-escolar e seus pais. Foram realizadas buscas nas seguintes bases de dados bibliográficas eletrônicas: MEDLINE via PUBMED, Embase, Lilacs, Web of Science, SCOPUS e Cinahal. Foi realizada uma análise qualitativa dos resultados. **Resultados:** A busca realizada nas diferentes bases de dados levantou um total de 632 e 9 foram encontrados em outras fontes estudos. Depois de excluir as citações duplicadas, foi realizada a leitura de títulos de 389 documentos. 28 artigos foram selecionados para serem lidos na íntegra, 22 foram excluídos por não cumprirem os critérios de inclusão ou não estarem de acordo com o objetivo proposto. Ao final, 6 artigos foram incluídos nesta revisão. **Conclusão:** Mediante estudos que atenderam aos critérios de inclusão, pode-se observar que no geral, as intervenções na parentalidade, coparentalidade, relacionamento pais-criança e estímulo à brincadeira desenvolvem melhores escores no desenvolvimento social e emocional das crianças na primeira infância e idade pré-escolar.

Descritores: Educação em saúde; Desenvolvimento Infantil; Vulnerabilidade Social; Relações Pais-Filho; Áreas de Pobreza; Distribuição Aleatória.

Descriptors: Health Education; Child Development; Social Vulnerability; Parent-Child Relations; Poverty Areas; Random Allocation.

Descriptores: Educación en Salud; Desarrollo Infantil; Vulnerabilidad Social; Relaciones Padres-Hijo; Áreas de Pobreza; Distribución Aleatoria.

Introdução

Desenvolvimento socioemocional infantil consiste no processo de confluência das habilidades sociais e emocionais da criança, relacionadas à expressividade das emoções no meio social e dos efeitos dessas emoções no comportamento social⁽¹⁾. Desenvolvimento emocional envolve a capacidade de expressar, entender e se relacionar com as emoções de outras pessoas, além de ter aptidão para enfrentar situações estressantes ao longo da vida. As emoções são primordiais para o desenvolvimento da comunicação social, cognição, formação da personalidade e para a saúde física e psicológica. Fazem parte do dia-a-dia pessoal e são imprescindíveis para a sobrevivência⁽²⁾.

A competência social, por sua vez, abrange domínios intrapessoais e interpessoais. A competência intrapessoal abrange o estabelecimento de objetivos, mentalidade positiva, autocontrole, controle emocional e presença de mecanismos de enfrentamento frente a situações adversas. A competência interpessoal por sua vez abrange escuta, habilidade comunicativa, capacidade de negociação e resolução de problemas⁽³⁾.

A criança adquire esse aprendizado por meio das relações com adultos/ cuidadores de referência, especialmente os pais. É nesse ambiente que são vivenciadas práticas parentais, que

consiste em ferramentas que os pais utilizam com o objetivo de promover a socialização dos seus filhos. Essas práticas podem desenvolver tanto atitudes pró-sociais, quanto antissociais⁽⁴⁾.

As práticas parentais que os cuidadores utilizam, por sua vez, são influenciadas por diversos fatores, dentre eles, situação de pobreza, baixa escolaridade, estado civil e relacionamentos conjugais conflituosos, aumentando o risco de surgimento de problemas socioemocionais na criança. Nesse sentido, a vulnerabilidade social constitui fator de risco potencial nas relações parentais, pois famílias vulneráveis são mais propensas a utilizar disciplina coercitiva e inconsistente, e os problemas familiares tornam-se mais complexos mediante situação de estresse, como separação do companheiro, abuso de álcool e drogas. Essas condições diminuem a chance dos pais em serem carinhosos com seus filhos e em supervisioná-los de maneira adequada⁽⁵⁻⁶⁾.

Os programas de intervenção que objetivam melhorar as competências parentais podem fornecer resultados na melhoria da saúde psicossocial dos cuidadores, além de melhorarem o bem-estar das crianças a longo prazo⁽⁶⁾. As intervenções são mais benéficas quanto maior for a intensidade, durabilidade, for voltada para os pais e se acontecem na residência das famílias, devido a imersão e proximidade com os fatores presentes no contexto delas. Também quando as famílias têm a oportunidade de praticar, dar e receber feedback sobre o relacionamento com os filhos junto a profissionais treinados para tal⁽⁷⁾.

Famílias de baixa condição socioeconômica é o público que mais recebem as intervenções, porque crianças pertencentes a elas têm menos chances de vivenciar relacionamentos positivos para seu desenvolvimento, tanto pelos fatores que envolvem o estresse dos pais e a falta de ferramentas para lidarem de forma responsiva e afetuosa com seus filhos, como pelos fatores ambientais e contextuais (falta de trabalho, moradias precárias, falta de recursos comunitários

como escolas e creches, praças, dentre outros). Portanto, o efeito benéfico das intervenções tornam-se mais notórios nesta população, com melhores escores referentes às habilidades sociais e emocionais quando comparados a populações que possuem melhores condições econômicas e educacionais⁽⁷⁾

A educação parental consiste, portanto, no aprimoramento de habilidades sociais e de autorregulação emocional através dos princípios de aprendizagem e mudança de comportamento. Tendo em vista que os pais são o primeiro ciclo social da criança, acredita-se que a construção de estratégias de enfrentamento que partam da própria realidade e dos conhecimentos e vivências destes atores sociais, podem estimular essas capacidades. Esta contribuição é primordial para que os filhos tenham a chance de desenvolver habilidades que permitam a eles o alcance de seus objetivos, através da quebra de padrões de comportamentos transgeracionais que prejudicam o desenvolvimento⁽⁸⁾. A presente revisão sistemática tem por objetivo avaliar a eficácia da intervenção educativa participativa sobre as práticas parentais na melhoria do desenvolvimento social e emocional de crianças na primeira infância e idade pré-escolar.

Método

Tipo de estudo: Este estudo consiste numa revisão sistemática da literatura. Foram incluídos todos os estudos que avaliam os efeitos das intervenções parentais na criança e nos pais, utilizadas metodologias participativas, e onde a aplicação destas foi direcionada aos pais da criança-alvo. Os estudos incluídos tiveram pelo menos uma medida de avaliação psicométrica validada de resultado em pelo menos dois pontos de tempo (antes e após a intervenção), com um tamanho de amostra igual ou superior a 30 participantes.

Participantes do estudo: Foram selecionados os estudos em que os participantes consistem em crianças na primeira infância e idade pré-escolar (de 2 meses até 5 anos) e seus pais. Os estudos envolveram intervenções direcionadas aos pais que buscam uma mudança no comportamento para resultar em mudança no desenvolvimento social e emocional da criança. Foram excluídos os estudos envolvendo crianças com distúrbios de desenvolvimento neurológicos diagnosticados. Também serão excluídos os estudos envolvendo pais que têm problemas de saúde mental. **Desfecho primário:** Mudança nos resultados sociais, emocionais ou comportamentais da criança. **Desfecho secundário:** Mudança nos resultados dos pais, através da melhoria nas habilidades parentais analisadas a partir da observação sistemática e entrevistas, refletindo a diminuição de práticas parentais negativas.

Estratégia de busca: Foram realizadas buscas nas seguintes bases de dados bibliográficas eletrônicas: MEDLINE via PUBMED, Embase, Lilacs, Web of Science, SCOPUS e Cinahal. Os termos foram combinados com o filtro Cochrane e MEDLINE para testes controlados de intervenções. Os termos de pesquisa foram adaptados para uso com outras bases de dados bibliográficas. Os termos de pesquisa incluem: TITLE((((Child AND Rearing*) OR Childrearing OR parent OR parents OR parenting OR parental OR "Parent-Child Relations") AND (training* OR managemen* OR intervention* OR education* OR learning* OR participati*)) AND TITLE-ABS-KEY((child* OR pediatric* OR paediatric OR baby OR newborn OR babies OR infant*) AND (((human OR interpersonal OR emotion* OR Social* OR intelligence OR socio*) AND (Skill* OR development OR relation* OR Activit* OR contact* OR behavior* OR behaviour*)) OR "socio-behavior" OR "socio-behaviour" OR "sociobehavior" OR "sociobehaviour" OR aggressiveness) AND (poverty OR socioeconomic* OR "Social Vulnerability" OR "High Social Risk" OR "Social High Risk" OR "social risk") AND (((clinical

OR random*) AND trial) OR "clinical trials as topic" OR random* OR "random allocation" OR "therapeutic use"))).

As listas de referência dos estudos selecionados também foram revisadas para capturar quaisquer estudos adicionais não selecionados na estratégia de busca inicial. A revisão foi restrita a periódicos revisados por pares sem restrição linguística. Também não houve restrição de datas. As pesquisas foram lidas novamente antes das análises finais e, estudos que foram publicados posteriormente à fase de seleção foram recuperados para inclusão na revisão. **Seleção dos artigos:** A extração de dados inicial envolveu títulos de triagem e / ou resumos de estudos recuperados usando a estratégia de busca, e aqueles de fontes adicionais. A extração foi concluída de forma independente por dois autores da revisão para identificar estudos que potencialmente atenderam aos critérios de inclusão descritos acima. As discrepâncias foram identificadas e resolvidas por meio de discussão com uma terceira autora. O texto completo desses estudos potencialmente elegíveis foi recuperado e avaliado de forma independente quanto à elegibilidade pela dupla.

As informações analisadas para inclusão do estudo foram: cenário do estudo; população do estudo, dados sociodemográficos dos participantes, características comportamentais pré-intervenção, detalhes das condições de intervenção, metodologia de estudo, taxas de recrutamento e conclusão do estudo; resultados e tempos de medição; indicadores de aceitabilidade para os usuários; mecanismos sugeridos de ação de intervenção; informações para avaliação do risco de viés. Dois autores da revisão extraíram os dados independentemente. **Análise dos dados:** Foi realizada uma análise qualitativa dos resultados. A revisão resumiu os efeitos da intervenção por meio da descrição do tipo de intervenção e conteúdo, características da

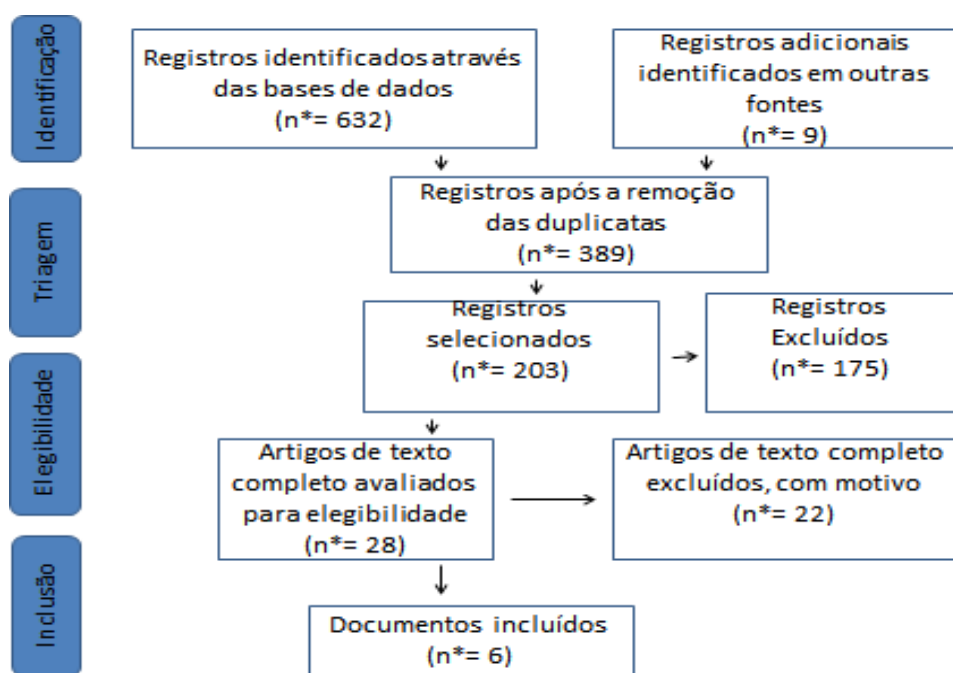
população e o tipo de medidas de resultado. A revisão também avaliou as evidências de viés do estudo.

Avaliação de risco de viés (qualidade): Dois autores avaliaram independentemente o risco de viés e as discrepâncias foram resolvidas por discussão. O risco de viés entre os estudos refere-se à possibilidade de que resultados negativos sejam menos prováveis de serem publicados, o que significa que os dados disponíveis podem ser tendenciosos para resultados positivos (viés de publicação).

O protocolo desta revisão sistemática foi realizado na PROSPERO sob ID: CRD42021278183

Resultados

A busca realizada nas diferentes bases de dados levantou um total de 632 e 9 foram encontrados em outras fontes estudos. Depois de excluir as citações duplicadas, foi realizada a leitura de títulos de 389 documentos com a finalidade de verificar o atendimento aos critérios de inclusão. Destes, 203 foram selecionados para a leitura dos resumos, e, posteriormente, 28 foram recrutados para serem lidos na íntegra. Dos 28 artigos lidos na íntegra, 22 foram excluídos por não cumprirem os critérios de inclusão ou não estarem de acordo com o objetivo proposto. Ao final, 6 artigos foram incluídos nesta revisão. O processo de seleção de documentos é apresentado no fluxograma PRISMA⁽⁹⁾, conforme figura 1.



Fonte: Adaptado⁽⁹⁾ *n= número

Figura 1- Diagrama de fluxo para quatro fases diferentes de seleção de estudo e processo de inclusão na revisão sistemática, de acordo com o PRISMA.

Os estudos incluídos (colocar sobrescrito as referências) são dos anos de 2006 a 2021. Os estudos foram realizados nos Estados Unidos, Canadá e África Oriental. As características do estudo são mostradas abaixo, na figura 2.

Ano	Título	Tipo de Estudo	País de origem
2016 ⁽¹⁰⁾	The Effects of Mother Participation in Relationship Education on Coparenting, Parenting, and Child Social Competence: Modeling Spillover	Ensaio Clínico Randomizado	Estados Unidos

	Effects for Low-Income Minority Preschool Children		
2020 ⁽¹¹⁾	Effect of the Attachment and Child Health Parent Training Program on Parent–Child Interaction Quality and Child Development	Ensaio Clínico Randomizado	Canadá
2021 ⁽¹²⁾	Group-based parenting interventions to promote child development in rural Kenya: a multi-arm, cluster-randomised community effectiveness trial	Ensaio Clínico Randomizado	África Oriental
2016 ⁽¹³⁾	Toward a Developmentally-Informed Approach to Parenting Interventions: Seeking Hidden Effects	Ensaio Clínico Randomizado	Estados Unidos
2016 ⁽¹⁴⁾	Behavioral Parent Training in Infancy: A Window of Opportunity for High-Risk Families	Ensaio Clínico Randomizado	Estados Unidos
2006 ⁽¹⁵⁾	Measuring Participation in a Prevention Trial With Parents of Young Children	Ensaio Clínico Randomizado	Estados Unidos

Figura 2. Artigos incluídos na revisão sistemática segundo ano de publicação, título, tipo de estudo e país de origem. Recife, PE, 2021

Todos os artigos incluíram medidas de no mínimo um pré e pós-teste, mediante uso de instrumentos validados para avaliar o desfecho primário (mudança nos resultados sociais, emocionais ou comportamentais da criança na primeira infância e idade pré-escolar) e desfecho secundário (habilidades parentais do cuidador). Os principais resultados encontram-se na figura 3.

Título do artigo	Amostra da pesquisa	Instrumentos utilizados	Medidas pré-intervenção	Intervenção	Medidas pós-intervenção
The Effects of Mother Participation in Relationship Education on Coparenting, Parenting, and Child Social Competence: Modeling Spillover Effects for Low-Income Minority Preschool Children	314 crianças (171 grupo caso/ 143 controle)	Acordo de Coparentalidade / Escala da Competência Social e Avaliação do Comportamento, Subescala de Competência Social	Acordo de coparentalidade (*GI- 3,77/ *GC- 3,88) Comportamento parental punitivo (GI- 1,69/ GC- 1,53) Competência social das crianças (GI- 3,60/GC- 3,64)	O currículo Juntos Podemos (TWC). Tempo de duração: 6 sessões semanais de 2 horas. A programação envolve palestras, discussões, atividades e estudos de caso e dramatizações que promovem a aprendizagem experiencial. focado no desenvolvimento de habilidades de relacionamento para adultos em casal e relações de coparentalidade. Professores cegos para os	12 meses pós-intervenção Acordo de coparentalidade (GI- 4,03/ GC-3,98) Comportamento parental punitivo (GI- 1,51/ GC- 1,59) Competência social das crianças (GI- 3,73/GC- 3,56)

Effect of the Attachment and Child Health Parent Training Program on Parent-Child Interaction Quality and Child Development	Estudo Piloto 1 (n= 19)/ Estudo Piloto 2 (n=8).	Escala de Ensino de Interação Pai-Filho (PCITS)/ Questionário de Idades e Estágios – Terceira Edição ASQ-3 Questionário de Idades e Estágios— Social Emocional (ASQ-SE).	Estudo Piloto 1 Interação pais-criança (GI:33,80/GC :36,50) ASQ social (GI:46,43/GC :47,22) Estudo Piloto 2 Resposta para pontuações de angústia nas crianças (GI:8,13/GC: 8,70) Pontuação na capacidade de resposta do cuidador (GI:7,25/ GC: 6,70)	grupos. GI e GC participaram do Programa Parental de Nutrição. GI: Programa ANEXO e ATTACH (intervenção de Saúde Infantil) melhora o desenvolvimento das crianças por meio de melhorias nos pais. Duração: 10 sessões com os pais com duração de 1 hora. Sessão de feedback em vídeo, situação hipotética e situação da vida real. Codificadores de dados cegos para os grupos.	Estudo Piloto 1 Interação pais-criança (GI:38,70) ASQ social (GI:51,43) Estudo Piloto 2 Resposta para pontuações de angústia nas crianças (GI:9,88) Pontuação na capacidade de resposta do cuidador (GI:8,50)
Group-based parenting interventions to promote child development in rural Kenya: a multi-arm, cluster-randomised community effectiveness trial	376 díades (intervenção em grupo) 400 díades (intervenção mista) 376 díades (grupo de comparação)	Bayley Scales of Infant Development terceira edição/Escala Wolke adaptada/ Indicadores de Cuidados Familiares	Escore socioemocional das crianças (Grupo intervenção única: 25,69/ Grupo modelo misto: 25,77/ Grupo Controle: 24,80)	Um grupo em destaque um modelo de entrega somente em grupo com 16 sessões quinzenais; o segundo grupo apresentou um modelo de entrega mista, combinando 12 sessões em	Escore socioemocional das crianças -Tamanho do efeito Grupo intervenção única x Grupo comparação: 0·23 (0·03 to 0·44) - Tamanho do efeito

				grupo com quatro visitas domiciliares; e o terceiro grupo serviu como grupo de comparação e não recebeu nenhuma intervenção. Mascaramento não foi possível.	Grupo Modelo Misto x Grupo Controle: 0·22 (0·05 to 0·38)
Toward a Developmentally-Informed Approach to Parenting Interventions: Seeking Hidden Effects	186 mães e 90 crianças	Inventário Parental/ Inventário da Primeira Infância	Dificuldade da Criança foi significativa mente associado com Parentalidade Adversária Materna Negativa, que foi associado ao Desajuste Infantil.	Grupo Brincadeira Orientada à Criança (Grupo intervenção), as mães permitiram que as crianças conduzissem a brincadeira. Duração da intervenção: 8 sessões de 30 minutos. Grupo Brincar como de costume (grupo controle ativo)	O grupo controle apresentou níveis mais elevados de Parentalidade Materna Adversarial Negativa em relação ao grupo de intervenção.
Behavioral Parent Training in Infancy: A Window of Opportunity for High-Risk Families	60 mães e seus bebês de 12 a 15 meses (31 grupo de intervenção e 29 grupo controle)	Brief Infant-Toddler Avaliação Social e Emocional/ Avaliação Social e Emocional Breve Infantil-Criança/ Escala de Inteligência	Não houve diferenças na linha de base de quaisquer resultados	O Programa de Comportament o Infantil é uma adaptação domiciliar do programa Child-Directed Interaction (Sessões semanais com duração de 1	Os bebês do grupo de intervenção foram significativamente mais complacente aos comandos maternos em comparação

		Abreviada de Wechsler e Escala de Inteligencia Wechsler Para Adultos – Terceira Edição/Índice de Estresse Parental, Quarta Edição, Forma Curta.		hora e 30 minutos)	com os bebês no controle grupo no seguimento de 6 meses; O relato materno de agressão/desafio aumentou significativamente ao longo do tempo para o grupo controle e não mudou para o grupo de intervenção. No seguimento de 6 meses, as mães na intervenção grupo eram 5 vezes mais propensos a exibir habilidades e 5 vezes menos propensos a exibir não habilidades, em comparação com o grupo controle.
Measuring Participation in a Prevention Trial With Parents of Young Children	292 pais com seus filhos	Toddler Care Questionnaire (TCQ): Avalia a autoeficácia dos pais. Índice de Estressores Diários/	Não há valores de linha de base para os escores de comportamen to infantil.	The Programa de Pais de Chicago. Duração: 11 sessões semanais de 2 horas.	As pontuações de engajamento foram significativa mente

		Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos /Eyberg Child Inventário de Comportamento.			relacionadas com melhorias em problemas de comportamen to infantil como medido por pais e professores. Especificame nte, engajamento foi correlacionad o com melhorias na Feridas de intensidade, pontuações de internalizaçã o, pontuações de externalizaçã o.
--	--	--	--	--	--

* GI= Grupo de intervenção/ GC= Grupo controle

Figura 3. Resultados nos aspectos sociais e emocionais da criança e habilidades parentais após intervenção dos estudos selecionados. Recife, PE, 2021

Discussão

A realização desta revisão sistemática abrangeu uma investigação nos periódicos para certificação da viabilidade da temática do ponto de vista teórico. Logo após, procedeu-se uma busca sistematizada nas bases de dados referidas, através de descritores e palavras-chaves, além de buscas nas referências dos artigos encontrados, totalizando o número de seis artigos elegíveis para análise.

De acordo com estes, as intervenções participativas com os pais surtiram efeito positivo sobre o desfecho primário da revisão (escore socioemocional da criança): comportamento social (diminuição de sintomas internalizantes e externalizantes), pontuações de angústia e complacência aos comandos maternos. Também mostraram resultado satisfatório quanto ao desfecho secundário da revisão (habilidades parentais): Acordo de coparentalidade, diminuição de comportamento parental punitivo, interação pais-criança e capacidade de resposta do cuidador.

Este estudo permite a percepção da eficácia que diferentes tipos de intervenções sobre os pais e cuidadores têm sobre aspectos sociais e emocionais de crianças na primeira infância e idade pré-escolar, em especial, populações de baixo status socioeconômico, pois, atuar na prevenção de problemas comportamentais na criança aumenta a desenvoltura escolar da mesma, aspecto importante para famílias que almejam melhorias na qualidade de vida⁽¹⁰⁾.

No entanto, as famílias que mais necessitam deste tipo de intervenção são as que menos participam dela. Isso pode se dever ao fato da distância geográfica, do não entendimento da necessidade de participação, sensação de sobrecarga de trabalho, dentre outros. Foram verificadas estratégias para reduzir as barreiras de comparecimento nas sessões, como o recebimento de auxílio financeiro para participarem das intervenções, jantares, reembolso de transporte para deslocamento, funcionando como incentivo para o comparecimento nas sessões. Por outro lado, pode-se levantar o questionamento sobre o interesse genuíno desses cuidadores de envolverem-se nas ações por consciência e vontade de melhorar os aspectos parentais. A percepção dessas melhorias na primeira infância e idade pré-escolar não é apenas notada pelos pais ou cuidadores primários, mas também por outros atores sociais, como professores, evidenciando a legitimidade de resultados positivos⁽¹⁰⁾.

Porém, mudança nos resultados sobre o estresse parental parece não ter tido significância pós-intervenção entre os estudos selecionados⁽¹⁴⁻¹⁵⁾. Não foram notadas mudanças para melhor nos instrumentos que avaliam estes escores no que diz respeito aos aspectos gerais, resultados positivos foram encontrados quando o estresse esteve relacionado ao comportamento da criança⁽¹⁴⁾. As populações estudadas nos documentos selecionados estão, predominantemente, em situação de vulnerabilidade social, logo, os estressores que permeiam essas famílias perpassam por questões de instabilidade financeira, desemprego, baixa escolaridade, atribuições ao papel de pai/mãe de maneira precoce, além de vivência em relacionamentos marcados por violência nos diferentes aspectos. Diante desse cenário, intervenções apenas nos relacionamentos familiares não recuperam sintomas negativos maternos e paternos, visto que são consequentes de problemas crônicos, muitas vezes vividos desde a infância do cuidador⁽¹⁶⁾.

Quanto às limitações dos estudos selecionados, um dos aspectos é concernente ao tempo de intervenção e avaliação, visto que a maioria são intervenções que duram semanas, com avaliações até um ano pós-intervenção. Essa média de tempo pode não ser suficiente para consolidar as práticas parentais positivas utilizadas pelos pais, refletindo no desenvolvimento social e emocional dos filhos, podendo se perder ao longo do tempo pela não estimulação externa.

Entende-se que quanto mais duradouro for o acompanhamento das famílias, maior seria o efeito benéfico das intervenções. Logo, nota-se a necessidade de estudos voltados a realizar intervenções participativas por um período maior de tempo, com acompanhamentos pós-intervenções também maiores, com o objetivo de identificar habilidades parentais pró-sociais, com resultados melhorados na avaliação comportamental da criança.

Outra limitação se dá pelos possíveis vieses destes estudos devido aos autorrelatos no preenchimento dos instrumentos. Os cuidadores, ao vivenciarem as intervenções, entendem que o objetivo delas consiste na desenvoltura de práticas parentais mais responsivas e diminuição de comportamentos negativos na criança. Logo, podem responder de forma tendenciosa as perguntas dos questionários ou entrevistas ao final das intervenções. É necessário que estudos futuros lancem mão de métodos de avaliação que permitam a observação sistemática e permanente das interações entre adultos, e entre adultos e crianças.

A predominância feminina nas intervenções também foi um aspecto a refletir, porque, apesar de alguns estudos trazerem os pais, a figura masculina ainda é escassa nesse tipo de abordagem. Esta falta pode se dever ao processo de trabalho, no qual o homem ainda é o principal responsável pelos recursos financeiros da casa. A visão de que a mulher é a principal responsável pela educação da criança também pode influenciar a escassez da população masculina nesse tipo de trabalho.

Intervenções na parentalidade não aborda somente relação pais-criança, mas também relacionamentos entre adultos, torando a presença da figura paterna essencial para a aquisição de comportamento responsivo, melhoria do clima familiar e consequentemente, do sucesso da intervenção. Estudos futuros devem priorizar a presença do pai junto à mulher para solidificação dos conteúdos trabalhados nos programas e ações de promoção das habilidades emocionais na infância.

Nesse contexto, profissionais de enfermagem têm potencial para intervir na parentalidade, porque existem recursos que propiciam aproximação com famílias, em todos os níveis de atenção, especialmente no contexto da atenção básica, como por exemplo, através de visitas domiciliares, com o objetivo de fortalecer as competências parentais e autoconfiança, reduzindo

comportamentos violentos por parte desses cuidadores, e promovendo habilidades sociais, emocionais e cognitivas na criança. A ação de enfermeiros de forma contínua dentro de seu processo de trabalho permite o conhecimento das reais necessidades das famílias, aumentando ainda mais a eficácia das intervenções⁽¹⁶⁻¹⁷⁾.

Conclusão

A presente revisão sistemática teve como objetivo avaliar a eficácia da intervenção educativa participativa sobre as práticas parentais na melhoria do desenvolvimento social e emocional de crianças na primeira infância e idade pré-escolar. Mediante estudos que atenderam aos critérios de inclusão, pode-se observar que no geral, as intervenções na parentalidade, coparentalidade, relacionamento pais-criança e estímulo à brincadeira desenvolvem melhores escores no desenvolvimento social e emocional das crianças na primeira infância e idade pré-escolar.

No entanto, ainda existem lacunas que precisam ser preenchidas em estudos futuros que abordem esta temática, como o tempo de duração das intervenções e acompanhamentos a longo prazo para verificar a permanência dessas melhorias, o aumento da inclusão da figura paterna nas intervenções, metodologias que permitam avaliar de forma mais consistente os resultados dos escores nos instrumentos utilizados e busca de estratégias que permitam um aumento da adesão dos participantes nos grupos.

Referências

- 1 Silva DI, Mello DF, Mazza VA, Toriyama ATM, Veríssimo MLOR. Disfunções no desenvolvimento socioemocional de lactentes e seus fatores relacionados: uma revisão

integrativa. *Texto e Contexto Enferm.* 2019;28: e20170370. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-265x-tce-2017-0370>.

2 Alharbi MF. Emotional intelligence of Saudi children in the basic education program. *Saudi Med J.* 2018;39 (6): 615-21. doi: 10.15537 / smj.2018.6.22141.

3 Romero-López M, Pichardo MC, Ingoglia S, Justicia F. The role of executive function in social competence and behavioral problems in the last year of preschool. *Ann Phys.* 2018;34(3): 490-99. doi: <http://dx.doi.org/10.6018/analesps.34.3.307391>.

4 Bolsoni-Silva AT, Loureiro SR. Práticas Parentais: Conjugalidade, Depressão Materna, Comportamento das Crianças e Variáveis Demográficas. *Psico-USF* 2019;24(1): 69-83. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712019240106>.

5 St-laurent D, Dubois-comtois K, Milot T, Cantinotti M. Intergenerational continuity/discontinuity of child maltreatment among low-income mother–child dyads: The roles of childhood maltreatment characteristics, maternal psychological functioning, and family ecology. *Dev. Psychopathol.* 2019;31: 189-202. doi: 10.1017/S095457941800161X.

6 Pinheiro-Carozzo NP, Gato JJCV, Fontaine AMGV, Murta SG. Internal structure of the Parenting Practices Scales in a vulnerable sample: a confirmatory factor analysis. *Psychol Assess.* 2020;37: e190139. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e190139>.

7 Worku BN, Abessa TG, Wondafrash M, Lemmens J, Valy J, Bruckers L, Kolsteren P, Granitzer M. Effects of home-based play-assisted stimulation on developmental performances of children living in extreme poverty: a randomized single-blind controlled trial. *BMC Pediatr.* 2018;18(1):29. doi: 10.1186 / s12887-018-1023-0.

8 Carvalho O, Lobo CC, Menezes J, Oliveira B. O valor das práticas de educação parental: visão dos profissionais. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.* 2019;27(104): 654-684. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362019002701653>.

9 Moher D, Liberati A, Tetzlaff J, Altman DG. Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. *PLoS Med.* 2009; 6(7):e1000097. doi: <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pmed1000097>.

10 Adler-Baeder F, Garneau C, Vaughn B, McGill J, Harcourt KT, Ketrings S, Smith T. The Effects of Mother Participation in Relationship Education on Coparenting, Parenting, and Child Social Competence: Modeling Spillover Effects for Low-Income Minority Preschool Children. *Fam Pro.* 2016;X(X). doi: 10.1111/famp.12267.

11 Anis L, Letourneau NL, Benzies K, Ewashen C, Hart MJ. Effect of the Attachment and Child Health Parent Training Program on Parent–Child Interaction Quality and Child Development. *Can J Nurs Res.* 2020;52(2):157-68. doi: <https://doi.org/10.1177/0844562119899004>

- 12 Luoto JE, Garcia IL, Aboud FE, Singla DR, Fernald LCH, Pitchik HO, Saya UY, Otieno R, Alu E. Group-based parenting interventions to promote child development in rural Kenya: a multi-arm, cluster-randomised community effectiveness trial. *Lancet Glob Health*. 2021;9: e309–19. doi: <https://doi.org/10.1016>.
- 13 Brock RL, Kochanska G. Toward a Developmentally-Informed Approach to Parenting Interventions: Seeking Hidden Effects. *Dev Psychopathol*. 2016;28(2): 583–593. doi:10.1017/S0954579415000607.
- 14 Bagner DM, Coxe S, Hungerford GM, Garcia D, Barroso NE, Hernandez J, Rosa-Olivares J. Behavioral Parent Training in Infancy: A Window of Opportunity for High-Risk Families. *J Abnorm Child Psychol*. 2016;44(5): 901–912. doi:10.1007/s10802-015-0089-5.
- 15 Garvey C, Julion W, Fogg L, Kratovil A, Gross D. Measuring Participation in a Prevention Trial With Parents of Young Children. *Research in Nursing & Health*. 2006;29: 212–222. doi: 10.1002/nur.20127.
- 16 Sousa RCR, Monteiro EMLM, Albuquerque GA, Paula WKA, Coriolano-Marinus MWL. Nursing interventions to promote child development through bronfenbrenner’s bioecological theory. *Texto e Contexto Enferm*. 2021;30:e20200685. doi: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0685>.
- 17 Reticena KO, Yabuchi VNT, Gomes MFP, Siqueira LDE, Abreu FCP, Fracoli LA. Atuação da enfermagem para o desenvolvimento da parentalidade na primeira infância: revisão sistemática de escopo. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 2019;27: e3213. doi: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.3031.3213>.

ANEXO A - AVALIAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL POR MEIO DO THE SURVEY OF WELL-BEING OF YOUNG CHILDREN (SWYC)

MARCOS DO DESENVOLVIMENTO			
As perguntas a seguir são sobre o desenvolvimento de sua criança. Por favor, conte para nós o quanto sua criança faz cada uma destas coisas. Se sua criança já deixou de fazer alguma destas coisas, escolha a resposta que melhor descreve o quanto ele/ela costumava fazer isso antes. Por favor, verifique se respondeu TODAS as perguntas			
	Ainda não	Um Pouco	Muito
Conta a história de um livro ou programa de TV	0	1	2
Desenha formas simples como um círculo ou quadrado	0	1	2
Fala palavras no plural, por exemplo, pés, meninos, frutas	0	1	2
Usa palavras como "ontem" e "amanhã" corretamente	0	1	2
Fica sem urinar na cama a noite toda	0	1	2
Segue regras simples quando brinca com jogos de tabuleiros ou de cartas	0	1	2
Copia seu primeiro nome	0	1	2
Desenha figuras que você reconhece	0	1	2
Colore um desenho dentro das linhas	0	1	2
Sabe falar os dias da semana na ordem correta	0	1	2
LISTA DE SINTOMAS PEDIÁTRICOS (PPSC)			
Estas perguntas são sobre o comportamento da sua criança. Pense sobre o que você esperaria de outras crianças da mesma idade e nos conte o quanto cada pergunta descreve o comportamento de sua criança.			
	Não	Um Pouco	Muito
Sua criança... Parece medrosa ou nervosa?	0	1	2
Parece triste ou infeliz?	0	1	2
Fica chateada quando as coisas não são feitas do jeito que ela está acostumada?	0	1	2
Tem dificuldade para lidar com mudanças na rotina?	0	1	2
Tem dificuldades para brincar com outras crianças?	0	1	2
Quebra coisas de propósito?	0	1	2
Briga com outras crianças?	0	1	2
Tem dificuldade para prestar atenção?	0	1	2
Tem dificuldade para se acalmar sozinha?	0	1	2
Tem dificuldade em se manter em uma única atividade?	0	1	2
Sua criança é... Agressiva?	0	1	2
Inquieta ou incapaz de ficar sentada?	0	1	2
Brava\ Zangada?	0	1	2

E difícil para você...	Ir com sua criança a locais públicos?	0	1	2
	Acalmar sua criança?			
	Saber o que sua criança precisa?	0	1	2
	Manter sua criança nas rotinas do dia a dia?	0	1	2
	Fazer sua criança obedecer você?	0	1	2
		0	1	2
PREOCUPAÇÕES DOS PAIS (Parent Concerns)				
Com relação ao comportamento atual da sua criança:		Não	Um Pouco	Muito
Você tem alguma preocupação com o aprendizado ou com o desenvolvimento de sua criança?		☐	☐	☐
Você tem alguma preocupação com o comportamento de sua criança?		☐	☐	☐
PERGUNTAS SOBRE A FAMÍLIA (Family Questions)				
			Sim	Não
1	Alguém que mora com sua criança fuma cigarro?			
2	No último ano, alguma vez você consumiu mais álcool ou drogas do que pretendia?			
3	No último ano, você sentiu vontade ou necessidade de diminuir o seu consumo de álcool ou drogas?			
4	Alguma vez, o uso de álcool ou drogas por algum membro da família trouxe consequências negativas para sua criança?			
		Nunca aconteceu algumas vezes	Aconteceu Frequentemente	vezes
5	Nos últimos 12 meses, ficamos preocupados se nossa comida poderia acabar antes que pudessemos comprar mais.			
Durante as últimas duas semanas, com que frequência você ficou chateado por:				
		Nenhuma	Alguns Dias	Mais da metade dos dias
		Quas	Quas	Quas
		dias	dias	dias
6	Ter pouco interesse ou prazer em fazer as coisas?	0	1	2
7	Ficar desanimado(a), deprimido(a) ou sem esperança?	0	1	2
8	Em geral, como você descreveria seu relacionamento com seu marido/companheiro(a)?	Não tem conflito	Com algum conflito	Muito conflito
9	Você e seu/sua marido/companheiro(a) resolvem seus desentendimentos	Sem dificuldade	Com alguma dificuldade	Com muita dificuldade
10	Na última semana, quantos dias você ou outro membro da família leu para sua criança?	0	1	2

